

# VIDA E TRABALHO: O Risco de Educar

Volume I



organizado por  
NEÓFITA OLIVEIRA E GIORGIO CAPITANIO



[www.avsi.org](http://www.avsi.org)

---

**Coleção**  
**JUVENTUDE, EDUCAÇÃO E TRABALHO**  
**Itinerário para Educadores**

EDITORA



[www.avsi.org](http://www.avsi.org)

APOIO



ISBN 978-85-89391-04-7



9 788589 139104 7

**JUVENTUDE, EDUCAÇÃO E  
TRABALHO**

**ITINERÁRIO PARA EDUCADORES**

**VIDA E TRABALHO:  
O RISCO DE EDUCAR**

**VOLUME I**



COLEÇÃO  
JUVENTUDE, EDUCAÇÃO E TRABALHO  
ITINERÁRIO PARA EDUCADORES

VIDA E TRABALHO:  
O RISCO DE EDUCAR  
VOLUME I

ORGANIZADO POR  
NEÓFITA OLIVEIRA E GIORGIO CAPITANIO

1ª EDIÇÃO

EDITORA



[www.avsi.org](http://www.avsi.org)

APOIO



BELO HORIZONTE  
2008

**COLEÇÃO**

**JUVENTUDE, EDUCAÇÃO E TRABALHO - INTINERÁRIO PARA EDUCADORES  
VIDA E TRABALHO: O RISCO DE EDUCAR - VOLUME I  
ORGANIZADO POR NEÓFITA OLIVEIRA E GIORGIO CAPITANIO**

Tradução Italiano/Português: Neófita Oliveira

Revisão parcial: Saitec Editoração Ltda

Capa: Roberta Vasconcelos Leite e Neófita Oliveira

(Fotos cedidas pelas instituições educacionais apoiadas pelo projeto)

Projeto gráfico e produção gráfica: Juliana Vaz e Derval Braga

Impresso no Brasil

ISBN: 978-85-89391-04-7

Copyright © – Fundação AVSI – 2008

Este material, ou parte dele, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

---

Vida e Trabalho: o Risco de Educar - Volume I; coleção:  
Juventude e Educação e Trabalho - Intinerário para Educa-  
dores; Neófita Oliveira e Giorgio Capitanio, organizadores;  
Belo Horizonte: AVSI, 2008  
232 p.; 14,0 x 21 cm.

1. Educação. 2. Aspectos sociais - Brasil, I. Oliveira, Neófita et al.  
II. Fundação AVSI.

CDD 370

## SUMÁRIO

• APRESENTAÇÃO .....	9
• PREFÁCIO .....	13
• INTRODUÇÃO .....	19
• Capítulo 1	
FATORES FUNDAMENTAIS DO FENÔMENO	
EDUCATIVO .....	23
• A riqueza de uma tradição .....	27
• O educador.....	28
• A verificação da proposta do educador .....	32
• Síntese .....	36
• Capítulo 2	
TRADIÇÃO E CULTURA ASSOCIADAS NA	
EDUCAÇÃO .....	39
• Considerações sobre a proposta de Luigi Giussani .....	39
• Tradição, cultura, educação e família.....	42
• Transformação cultural.....	44

• Tradição popular.....	46
• A tradição “da” e “na” família.....	47
• A memória, a tradição, as pessoas.....	48
• Alguns mitos da educação atual.....	49
• A força da lembrança.....	50
• As tradições e a Sociologia da Educação.....	50
• O risco da educação.....	53
• Referências.....	53
• Capítulo 3	
A PESSOA, A TRADIÇÃO E O PERCURSO	
EDUCATIVO.....	55
• Educação: introdução à realidade total.....	56
• A tradição e o desenvolvimento da pessoa.....	62
• Conclusão.....	67
• Referências.....	67
• Capítulo 4	
A PROPOSTA EDUCATIVA.....	69
• O que é educação ?.....	70
• Proposta e resposta.....	72
• Diálogo.....	78
• Capítulo 5	
MESTRE E AUTORIDADE.....	95
• Referências.....	100
• Capítulo 6	
COMO LEVAR A SÉRIO O DESEJO DO JOVEM? ....	101
• Introdução.....	101
• O que dizem os autores sobre juventude/adolescência..	103
• Levam a sério o desejo do jovem:.....	109
- A experiência de crescer.....	110



- O olhar do adulto para o desenvolvimento do jovem..	111
- Quem é esse adulto? .....	113
- Aspectos que permitem levar a sério o desejo do jovem.....	118
• Pontos de método no trabalho com os jovens .....	121
• Como enfrentar a decepção? .....	125
• Amor à tradição .....	128
• Apêndice .....	129
• Referências.....	130
• Capítulo 7	
ACOMPANHAMENTO DE JOVENS NA VERIFICAÇÃO PESSOAL DE UMA HIPÓTESE EDUCATIVA .....	133
• Necessidade de verificação pessoal .....	135
• Atenção com a origem.....	136
• Solicitação incansável.....	138
• Condições para a verificação pessoal .....	144
• Referências.....	152
• Capítulo 8	
RESPONSABILIDADE E LIBERDADE DO JOVEM	153
• Liberdade e pessoa .....	153
• O ponto de partida.....	155
• A acolhida.....	158
• O relacionamento.....	160
• Realidade, mistério e positividade.....	165
• Liberdade, regras e limites.....	170
• Liberdade e caridade .....	175
• Liberdade e responsabilidade .....	180
• Diálogo .....	183
• Referências.....	184

• Capítulo 9	
AS INSTITUIÇÕES E SUAS EXPERIÊNCIAS.....	185
• Relatos de experiências .....	216
• APÊNDICE .....	223
• Visita ao Museu de Artes e Ofícios .....	223
• Uma experiência em educação .....	226

## APRESENTAÇÃO

# EDUCAÇÃO E TRABALHO: UM ENFOQUE HUMANISTA

No mundo contemporâneo, algumas palavras ganharam conotações estranhas, negativas. É o caso, muitas vezes, das palavras “educação”, ou “trabalho”. As pessoas muitas vezes falam do trabalho, vivenciam o trabalho como alguma coisa de que é preciso se ver livre, pois só o associam a opressão, dominação, obrigação. Ora, o trabalho não é só isso. Pode ser também uma via para a realização pessoal, através da criação de novos objetos, novos instrumentos para a vida, e de relações sociais e humanas mais compensadoras. Os jovens muitas vezes falam também da educação como uma obrigação irritante, repetitiva, instrumentalizadora. Mas também a educação não pode ser só isso. Muitos de nós se lembram com prazer de seus anos de escola como oportunidade para conhecer e interagir com o outro, em um ambiente de colaboração, de respeito mútuo, e de conquista coletiva de novos conhecimentos.

O livro que o leitor tem agora em mãos pretende, creio, chamar a nossa atenção justamente para alguns aspectos

esquecidos da atividade humana na educação e no trabalho, presentes na dimensão da criação de novas formas de vida e de sociabilidade, mais compensadoras e exigentes do ponto de vista ético. Nesse sentido, a obra focaliza a formação de jovens para o trabalho, e de seus educadores, como uma tarefa de grande responsabilidade social. Através dessa formação, propõem os autores, tanto os educadores quanto os jovens educandos podem vir a encontrar esse lado interessante, instigante da própria educação e de seu sucedâneo, o trabalho: o projeto de formação pessoal e grupal para a vida em comunidade.

Em que consiste essa experiência de ver a educação e o trabalho como vias para a realização pessoal e de contato com o outro? Os autores a apresentam como uma experiência de pensar e viver em grupo, em uma comunidade solidária. Não faz sentido pensar a sociedade somente como um conjunto de instituições de que devemos usufruir, e nas quais nosso trabalho é requerido apenas em sua dimensão técnica, instrumental. Ao contrário, é preciso pensar a sociedade – e por extensão, o trabalho e a própria educação – como um processo de construção de pessoas comprometidas com a qualidade de sua relação consigo mesmas e com o outro, e com a criação de novas formas de vida e de sociabilidade. Para descrever essa experiência, inspiram-se na obra de Luigi Giussani, e utilizam palavras que denotam esse lado esquecido da experiência humana – solidariedade, intersubjetividade, liberdade.

Para Miguel Mahfoud, por exemplo, é na atividade educativa que as pessoas se posicionam em relação à vida, ao que consideram justo e necessário. Mas esse posicionamento não é apenas individual, pois se trata de atividade que requer a troca de opiniões com o outro, essa troca que é inerente ao próprio processo de construção e transmissão do conhecimento. O educador Jean Piaget também pensava assim,

e via a atividade educativa como o terreno de eleição para o que ele chamava de coordenação de pontos de vista. Por isso Piaget recomendava o trabalho em grupo, na educação, como forma de potencializar essa capacidade que todos temos de conhecer o ponto de vista do outro e, através desse conhecimento, nos transformarmos a nós mesmos. Essa transformação pessoal, que passa necessariamente pela articulação com o grupo, conduz, para Piaget, ao autogoverno, isto é, à consciência da nossa responsabilidade e do sentido de nossa ação no processo coletivo.

Essa visão da educação, que encontramos em vários autores deste livro, e que exemplificamos no trabalho de Mahfoud, é fundamental para que a educação (e também o trabalho) se liberte do aspecto mecânico, instrumental, e se torne um processo verdadeiro de formação pessoal e grupal. Nesse processo, as pessoas podem encontrar um sentido para sua atividade, um sentido que ultrapassa a mera dimensão utilitária, e que produz realizações.

Para mim, esse é o sentido deste livro: chamar a atenção dos educadores, na contemporaneidade, para esse papel importante que tem de despertar nos jovens – e em si mesmos – o interesse pela busca de um significado mais amplo para sua atuação. O livro relata uma experiência de formação de educadores que tem esse aspecto interessante: no lugar dos cursos de capacitação repetitivos e maçantes, nos quais os educadores só são chamados a ouvir e se apropriar das informações já codificadas, o método utilizado propõe um convite à reflexão e ao engajamento pessoal em um projeto que faça sentido em termos de humanização e de desenvolvimento da consciência ética.

Por esse motivo, recomendo a leitura da obra: como lembrança de que temos todos esse ideal de contribuir com algo

de novo, que tenha ressonância, que promova a convivência mais autêntica e solidária entre as pessoas.

Regina Helena de Freitas Campos  
Professora de Psicologia da Educação  
Faculdade de Educação da UFMG

## PREFÁCIO<sup>1</sup>

Uma novela de um escritor italiano do século XX pode nos fornecer a idéia exata da importância de um curso sobre educação e trabalho. A narrativa se intitula *Ciáula scopre la luna* (“Ciáula descobre a lua”), de L. Pirandello, e fala de um jovem, Ciáula, que trabalha numa mina e passa o tempo empurrando um carrinho cheio de carvão, feito um animal. Certa noite, algo imprevisível acontece:

“A escada era tão íngreme que, Ciáula, com a cabeça esticada e comprimida sob o peso da carga, chegando à última curva, por mais que erguesse os olhos para olhar o alto, não podia ver o buraco que se abria no alto.

Curvo, quase tocando com a frente o degrau acima de si [...] ele subia, subia, subia do ventre da montanha, sem prazer, ao contrário, com medo da próxima libertação. E ainda não via o buraco que lá em cima, no alto, abria-se como um olho claro, de uma deliciosa claridade de prata.

---

1 Texto original em Italiano.

Percebeu somente quando chegou aos últimos degraus. Primeiro, por mais que lhe parecesse estranho, achou que fossem os derradeiros raios do dia. Mas a claridade aumentava, aumentava sempre mais, como se o sol, que ele vira declinar, tivesse reaparecido.

É possível?

Assim que saiu ao aberto, ficou estupefato. A carga caiu de suas costas. Ergueu um pouco os braços; abriu as mãos negras naquela claridade de prata.

Grande, plácida, como num fresco luminoso oceano de silêncio, a Lua estava à sua frente.

Sim, ele sabia, sabia o que era; mas como se sabem tantas coisas, às quais nunca se deu importância. E que importava a Ciáula que a Lua estivesse no céu? Agora, somente agora, saído assim, de noite, do ventre da terra, ele a descobria.

Estático, senta-se sobre sua carga, à frente do buraco. Ei-la, ei-la, ei-la, a Lua... Existia a Lua! a Lua!

E Ciáula se pôs a chorar, sem saber, sem querer, pelo grande conforto, pela grande doçura que sentia, ao tê-la descoberto, ali, enquanto ela subia ao céu, a Lua, com seu amplo véu de luz, alheia aos montes, às planícies, aos vales que iluminava, alheia a ele que, inclusive, dela não sentia mais medo, nem se sentia mais cansado, na noite agora repleta de seu maravilhamento”.

Ciáula vê a lua e, olhando-a pela primeira vez com consciência, percebe readquirir a dignidade de ser humano. Essa narrativa descreve o mesmo ímpeto que quem deu vida às obras cujos educadores participaram desse curso de formação deseja despertar nos jovens com os quais trabalha.

Ciáula descobre a lua, ou seja, descobre uma beleza que o desperta. É isso que fazem essas obras com os jovens: ajudar-se a se despertar, isto é, a não ser chantageados pelo instinto, a não ficar marginalizados. Ano passado, durante um



curso de formação interna na associação que eu dirijo, um dos palestrantes, o presidente da Cooperativa “L’imprevisto”, de Pesaro/Itália – que cuida de jovens em conflito com a lei – Silvio Cattarina, nos dizia: “Constatamos que todos os nossos jovens vivem em condição de abandono: têm uma família sem jamais ter tido, têm pais sem que isso seja uma família. Gostaria de encontrar uma definição para esses jovens diferente da palavra ‘desviados’, que é tão legalista, judiciária, justicialista. Pelo menos na Idade Média os nossos jovens que não se saíam bem, que aprontavam de tudo, que fugiam, eram chamados *periclitantes*: eram aqueles que estavam em perigo”.<sup>2</sup>

Perigo de quê? De “**ausentar-se**” por um tempo indeterminado do empenho consigo mesmos e com o mundo que os circunda.

Giorgio Vittadini (presidente da Fondazione per la Sussidiarietà<sup>3</sup>), na introdução do livro de apresentação de obras dedicadas à formação profissional observava: “A situação de alguns jovens em dificuldade é uma ferida: é uma ferida que a pessoa não trabalhe, que um jovem não estude ou não trabalhe. [...] mas não podemos parar na análise, é preciso acompanhar esses jovens, é preciso ser a beleza para eles. Como? Descobrimo o ofício, a capacidade de dar forma a alguma coisa, de manipular a realidade. Ensinando-lhes um ofício – e acrescentava – que é uma coisa simples e muito italiana”.<sup>4</sup>

---

2 Silvio Cattarina, Presidente da Comunidade Terapêutica Educativa “L’imprevisto”, de Pesaro. Projeto no. 275561, *Innovazione metodologica per il successo formativo*, Região Lombardia, Ação 281549, Formação de educadores (2006).

3 Entidade italiana criada em 2002 como lugar de diálogo entre sujeitos empenhados em “sustentar a pessoa no seu itinerário de formação, de presença e de expressão na sociedade” (art. 2 do Estatuto). Sua ação é baseada no princípio de subsidiariedade que afirma a primazia da pessoa em relação à sociedade (subsidiariedade horizontal) e da sociedade em relação ao Estado (subsidiariedade vertical), para que cada decisão referente ao interesse geral seja tomada no nível mais próximo do cidadão.

4 *L’amiciizia si fa strada* – Un’altra opportunità nelle opere della CdO, Itaca, p.4.

Nestas férias, li alguns romances de Chaim Potok. Num destes, intitulado *Il mio nome è Asher Lev* (“Meu nome é Asher Lev”) aparece constantemente esta expressão: “Não debes desprezar o mundo de Deus, ainda que não seja completo”, “deves completar”. Ou ainda na introdução de *Storia degli ebrei* (“História dos judeus”), sempre de Potok, na primeira página aparece escrito: “Por alguma misteriosa razão, o mundo de Deus era imperfeito. A tarefa do homem era ajudar Deus a aperfeiçoá-lo”.<sup>5</sup>

Deus criou o mundo incompleto e confiou ao homem a tarefa de completá-lo. Portanto, o trabalho conduz o homem a uma realização não só de si, mas também da incompleta realidade que o cerca.

Isto é o trabalho, e é também o seu sentido.

Existe, porém, uma séria dificuldade que não é só dos jovens.

Monsenhor Francesco Ventorino, em sua palestra durante o *Meeting*<sup>6</sup> deste ano, falou: “A pessoa humana tem o poder de ‘fazer birra diante do ser’. É essa carência atroz [...], essa tremenda carência de maravilhamento diante da beleza, de capacidade receptiva da beleza. Só na experiência de um grande amor é possível superar esse fazer birra diante do ser, esse bloqueio na reatividade, que ao final se transforma em ódio de si mesmos pois é ódio do próprio destino. É num relacionamento, no qual nos sentimos afirmados mais do que conseguiríamos fazer por nós mesmos, que renascem o amor e

---

5 C. Potok, *Storia degli ebrei*, Garzanti, p. 9.

6 O *Meeting* pela Amizade entre os povos é um evento cultural constituído de mesas-redondas, palestras e encontros, mostras, espetáculos musicais e teatrais, com a duração de uma semana no mês de agosto, que acontece desde 1980 em Rímíni/Itália.

a estima pela realidade, a partir da estima pela nossa pessoa, e a certeza de um destino bom para a nossa vida e para o todo”.<sup>7</sup>

Por isso, o curso insistiu na figura do educador como tal, pois educar significa ser oportunidade para esse relacionamento que escancara de novo à realidade.

Concluo com uma provocação de um outro escritor judeu, A. Appelfeld. Em seu livro, *Tutto ciò che ho amato* (“Tudo aquilo que amei”) há um pai que não quer mandar o filho para a escola e diz: “Não vale a pena arruinar uma vida inteira por um pouco de matemática. Na escola, como no rebanho, existe quem manda e quem segue. No lugar de um filho que segue, tenho um filho cujo coração pede”.<sup>8</sup>

É uma provocação. Mas é evidente que o desafio, também desse curso de formação, é este: que por meio de todos os instrumentos da formação possamos suscitar “corações que peçam”.

Stefano Giorgi  
Coordenador geral do curso

---

7 F. Ventorino, “La verità è il destino per il quale siamo fatti”, Rimini, 20 de agosto de 2007.

8 APPELFELD, Aharon, *Tutto ciò che ho amato*, Giuntina: Firenze, p.205.



## INTRODUÇÃO

*Vida e trabalho: o risco de educar* é o primeiro volume da coleção *Juventude, educação e trabalho: itinerário para educadores* que contém o percurso de formação para educadores ocorrido entre março de 2006 e abril de 2007, e que tenciona abordar a temática da preparação do jovem para o ingresso no mundo do trabalho propondo uma contribuição metodológica que leve em consideração, antes de tudo, o jovem e seu potencial.

O trabalho é uma atividade tão antiga quanto a própria humanidade. Desde que o homem passou a dominar formas elementares da execução de atividades, o trabalho ocupa um inegável espaço na sua existência. O trabalho confere identidade. Ciampa afirma que “é pelo agir, pelo fazer, que alguém se torna algo: ao pecar, pecador; ao desobedecer, desobediente; ao trabalhar, trabalhador”.<sup>9</sup> Não apenas o modo como é executado, mas também seus resultados são importantes na construção da identidade humana e ambos os fatores dizem

---

9 CIAMPA, A. Identidade. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Orgs.) *Psicologia Social: o homem em movimento*. 13ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 58-75

respeito à questão do significado do trabalho e da satisfação obtida por seu intermédio.

Para muitos, porém, o trabalho pode ser encarado tão-somente como modo de produção, exploração ou ainda como um pretenso direito. Para esses, trabalhador é aquele que emprega arduamente tempo e energias para garantir o sustento próprio e de seus dependentes com baixa remuneração e escassa ou nenhuma possibilidade de ascensão. Nessa visão limitada, preparar ou “educar” a pessoa para o trabalho é o mesmo que agir em favor da manutenção de uma ordem previamente determinada.

Como, então, falar de trabalho para o jovem, de preparação e mesmo de educação para o trabalho sem incorrerem na limitação de uma visão reduzida do seu significado? Somente se o jovem for acompanhado num percurso de formação que, mais do que conhecimentos técnicos e mecânicos para uma qualificação profissional qualquer, permita-lhe igualmente entender e experimentar o trabalho como expressão do seu próprio eu, da sua pessoa, daquilo que é mais seu do que qualquer outra coisa, ou seja, do seu anseio de se realizar.

Caminhar com o jovem na trajetória desse conhecimento é um enorme desafio para o educador, pois este, em primeiro lugar, é que é convocado a refletir e a se posicionar sobre o sentido do trabalho para si mesmo, antes de propô-lo ao jovem. Educar para o trabalho é, antes de tudo, educar para a vida, e isso requer da parte de quem educa uma enorme abertura e robustez para se propor ao outro, uma vez que é da solidez humana e profissional desse educador que será possível também para o jovem vislumbrar para si a mesma solidez, essencial para se tornar protagonista de sua história.

É disto que tratam os capítulos que compõem esta obra. O termo “educador”, aqui tão recorrente, não define apenas o sujeito que ministra um conteúdo de formação para o jovem, seja qual for essa formação, mas define também o vigia, o

motorista, a cozinheira, a faxineira da instituição, passando por seus coordenadores, pessoal administrativo, diretores, etc. Ou seja, todos os que estão envolvidos numa instituição educacional carregam a responsabilidade de educar. Isso porque essa é tarefa da vida, e não um papel que se desempenha.

O curso de formação para educadores “Vida e trabalho: o risco de educar”, objeto desta edição, teve como foco justamente a pessoa do educador e seus desafios. Realizado pela Fundação AVSI em colaboração com a Fondazione per la Sussidiarietà, o curso se insere no contexto do projeto intitulado **Educação para o trabalho de jovens em situação de vulnerabilidade social em busca do primeiro emprego**, projeto este financiado pelo Governo Italiano e Região Lombardia/Itália, e desenvolvido na Região Metropolitana de Belo Horizonte/MG. O projeto também promoveu e fortaleceu atividades de qualificação profissional para cerca de 2400 jovens de baixa renda em situação de vulnerabilidade social, dos quais 50% estão inseridos no mercado de trabalho.

O conteúdo do curso, com carga horária de 60 horas, desenvolveu-se por meio de módulos temáticos tendo como eixo condutor dos vários temas abordados a obra *Educar é um risco*<sup>10</sup>, de Luigi Giussani. Parte fundamental dessa obra é apresentada no DVD “Introdução à realidade total. Educar é um risco”, que integra esta edição. Giussani foi um homem apaixonado pelo próprio destino e, conseqüentemente, apaixonado por qualquer um que o encontrasse, a ponto de despertar nesse outro um intenso ardor pela vida, um intenso desejo de realizar e realizar-se. E a tarefa da educação, especialmente da educação de jovens em situação de vulnerabilidade, seja qual for, consiste exatamente em despertar no outro esse ardor e esse desejo, essa energia para se lançar na realidade sem temer a sua aparência,

---

10 Giussani, Luigi. *Educar é um risco: como criação de personalidade e de história*. Tradução Neófito Oliveira e Francesco Tremolada. Bauru: Edusc, 2004, 222 p.

pois ele começa a descobrir que tudo é para si e que em tudo há uma beleza que atrai.

Aprofundar o tema da cultura e significado do trabalho utilizando o método de uma comparação pessoal necessária entre os conteúdos propostos e a pessoa do educador foi o grande desafio desse curso. Para tanto, os módulos foram desenvolvidos por meio da exposição do conteúdo e de sua retomada quinzenal. A cada retomada, os educadores expunham suas experiências decorrentes quer de uma reflexão pessoal, quer da verificação daquele conteúdo na sua prática diária atentando para o método proposto, a comparação.

Ainda no contexto da metodologia proposta, foram utilizados recursos que favorecessem a presença atenta e descontraída dos participantes, tais como audição de música clássica e música popular, exposição de mostra feita pelos jovens, visita ao Museu de Artes e Ofícios, relato de experiência de educador, filme, além do “Para Casa” quinzenal que consistia em perguntas formuladas com o intuito de facilitar o trabalho de comparação e de verificação entre o conteúdo apresentado e o cotidiano do educador.

Vale ressaltar a riqueza das inúmeras experiências relatadas já desde as primeiras exposições, uma riqueza que constatamos ser elemento vivo e visível nas atividades desenvolvidas pela maioria dos educadores presentes e que traduzimos com a palavra “paixão”. Existe, de fato, uma paixão dos educadores pelo trabalho que realizam, sendo ela o motor que põe em movimento ações que alcançam resultados surpreendentes, sobretudo nas condições mais precárias.

Esperamos que o conteúdo aqui proposto seja compartilhado, replicado e transmitido a tantos educadores abertos ao fascinante desafio de educar para a vida.



## CAPÍTULO 1

# FATORES FUNDAMENTAIS DO FENÔMENO EDUCATIVO<sup>11</sup>

Luigi Giussani<sup>12</sup>

Não nos esqueçamos, principalmente pelos freqüentes apelos do papa João Paulo II em seus discursos, de que o problema educativo é o problema capital numa sociedade que possui uma consciência civil minimamente evoluída. Lembro-me de que nos primeiros anos em que dava aula de Religião, muitas vezes, nas polêmicas e nos debates em classe, eu dizia: “Por favor, mandem-nos – nós, do clero – nus pelas ruas, tirem-nos tudo, mas não nos tirem a possibilidade de educar”. E tive de constatar amargamente, nos anos seguintes, que buscamos de tudo, mas sacrificamos a liberdade de educação.

Gostaria de me referir àqueles que me parecem ser os traços fundamentais do fenômeno educativo, começando pela citação de um trecho de Eliot:

---

11 Texto original em Italiano.

12 Teólogo, fundador do Movimento Católico Comunhão e Libertação, educador, autor da obra *Educar é um risco*, entre outras.

De tudo o que se fez no passado [passado, esta é a primeira palavra do problema educativo], sabeis agora que do fruto haveis comido, maduro ou apodrecido.

E a Igreja deve estar sempre em construção, e sempre em agonia, e sempre em restauração.

Sofremos a consequência de cada má ação no passado cometida:

Por indolência, por usura, por gula, por desleixo com o Verbo de Deus.

Por orgulho, por luxúria, por traição, por cada ação pecaminosa.

E sois herdeiros de tudo o que de bom se fez outrora.

Pois as boas e más ações pertencem a um homem apenas, quando de pé ele se põe do outro lado da morte.

Mas aqui sobre a Terra recebeis a recompensa pelo bem e pelo mal que antes de vós outros fizeram.

E podeis reparar todo o mal que vos antecedeu se lado a lado caminhardes em humilde penitência, expiando os pecados de vossos pais;

E por tudo o que era bom deveis lutar a fim de preservá-lo em vossos corações contritos, como o fizeram vossos pais ao lutar por conquistá-lo.

A Igreja deve estar sempre em construção, pois que está sempre a desabar por dentro e por fora desde sempre ameaçada;

Porque esta é a lei da vida; e deveis recordar que nos tempos de fartura

O povo esquecerá o Templo, e o cobrirá de injúrias no tempo do infortúnio.<sup>13</sup>

---

13 Eliot, T.S. Coros de "A Rocha", in *Poesia*. Tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 180-181.

O primeiro fator fundamental do fenômeno educativo está aí proclamado. Ainda que fosse um vestígio do passado, é no presente que o fenômeno educativo se torna educação, pois trata-se de um fenômeno que é evidentemente algo presente. É um relacionamento presente, mas para educar – um grande e bom teólogo austríaco deu-me a que considero a melhor definição de educação que encontrei até hoje – o homem deve ser introduzido na totalidade da realidade. Mas por quê? Porque – observa continuamente o Papa quando fala de educação ou de cultura, que são a mesma coisa – a educação é o instrumento principal da cultura e, em última instância, as duas palavras possuem raízes que remetem uma à outra: o homem deve ser educado para que se torne mais ele mesmo, para que se realize.

Com efeito, o homem não se realiza senão por meio do encontro com o outro. É provável que alguém se lembre do filme *A sinfonia pastoral*, baseado na obra de André Gide, no qual ele conta a história de um pastor protestante que, durante o Natal, visitou suas ovelhas e entrou também numa choupana muito pobre com o teto caído quase até o chão e, naquela paupérrima habitação, enquanto conversava com os dois moradores muito idosos, percebeu que o que lhe parecia um amontoado de farrapos, no sótão, estava se mexendo. Curioso, levantou-se, aproximou-se e viu que havia, sob aquele monte de trapos, uma moça de mais ou menos 17 anos. Essa moça tinha nascido cega e surda, depois ficara muda. Os dois moradores da choupana eram seus avós. A mãe, filha deles, morrera ao dar à luz aquela criatura. Os avós fizeram todos os gestos característicos para despertar a reação da menina, mas ela não percebia nada. Ignorantes e já cansados, por serem muito idosos, deixaram-na ali, sempre no mesmo lugar, dando-lhe simplesmente a comida. Ela tinha crescido como um bicho. Então, o pastor protestante se encarregou da reabilitação daquela criatura.

Depreende-se daí que o primeiro conteúdo do romance é verdadeiro: o homem se desenvolve por meio de um relacionamento, pelo contato com um outro. O outro é necessário para que o homem exista, como também para que se realize, se torne cada vez mais ele mesmo. Por isso o homem está destinado a uma realização de si no horizonte total. Portanto, ao menos potencialmente, a educação deve ter como alvo introduzir o homem na realidade total. Mas essa realidade total ou essa realidade com a qual o sujeito se depara, com que olhar, ou seja, com que critérios, melhor ainda, com que “hipótese de significado” será encarada?

Se não houvesse uma hipótese de significado, se não houvesse um ponto de vista anterior, tudo isso teria menor valor. Basta entrar nesta sala para se verificar como é diversa a reação que cada pessoa experimenta diante dessas obras-primas conforme a evolução que a sua consciência teve. Em suma, um pai, identificando-o como o educador por excelência, por natureza, baseado em quais termos introduzirá o filho na relação com a realidade?

Sem proposta, a relação com a realidade é puramente reativa e é como se começasse sempre do zero, pura reatividade, instintiva ou de opinião, mas não seria jamais um conhecimento no sentido pleno da palavra. Insisto com os jovens no uso do termo da fórmula científica “hipótese de trabalho”, porque um homem conhece somente com base nela. A genialidade do homem consiste na descoberta de uma hipótese de trabalho mais adequada. Essa hipótese, com base na qual um pai introduz o filho na realidade, chama-se passado.

Eu disse que o fenômeno educativo se joga no instante, num presente. Mas o que é o presente? Um instante. O instante presente é nada. A sua densidade, a sua riqueza é a herança de um passado, incluindo o instante precedente. No instante presente entra em jogo somente aquela coisa misteriosa que se

chama liberdade que manipula de certo modo o que chega do precedente, do passado.

### **A RIQUEZA DE UMA TRADIÇÃO**

O primeiro fator fundamental de uma educação é a riqueza de uma tradição. Sem isso não existe possibilidade de educação ou a educação diminui, achata-se. É como um encefalograma que pode apresentar um traçado plano. O primeiro fator é a riqueza da tradição. Esta é a grande hipótese ou ponto de vista com que a natureza assiste a nova criatura no impacto com a realidade.

A aventura na qual a existência coloca a nova criatura é cheia de dotes, não é despojada, nua, neutra. Esse dote chama-se passado, e insisto em observar – Soljenitsin, nesse sentido, possui páginas belíssimas – que um regime, um poder, que queira subjugar um povo, antes de tudo deve cortar suas ligações com o passado, pois um povo que não rompe com o passado, um povo cuja memória não seja esvaziada, anulada, possui um potencial de juízo, portanto de crítica, e, assim, um grande potencial de rebelião.

Inversamente, quanto maior é a riqueza de uma tradição proposta, tanto mais o educando possui um relacionamento pacífico com quem é mais velho, com o pai e com a mãe. É preciso cuidar da tradição. Isso significa que o ator, o mediador da oferta deve ser o mais possível consciente daquilo que transmite. Não é de forma alguma identificável a consciência com a riqueza, talvez porque a maior parte da riqueza possa ser comunicada também sem consciência crítica, mas quanto mais se é consciente criticamente, tanto mais explosivo é o fascínio que a tradição exerce. Acredito que a certeza ou a estabilidade, ou o equilíbrio psicológico de uma pessoa estejam extremamente

ligados à positividade de uma proposta que resuma para a sua vida nova, que se agita, o passado, a tradição.

Um sentido para a vida, um significado para a vida, não pode deixar de ser identificado, antes de tudo, em um passado ou por este oferecido. De fato, a palavra “tradição” não significa simplesmente um depósito de notícias, de dados ou de hábitos comportamentais, mas, sobretudo, significa um sentido. Portanto, uma educação depende, principalmente, da devoção, da fidelidade e da consciência do passado que o educador possui e é proporcional a elas.

## O EDUCADOR

Isso marca a passagem que delinea o segundo fator do processo educativo: a tradição como proposta atua na figura do educador.

Não acredito que haja afirmação mais desprovida de sentido do que a que diz que um pai não deve dar ao filho idéias, sentimentos, valores que, crescendo, o filho deveria escolher por si mesmo. Não há nada de mais insensato e inatural, pois um pai e uma mãe o são não só por darem o leite no início e depois o arroz ao filho que cresce, mas por darem a si mesmos, caso contrário, o ideal seria ter um pai bobo e uma mãe idiota. É evidente que, com o passar dos anos, se passo a ter estima, devoção e gratidão sempre maior pelos meus finados pais, é porque vou me apercebendo do que eles foram e descubro riquezas nas suas palavras e nas suas atitudes que não tinha descoberto antes. Mas quando, e isto eu recordo sempre, minha mãe vinha dar-me o beijo de boa-noite ajeitando os cobertores da cama, e todas as noites, antes de eu ir para o seminário, por pelo menos dez anos, me dizia: “Pense nas crianças que não têm pai, pense nas crianças que não têm mãe, que não têm teto ou têm o teto furado e se molham quando chove, naqueles

que não comeram hoje como você comeu”, percebo como desenvolveu o sentido das relações aquela breve frase dita com descuido sem que eu entendesse o seu valor, apenas me comovendo vez ou outra, e que entendi dezenas de anos depois e à qual devo certa sensibilidade; também o comportamento de meu finado pai. Tanto mais rico de consciência e de conteúdos é o educador, suas palavras e suas atitudes!

A respeito desse ponto de vista, gostaria de fazer uma observação que algumas vezes vi provocar reações nas pessoas. A principal questão na postura do educador não está tanto na coerência do ponto de vista ético, até porque o jovem, desenvolvendo-se e tendo superado certo momento da adolescência, entende muitíssimo bem que seu pai é um homem como todos os outros, assim como sua mãe, como todas as mulheres. A incoerência na vida concreta, prática, suscita vários sentimentos, desde a raiva, se convier, até o contentamento, como aval para as suas próprias fugas. Mas o jovem precisa ver a coerência ideal no educador.

Quando os pais insistem sobre certos valores e depois, na apreciação dos casos da vida, na atenção, nas sugestões sobre o futuro, não levam nunca em consideração os valores sobre os quais insistem, isso gera escândalo, uma ferida que raramente pode ser curada. Isso porque o jovem tem uma exigência lógica, racional grandíssima. Se você insiste sobre esse ideal, mas depois, em todos os seus juízos, esse ideal nunca acontece, isso gera falta de estima. Pode ser que eu esteja sublinhando unilateralmente reflexões e experiências feitas, mas estou convencido de tudo o que disse agora. O sujeito educador deve ser, então, o mais consciente possível e manter, perante sua proposta, uma postura de coerência intelectual, de juízo e, portanto, de sugestão e de avaliação adequada daquilo em que insiste.

Como é destrutivo que o sujeito propositor seja contraditório na escolha dos colaboradores! Ou seja, que os

pais façam uma proposta no nível de certos valores últimos dos significados e o professor, na escola, assim como a companhia a qual deixam o filho freqüentar tranqüilamente, façam outra diferente. Não seria destrutivo se tudo fosse enfrentado de forma consciente e crítica. Nesse caso, seria um aspecto da introdução do educando na realidade total. Mas as razões devem vir à tona. Tudo o que é censurado provoca mal-estar e um fermento inconsciente, mas muito ativo no fundo do coração ou, então, deixa passar coisas contraditórias, tornando o espírito desprevenido diante da necessidade moral e ética. Por isso, além de ser consciente da tradição, o sujeito educador deve ter o grande trabalho de identificar os colaboradores segundo a linha da preocupação que foi ou que é fundamental no relacionamento com os próprios filhos.

A respeito desse ponto, creio que se deva fazer qualquer sacrifício, pois não há atentado maior contra os jovens do que a incoerência da linha propositiva. Lembro-me de que certo dia, saindo do Liceu Berchet, no átrio que levava à escada, uma mãe vinha entrando muito agitada. Logo que me viu, ela me agrediu, dizendo: “Meu filho entrou aqui na primeira série do ensino médio; antes, vinha comigo à igreja, rezávamos juntos; agora, está na última série e não quer mais ir à igreja, e a culpa é sua, como professor de Religião”. Eu lhe respondi: “Senhora, quantas vezes em cinco anos a senhora se preocupou em saber como seu filho se comportava comigo, que avaliação eu fazia dele? Por que a senhora nunca se preocupou com o fato de seu filho andar sempre com fulano e beltrano? Principalmente, por que a senhora nunca se preocupou com o que diziam o professor de Italiano e o professor de Filosofia?” – e eu lhe disse os nomes.

Uma coerência de proposta é uma questão importante de sanidade e de intensidade de rendimento de uma personalidade. Paradoxalmente, só se um jovem for ajudado a experimentar, a verificar até o fundo uma hipótese coerente de abordagem da



vida, será também capaz, por lealdade, em virtude dos valores reais adquiridos, de abandonar aquele caminho e de projetar outro. Mas enfrentar a existência ou permitir que se enfrente a existência sem antes de tudo ser leal com aquilo de onde se nasce, isto é, com a tradição, atenta e criticamente abordada – mais adiante explicarei também isso –, significa mais uma vez fazer da própria reatividade o critério do viver: tenho vontade, não tenho vontade, gosto, não gosto, acho assim ou não acho nada.

Sempre digo aos jovens que o homem nasce com uma das duas famosas sacolas de Esopo atrás das costas, e nessa sacola – o tema de Esopo é puramente externo, imaginação que vem de fora – os pais, ou alguém no lugar deles, aqueles que querem o bem da criança, colocam dentro tudo o que julgam oportuno. Tudo isso é justo, como disse antes, porque é natural. Mas, em certo momento, a própria natureza, em nome da qual se dá ao próprio filho aquilo que parece mais justo, impele a criança, já jovem, a pegar a sacola que está em suas costas e colocá-la à sua frente para verificar dentro. “Colocar diante de si” indica-se com uma palavra da nossa língua que deriva do grego – “problema” (colocado diante). E remexer dentro indica-se com uma palavra da nossa língua que também deriva do grego – “crise” ou “crítica”. Significa colher as razões, dar-se conta das razões, portanto dos limites de uma proposta. Mas sem realizar a fadiga de acostumar-se a esse trabalho, o educando cresce reativamente, tendo como critério último a reatividade psíquica ou mental. Portanto, se de algum modo o adulto não fez esse processo ou, quando se trata do filho, não aprende a fazê-lo, como poderá ajudar o filho?

Nesse sentido a liberdade entra em jogo especialmente na figura do educador. Na verdade, a liberdade entrou em jogo primeiramente na postura que o educador assumiu diante do passado. Como é triste uma sociedade na qual ninguém se esforça para defender a possibilidade de comunicar a herança

às novas criaturas que surgem, porque dos jornais à televisão, à escola, tudo pode criar uma cortina e um isolante capaz de impedir o contato vivo com os valores do passado. A meu ver, estamos numa época em que ninguém se lembra mais de nada.

A editora Jaca Book lançou uma *História da Igreja*. Percebi que todos os adultos que pegaram os livros para as crianças leram-nos aprendendo aquilo que nunca tinham ouvido. Trata-se de um compêndio feito para crianças, com ilustrações para crianças. Um cristão, filho da Igreja, que não sabe a história da própria casa, como poderá perceber a profundidade dos valores que lhe são propostos? É impossível. Além do mais, a nobreza de um sangue, de um coração ou de um espírito numa família se vê, sobretudo, pela sensibilidade para com a história da própria família.

### A VERIFICAÇÃO DA PROPOSTA DO EDUCADOR

O terceiro fator que entra em jogo no processo educativo é o que chamo normalmente de “fator educativo de risco”. É o aspecto mais dramático. Acredito que sejam poucas as fontes de decepção ou de dor que os pais possam sentir pelos filhos como aquela que é sugerida por esse ponto do nosso discurso. Eu já o disse em outras palavras: aquilo que é proposto não pode simplesmente ser proposto. Não se educa simplesmente propondo. É necessário, de certa forma, treinar, como for possível, a própria criatura a comparar aquilo que lhe é dado com a problemática a que o desenvolvimento da vida torna aberto.

A experiência do filho ao crescer, ou seja, o impacto da realidade com um sujeito, é uma presença provocadora que tem a mesma raiz da palavra cristã “vocação”. Com efeito, a vocação passa pelas provocações determinadas por esse impacto.

Essas provocações colocam perguntas às quais o jovem deve responder, perguntas perante as quais ele deve praticar a sua responsabilidade, a sua capacidade de resposta. A educação deve implicar uma ajuda a exemplificar essas respostas, que no fundo é o que dissemos antes falando de crítica. É necessário saber dar a razão daquilo que se dá ao jovem. Dar a razão nunca é um fenômeno abstrato. Significa mostrar como aquilo que se dá a ele é capaz de fazê-lo enfrentar a interrogação mais ou menos dramática, mais ou menos apaixonada, de modo inteligente e cordial, como homem, mais do que aquilo que lhe diz o seu colega ou que lhe disse o seu professor em sala ou o que diz ou mostrou a seqüência do filme ou o artigo de Severino no *Corriere della Sera*.

A educação se joga principalmente neste termo técnico – que afinal também é científico – que se chama “verificação”. A verificação da hipótese. Ora, nessa verificação intensifica-se a fadiga do adulto, porque ele é posto à prova em primeiro lugar, sobretudo porque não é automaticamente que ele consegue persuadir com sua intervenção verificadora. Isso porque tanto a proposta como a ação de exemplificação verificadora se detêm no limiar do mistério da liberdade do coração do filho ou do educando. Portanto, é preciso propor continuamente esperando contra toda esperança, esperando em qualquer situação, aproveitando continuamente a oportunidade para mostrar a razoabilidade daquilo que foi sustentado e que foi dado, mesmo quando a reatividade parece em sentido contrário, mesmo quando parece que o próprio filho ou o educando seja impermeável, mesmo quando ele percorrer evidentemente outros caminhos. É preciso continuar neste dever paterno e materno, gerador, com essa contrição do coração, com essa amargura tremenda. É preciso superar o desconforto.

O risco de educar se joga nesse ponto, pois a nós é dado amar, isto é, propor e acompanhar para uma verificação, para que a pessoa à qual fizemos a proposta possa perceber as razões

que percebemos. O amor é isso. Não pode ser a pretensão de uma obediência que deve conseguir uma persuasão, uma convicção ainda não formada.

O homem, e portanto até o próprio menino ou jovem, é relacionamento livre com o destino, com o infinito, com Deus, com a verdade e com o bem. É um relacionamento livre e, por isso, é misterioso o caminho mediante o qual a busca do destino se dará nele. Isso não pode jamais suspender a inexauribilidade da nossa atenção, da nossa proposta e da nossa ajuda. A um sujeito abúlico podemos mandar fazer o que queremos, mas ele não é educável além de certo limite.

Para concluir, permito-me citar outra página de Eliot:<sup>14</sup>

É difícil para aqueles que nunca foram perseguidos,  
 E para aqueles que jamais conheceram a um  
 Cristão,  
 Acreditar nas histórias da perseguição cristã.  
 É difícil para os que vivem perto de um Banco  
 Duvidar da segurança que seu ouro financia.  
 É difícil para os que vivem próximo à Delegacia  
 Acreditar no triunfo da violência.  
 Imaginas que a Fé já conquistou o Mundo  
 E que os leões dispensem agora os carcereiros?  
 Será preciso vos dizer que tudo quanto foi pode  
 ainda vir a ser?  
 Será preciso vos dizer que mesmo as iluminações  
 medíocres  
 De que podeis vos jactar numa sociedade cultivada  
 Dificilmente sobreviverão à Fé que as tornou  
 acreditadas?  
 [...]
 Por que deveriam os homens amar a Igreja? Por que  
 deveriam eles amar suas leis?

14 Eliot, T.S. op. cit., p.185-187.

Ela lhes fala da Vida e da Morte, e de tudo o que desgosto lhes daria recordar.

Ela é meiga onde os homens gostariam de ser duros, e dura onde à ternura os faria erguer um altar.

Ela lhes fala do Mal e do Pecado, e de outros fatos amargos.

[Então os homens] Amiúde tentam eles escapar

À treva que no fundo os corrói e ao seu redor se alastra,

Sonhando com sistemas tão perfeitos em que o bem seja de todo dispensável. [Que todo o bem, a melhor novidade venha da estrutura, trata-se da eliminação da responsabilidade da pessoa. Essa é a definição da nossa época]

Mas o homem que é há de ofuscar

O homem que pretende ser.

E o Filho do Homem não foi crucificado apenas uma vez para nos salvar,

O sangue dos Mártires não foi vertido apenas uma vez para nos salvar,

As vidas dos Santos não foram doadas apenas uma vez para nos salvar,

– Pois que o Filho do Homem é sempre crucificado

E o serão sempre os Mártires e os Santos.

[Portanto] E se o sangue dos Mártires deve escorrer sobre os degraus

Precisamos antes construir a escada;

E se deve ser o Templo derrubado

Precisamos antes ter o Templo edificado.

Esse é o triunfo do cristão autêntico. Mas citei esse trecho para afirmar que cada história pessoal é como se iniciasse do começo. Apesar da herança, o verdadeiro ponto do drama, o ponto da compreensão e, portanto, da decisão – já que para

compreender é preciso decidir compreender –, coloca-se sempre como se fosse a primeira vez (Adão e Eva), e a grande tenacidade, melhor, a grandeza do espírito do educador é essa infatigável, contínua, re-proposta. Exatamente como diz a frase mais bonita – a meu ver, mesmo porque necessito disso – de toda a Bíblia: *In spem contra spem* (Esperando contra toda evidência).

### SÍNTESE

Eu quis, simplesmente, discorrer sobre aqueles que me parecem os fatores fundamentais de todo o processo educativo.

Em primeiro lugar, o valor da tradição, o primeiro fator bombardeado e censurado, lá onde, na sociedade – na sociedade familiar, na sociedade civil, na sociedade religiosa, paradoxalmente –, domine de algum modo um poder. Pode acontecer, num determinado momento, que a sociedade eclesiástica, se for vivida segundo uma vontade de poder, censure o seu próprio passado.

Em segundo lugar, a figura do educador, no qual a tradição feita consciente se torna proposta. Mas uma proposta que deve acompanhar no impacto, na comparação, e nela mostrar as razões da própria proposta.

Mas isso – terceiro fator, ou seja, a verificação –, como resultado, não é matemático, não é lógico, se detém, como eu disse antes, no limiar da liberdade. Aqui reside a dramaticidade do risco de educar. Mas seja qual for o resultado imediato da própria paixão amorosa – pois, como disse o Papa, não há nenhuma demonstração de amor pela humanidade como o compromisso educativo –, incansável deve ser a proposta viva, ou seja, o eu do educador para o qual não há circunstâncias de

tempo e de espaço, nem idade, nem situação externa, nem tipo de resposta que o possa deter.





CAPÍTULO 2

**TRADIÇÃO E CULTURA ASSOCIADAS  
NA EDUCAÇÃO**

José Bouzas<sup>15</sup>

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A PROPOSTA DE LUIGI GIUSSANI**

Trabalho na área de educação há mais ou menos 25 anos, mas é principalmente na atividade cultural que venho dedicando a maior parte de minha vida e, de maneira especial, pesquisando aqui e acolá sobre a história de minha terra, a velha Sabarabuçu e das Minas Gerais. E para falar das duas não se pode prescindir de falar de cultura e tradição. Esse talvez tenha sido um dos motivos que me levou a aceitar o convite para falar sobre as propostas de Giussani. O outro é porque acredito verdadeiramente que é por meio da educação que o mundo pode vir a ser um lugar melhor para todos.

---

15 José Arcanjo do Couto Bouzas é professor de História da Cultura Mineira; pós-graduado em Arte e Cultura Barroca da UFOP; chefe do Departamento Cultural da Faculdade de Sabará; membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e de Sabará.

Começemos com algumas considerações sobre as idéias de Luigi Giussani, falecido recentemente, que fundou o movimento católico Comunhão e Libertação e foi professor emérito de Introdução à Teologia na Universidade Católica do Sagrado Coração, em Milão. Dizia ele que “a idéia fundamental de uma educação voltada para os jovens vem do fato de que através deles se reconstrói uma sociedade; por isso o grande problema da sociedade é, antes de mais nada, educar os jovens”. Mas esta educação tem que ser verdadeira, humana.

Para ele, são três os fatores fundamentais para a realização desse objetivo: o primeiro, que passa por uma proposição adequada do passado, mediante o conhecimento da riqueza da tradição, e ele cita um trecho de Eliot para explicar sua teoria. O segundo fator passa pela figura do educador, sobre o qual a tradição se torna proposta, e, finalmente, o terceiro, que é a educação para a crítica, a verificação da proposta, da hipótese.

Um de seus poetas preferidos, Eliot (1981, p.180-1), diz:

De tudo o que se fez no passado, sabeis agora que  
do fruto haveis comido, maduro ou apodrecido.

[...]

Sofremos a conseqüência de cada má ação no  
passado cometida:

Por indolência, por usura, por gula, por desleixo  
com o Verbo de Deus.

Por orgulho, por luxúria, por traição, por cada ação  
pecaminosa.

E sois herdeiros de tudo o que de bom se fez  
outrora

Aí está proclamado, segundo ele, o fenômeno educativo. E Giussani prossegue lembrando que, para o Papa João Paulo II, “o homem deve ser educado para que se torne mais ele mesmo, para que se realize”. Sem esta primeira condição – a tradição

–, não existirá possibilidade de educação ou ela diminuirá. Segue a idéia de Soljenitsin, que afirma que um povo que não rompa com o passado, cuja memória não seja esvaziada, anulada, possui uma potencialidade de juízo, de crítica, sendo por isso capaz de grandes rebeliões, porque pensa e tem consciência.

Torna-se necessário, portanto, cuidar da tradição.

O significado para a vida é identificado por um passado, por uma tradição que tenha sentido, uma educação dependente da consciência do passado que o educador possui. Ela atua na figura do educador, o qual deve ser mais do que nunca o mais consciente possível e manter uma postura para com essa proposta de coerência, de juízo, para com o que ele vai apresentar. O educador deve também ter cuidado na escolha dos seus parceiros na apresentação das propostas, como com os pais, por exemplo, que têm papel fundamental no relacionamento com seus próprios filhos, para que o resultado final seja satisfatório.

Para Giussani, é triste ver uma sociedade na qual ninguém se esforça para comunicar a herança aos seus herdeiros, pois os meios de comunicação, hoje, quase sempre, impedem o contato vivo com os valores do passado. Um cristão, por exemplo, que não sabe a história da própria casa, da própria igreja, como pode perceber os valores que lhes são propostos?

Continua ele, agora com o segundo fator, quando diz que o *educador* deve ter firmeza e segurança ao colocar a sua proposta, pois não basta apenas propor, deve-se, necessariamente, treinar e ajudar a *própria criatura*, como for possível, para comparar a problemática apresentada. Entramos, então, no terceiro fator da educação, segundo padre Giussani, que é a *verificação* do que foi proposto, da *hipótese* apresentada, colocando-a de forma persistente, demonstrando razoavelmente o que foi colocado de forma contínua, para que a pessoa que recebeu a proposta perceba as razões que percebemos.

Pode-se concluir, nesta primeira parte de nossa proposta, que se trata de “educar o coração do homem da forma como Deus o criou”.

### TRADIÇÃO, CULTURA, EDUCAÇÃO E FAMÍLIA

Para falar de tradição é preciso também falar de cultura, educação e família.

De educação falaremos mais adiante. Definamos, então, o que é tradição: é o ato de transmitir oralmente, ou às vezes por escrito, lendas, valores espirituais, conhecimentos, hábitos, recordações, de idade em idade, de geração em geração.

E a família? Geralmente é formada pelo pai, pela mãe e pelos filhos ou por pessoas do mesmo sangue, descendência, linhagem, grupos ou tribos, ligados por caracteres comuns, consangüíneos ou por filiação natural.

Finalmente, a cultura, que se reduz, em última análise, à consideração de dois fatores: o homem e o meio, que estão em inter-relação constante.

A palavra “cultura” é empregada não no sentido do aprimoramento individual do espírito, mas do “conjunto complexo dos padrões de comportamento, das crenças, instituições, tradições e outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade”. A cultura e a educação são indissolúveis, uma vez que a formação do profissional que projeta, por exemplo, uma escola, uma igreja, uma cidade, tem seu equivalente na aprendizagem.

Cada cultura representa um conjunto único de valores, já que as tradições e formas de expressão de cada povo constituem a sua maneira de estar presente no mundo. Todas as culturas, entretanto, formam parte do patrimônio comum da humanidade e, sendo assim, todos têm o dever de zelar pela

preservação e defesa das tradições de um povo. Esse povo se empobrece quando se ignora ou se elimina a sua cultura.

O Papa João Paulo II disse, em conferência na Unesco em 1979:

Toda violência contra os direitos do homem, quer seja no âmbito dos bens espirituais, quer no dos bens materiais, faz violência a uma dimensão fundamental.

Não se pode conceber uma cultura sem subjetividade humana e sem causalidade humana; mas no campo cultural, o homem é sempre o fato primeiro, o homem é o fato primordial e fundamental da cultura. Há uma grande admiração diante da riqueza criadora do espírito humano, diante do seu esforço constante para conhecer e afirmar a identidade do mesmo homem que está sempre presente em todas as formas de cultura. E a dimensão fundamental da cultura é a sua moralidade: a cultura moral. O homem deve ser colocado na base da cultura e da educação para atingir esta moralidade, para que ela possa estar mais na comunidade.

Depois dessas considerações, pode-se assim, sem imprecisão, falar, por exemplo, em “cultura mineira ou em sistema mineiro ou até civilização mineira”. Isso porque um sistema cultural de um país é composto por diversas culturas, como um povo que se apresenta com um modo próprio de se vestir, de pensar, de falar, de agir, nos efeitos modeladores da fase tumultuada da sua formação histórica. O mesmo acontece com o povo baiano, gaúcho, paulista, carioca, nordestino, etc.

Essas tradições que se apresentam em nossa cultura devem ser objeto de estratégias didáticas que possibilitem que

um número cada vez maior de indivíduos aprenda na escola a valorizar e usufruir o acervo cultural da humanidade.

### TRANSFORMAÇÃO CULTURAL

Infelizmente, é inquestionável que vivemos em uma época de “imagens”, as quais procuram tornar-ser realidade. A imagem da mídia substitui a cultura do boato, a notícia anônima e sem sujeito, servindo como contato em “massa” e com a “massa”. É a globalização das imagens e da cultura. A arte popular vem sendo transformada em objeto de consumo, desprezando o caráter de produção coletiva e estabelecendo uma distância entre quem faz a arte, quem a exercita e quem a ela assiste. Transformamos artesãos em microempresários e aos contadores de “causos” foram destinados espaços de louvação pelo caráter curioso.

Fica cada vez mais difícil perceber, dessa forma, o que um pai ou uma mãe tentam passar para o filho – sentir o prazer de ver um pai ou uma mãe “contar casos” de família, dos vizinhos, dos amigos, dos parentes –, uma vez que há uma forte descaracterização das expressões culturais e uma desvalorização da tradição, da palavra, por força do processo produtivo industrial, da produção em série, do consumo obsessivo.

Claro que não há qualquer incompatibilidade entre valorizar a cultura, a tradição e o desenvolvimento técnico-industrial. A questão “transformação versus preservação” não pode ser vista de modo dicotômico. O que não pode acontecer é o processo de um “absorver” o outro, levando a carências de todo tipo, em prejuízo do desenvolvimento, desvalorizando o potencial criador de artistas, músicos, poetas, ceramistas, contistas, etc.

A tradição do povo mineiro, por exemplo, que se formou impregnado do Barroco (palavra que significa “pérola imperfeita”) – nas suas raízes culturais, formando uma parte viva da história do Brasil, com sua paisagem urbana, no fausto da sociedade reluzida pelo ouro, nas festividades religiosas, mistura do catolicismo europeu com a cultura afro e na pompa do cerimonial litúrgico –, contribuiu para cristalizar um estilo bastante sensorial, que imprimiu características próprias à música e a todas as outras manifestações culturais.

E tudo isso é produto de um povo – o povo brasileiro.

E essa tradição deve ser discutida com coragem pelos educadores e alunos, para que todos possam se sentir parte desse processo cultural, cuja obra é própria de toda comunidade, respeitando a livre manifestação de sua vontade, como agente e objeto desse processo.

Encontramos um exemplo de relação entre *preservar* e *transformar* em um pequeno trecho de uma mensagem dos organizadores – homens e mulheres – da Semana Santa em Sabará, de 1969:

[...] precisamos observar que, em Sabará, alguns valores não estão sendo respeitados, ou, melhor dizendo, estão sendo desvirtuados, sem nenhuma necessidade, pois o que se deveria fazer era, como na mensagem de 1968, CONJUGAR AS NOVAS REALIDADES COM AS TRADICIONAIS, legadas pelos nossos antepassados que ajudaram a construir esta cidade e a formar mentes e corações cristãos, para que todos possam crescer, em espírito e em cultura.

Em uma favela no Rio de Janeiro, já existe um “Museu da Favela”, com exposição de objetos da memória dos moradores, além de depoimentos interessantes.

## TRADIÇÃO POPULAR

Podemos afirmar que cultura é uma palavra empregada no conjunto dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e de outros valores, transmitidos coletivamente. A cultura é um modo de ser peculiar, que se manifesta em maneiras de conceber e tocar a vida, de observar e pensar, de produzir e expressar-se, levando em conta, além disso, a formação territorial e a herança cultural de um povo, constituindo-se, dessa forma, a sua maneira de estar presente no mundo.

Nesse espírito quase intangível, a cultura mineira formou-se sob a influência de três raças: a branca, dos portugueses, paulistas e baianos; a indígena, que estava por aqui; e a negra, escrava, africana “das estirpes mais finas, negros reais” como disse Guimarães Rosa.

Foi desse convívio intenso de raças, de costumes e tradições que se moldou o caráter do povo da antiga Minas Gerais: “festeiro”, alegre, reservado ao tratar de negócios ou de preservar valores, contador de casos, hospitaleiro, culto e popular, conspirador e “religioso mesmo quando ateu e sonhador de sonhos impossíveis”, como disse Roberto Drumond.

De acordo com o Prof<sup>o</sup>. Armando de Paula, pesquisador da cultura e da arte popular, no livro *O Ensino como extensão da vida*,

a arte e a ‘cultura’ populares são para seus criadores formas de ascensão dentro do seu meio condicionante, considerando assim ambas como coisa viva, sendo impossível rejeitar ao mesmo tempo as suas transformações.



## A TRADIÇÃO DA E NA FAMÍLIA

Façamos algumas considerações sobre esse segmento que se inter-relaciona com a cultura, a educação e a tradição.

O amor pode ser entendido e avaliado mediante as relações que os pais desenvolvem com os filhos cotidianamente. Seria o dar-se, transmitindo, fazendo junto. Como se sabe, a existência social só se realiza por meio de um passado transmitido. E, nesse sentido, pode-se tomar o amor como a própria socialização feita no lar, nas relações afetivas que são próprias da família.

Uma das grandes figuras do Romantismo, Jean-Jacques Rousseau, defendendo-se das acusações de ser pai desnaturado – tinha cinco filhos –, afirmou que não foi por falta de amor que ele descumpriu seus deveres sagrados de pai, entre eles o de educar seus próprios filhos, mas, sim, por recear pelo destino das crianças, o qual teria sido muito pior se elas tivessem sido criadas por ele, que não tinha condições de fazê-lo adequadamente. Foi, portanto, por amor, e não por falta de amor, que ele fez o que fez. Mas ele sente remorso por ter negligenciado seus deveres de pai.

Provavelmente, esse exemplo não possa ser aplicado totalmente hoje em dia. Mas não se pode resolver tão facilmente o problema familiar. Os pais, como Rousseau, não só têm sensibilidade amorosa, mas ainda sabem das regras de desempenho paterno. Um fato, entretanto, é certo: a educação é passada às crianças em casa, e só nela ou por meio dela.

A família do passado, seja ela patriarcal ou extensa, mudou com o desaparecimento paulatino do mundo tradicional em direção ao que é chamado família nuclear, família moderna.

A idéia de que a família teve uma função social específica no passado, ou seja, função econômica, foi perdida por causa dessas transformações, o que nos leva a crer numa posição geral de que há uma conexão vital entre a família e a sociedade. Ora, se a família está de fato mudando, os educadores têm a

obrigação de procurar entender essa mudança para enfrentar os desafios da educação. A falta, por exemplo, de estudos mais detalhados sobre a família do passado tem contribuído para a redução da compreensão das mudanças. Muitos estudos sobre o passado abordam o tema família até com preconceitos.

Estudos recentes, entretanto, têm levado à conclusão de que a família é realmente uma instituição universal. Valores universais como amor, maternidade e paternidade são tomados como dados, em estudos do passado, e estes estudos têm sugerido muitos caminhos frutíferos para a reflexão sobre a família e suas mudanças.

#### **A MEMÓRIA, A TRADIÇÃO, AS PESSOAS**

Com base em tudo o que foi dito até aqui, podemos tecer ainda mais alguns comentários em torno dos três fatores fundamentais da educação propostos por Giussani.

A globalização, com seu projeto homogeneizador, tem proporcionado às diversas culturas um retorno às suas identidades. No trajeto histórico, a experiência é condicionada por fatores históricos e culturais.

O olhar sobre as práticas religiosas revela múltiplas dimensões. O catolicismo popular brasileiro, por exemplo, guarda basicamente três matrizes históricas e pastorais: a tradicional, a reformada e a renovada. A fé se manifesta por meio dos santos, de procissões, de milagres, histórias, paródias, folia de Reis, congados, encomendas de almas, ciclos de Natal, da Páscoa, de Pentecostes, com as manifestações do Divino Espírito Santo, a chamada Folia do Divino, festas, como as de Santo Antônio, São João, São Pedro e outras. A festa é uma grande “costura”, que conserta a história, permanecendo como proposta de vida para a comunidade. O seu ciclo marca o ritmo da vida. A festa se transforma, então, em tradição.

## ALGUNS MITOS DA EDUCAÇÃO ATUAL

E sobre a educação, o que temos a dizer?

Vejamos o que nos diz a revista *Veja*, no artigo “Com a palavra o professor”, sobre o assunto, com base em pesquisa feita pela educadora Tania Zagury: “O bom relacionamento em sala de aula não envolve, necessariamente, o afeto e o carinho”.

Não é razoável atribuir um eventual fracasso às características pessoais do professor – desde que suas aulas sejam boas, evidentemente. Logo, nem sempre o afeto e o carinho dos professores são imprescindíveis para que o aluno aprenda.

- **Com um bom professor, os alunos aprendem sem fazer esforço.**

É claro que uma boa aula é mais motivadora e agiliza o aprendizado. Mas nada disso substitui o empenho do aluno, que tem o direito à educação e o dever de cumprir a sua parte estudando.

- **A participação da comunidade é essencial à qualidade do ensino.**

Claro que ela é importantíssima, mas a participação da família tem de ser vista como parceira da escola, para não provocar esvaziamento da autoridade da escola e do professor.

- **A memorização deve ser banida da escola.**

Claro que ninguém deve apoiar a “decoreba”, mecanizada. Mas isso não quer dizer que o aluno saia do ensino médio

sem saber, por exemplo, o nome das principais capitais do mundo e de figuras importantes da história.

Afirma a autora do artigo, Lucila Soares, que, “para superar a crise da educação, é preciso também dar mais atenção ao que se passa nas salas de aula” e, segundo Cláudio de Moura e Castro, “mobilizar as forças vivas da escola para melhorar.”

### **A FORÇA DA LEMBRANÇA**

Houve um Mestre que/veio à Terra, nascido na/  
terra Santa de Indiana/ criado nos montes místicos/  
depois de Fort Wayne.

O mestre aprendeu sobre/ este mundo nas escolas/  
públicas de Indiana e,/ ao crescer, em seu ofício/ de  
mecânico de automóveis.

Mas o Mestre conhecia/ outras terras e outras/  
escolas, de outras vidas/ que tinha vivido./  
Lembrava-se disso, e,/ lembrando-se, tornou-se/  
sábio e forte, de modo/ que outros viram a sua/  
força e o procuraram,/ em busca de conselhos  
(BACH, 1977).

Esse pequeno trecho de um poema de Richard Bach me fez pensar na força da transmissão, na força da tradição, aqui lembrada pelo “Mestre”, na vida que tinha vivido, tornando-se sábio por isso.

### **AS TRADIÇÕES E A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO**

O que acontece no interior de uma sala de aula está longe de restringir-se à vontade dos principais personagens: os

alunos e os professores. O trabalho escolar sofre uma influência decisiva das condições mais amplas vigentes na comunidade e na sociedade em que se situa a escola.

A escola é, antes de tudo, a agência por meio da qual as gerações adultas introduzem as novas gerações no domínio do patrimônio cultural da humanidade, que não se resume às matérias escolares nem aos livros didáticos, mas nas manifestações feitas mediante formas próprias de expressão. Quanto maior o contato com essas formas de expressão, como as tradições de um povo, mais elas aprenderão a vivenciar a sua própria cultura. À medida que a escola oferecer oportunidades de contato com a cultura humana do passado e do presente, ela estará cumprindo o seu papel. As ciências e as artes são manifestações importantes dessa cultura.

O primeiro passo para a interação entre a escola e a comunidade é, sem dúvida, o conhecimento da própria comunidade, mas isso não é o suficiente.

O isolamento cultural ocorre tanto em relação a grupos que vivem isolados quanto a indivíduos que deixam o seu grupo para viver em outro, com hábitos e costumes diferentes.

Imagine o que aconteceu, por exemplo, com os índios em seus primeiros contatos com os brancos, com os negros trazidos para o trabalho escravo no Brasil. Perderam quase toda sua forma de cultura, de tradição. Apesar de tudo, eles ainda procuram manter parte do que “sobrou” de suas tradições milenares e os negros também ainda conservam alguns de seus costumes e tradições, por meio de diversas formas artísticas, festas religiosas, etc.

O conhecimento da família do aluno, por exemplo, é indispensável para a eficácia da proposta de retirá-lo do isolamento, mantendo viva a sua tradição, a sua cultura. Cabe ao professor, ao conhecer a família do aluno e o ambiente em que ele vive, pôr em prática a proposta de fazer com que ele valorize o seu próprio meio, sua própria vida, tomando

consciência de que ele é um agente da história, da história da sua comunidade e do seu país.

Pensando dessa forma, ao planejar a criação da Faculdade de Sabará, foi elaborado um currículo escolar que, além dos parâmetros normais exigidos pelo MEC, traria uma “cadeira” denominada “História da Cultura Mineira”, obrigatória para todos os cursos, no primeiro período. A proposta foi aprovada pelo Ministério da Educação sem restrição.

Inicialmente, tivemos dificuldade em convencer alguns alunos, por exemplo, estudantes de Administração, de que valia a pena “perder tempo” com tal matéria. Ainda hoje, nas primeiras aulas, o jovem universitário reage contra. Mas, aos poucos, ele vai interagindo com o assunto, principalmente quando toma conhecimento de que a proposta é para que ele, ao chegar ao mercado de trabalho ou não, tenha um pouco de conhecimento de si mesmo, da sua comunidade, da cultura e das tradições do seu próprio povo, valorizando, assim, o ambiente em que vive. Quem sabe um futuro administrador de uma empresa ponha em prática, no seu ambiente de trabalho, o que aprendeu na faculdade, ou talvez um jovem secundarista, que aprendeu que a tradição não é um amontoado de lembranças, mas uma maneira de transformar a si mesmo, venha ajudar a transformar o mundo?

Isto é o que o professor Armando de Paula chama de “o ensino como ‘extensão da vida’ – a contribuição da tradição oral na passagem da consciência ingênua para a consciência crítica, transmitida pelas pessoas comprometidas diretamente com a responsabilidade da educação: **os educadores.**”

### O RISCO DA EDUCAÇÃO

Educar, pois, não é senão um olhar para frente, relacionado sempre com o porvir, ajudando alguém a transformar o mundo, segundo padre Roque Schneider.

E é este o risco da educação, voltamos a afirmar, partindo do pressuposto de que é preciso educar os jovens de maneira especialmente voltada para eles. Uma educação verdadeira e adequada, “educação humana”, introduzindo o homem na realidade total, proposto por Giussani, lembrando o Papa quando fala que educação, cultura e tradição são a mesma coisa.

Esperamos que este pequeno trabalho possa contribuir mais para maior compreensão das idéias propostas por esse grande educador italiano, um homem universal pelo seu carisma e pela sua posição a favor de uma forma original de educação dos jovens.

#### REFERÊNCIAS

BACH, Richard. *Ilusões: as aventuras de um messias indeciso*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1977, 156 p.

BOUZAS, José Arcanjo do Couto Bouzas. *História da cultura mineira e outros estudos e casos sobre Minas Gerais*. Apostila. Sabará: Faculdade de Sabará, 1998.

D’INCÃO, Maria Ângela et al. *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989. In: SEMINÁRIO IBERO-AMERICANO DE ADOLESCÊNCIA. *Ética e Cidadania*, Belo Horizonte, MG: Escritório de Histórias, 2000, 380 p.

FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. *Barrocas famílias: vida familiar em Minas Gerais no século XVIII – Estudos históricos*. São Paulo: Hucitec.

GIUSSANI, Luigi. DVD: “Introdução à realidade total. Educar é um risco”. Palestra proferida em 20 de junho de 1985 na Sala Capitular da Basílica de Santa Maria della Passione, em Milão/

Itália. Centro Internazionale di Studi e Documentazione Pio XI, Desio

GIUSSANI, Luigi. *Educar é um risco: como criação de personalidade e de história*. Tradução Neófita Oliveira. Bauru: Editora Universidade do Sagrado Coração, 2004. 222 p.

PASSOS, Mauro (Org.) *et al. Festa na vida: significado e imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002. 221 p.

PAULA, Armando de. *O ensino como extensão da vida*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1985. 137 p.

PILETTI, Nelson. *Sociologia da educação*. São Paulo: Ática, 1999, 264 p.

SAINT-LAURENT, Raymond Thomas de. Pe. *O livro da confiança*. Tradução de M. P. São Paulo, SP. 90 p.

SCHNEIDER, Roque. Pe. S. J. *O misterioso país do coração*. 5. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1980. 77 p.

SOARES, Lucila. Com a palavra o professor. Educação. *Revista Veja*, São Paulo, SP. In: *O professor refém*. Rio de Janeiro: Record. 301 p.

ARQUIVO HISTÓRICO E DOCUMENTAL. Casa Borba Gato. Museu do Ouro. Sabará, MG. Iphan.



### CAPÍTULO 3

## A PESSOA, A TRADIÇÃO E O PERCURSO EDUCATIVO

Raquel Martins de Assis<sup>16</sup>

A tradição é o primeiro ponto importante para a eficácia do percurso educativo. Mas como é pensar isso na nossa experiência de educadores? Ou seja, o que essa discussão sobre a tradição tem a ver comigo quando estou dentro da sala de aula ou no relacionamento educativo com um jovem em situação de risco, por exemplo?

Alguns pontos nos ajudam a compreender melhor o valor da tradição para o ato educativo: primeiro, partir de uma definição de educação; depois, compreender que para definir o ato educativo, necessariamente, fundamentamo-nos em uma concepção de ser humano e em um conceito sobre a maneira como ele se relaciona com a realidade, e por último chegar à importância da atenção para com a tradição no percurso de formação e educação de jovens.

---

16 Psicóloga, doutora em Educação, professora na Faculdade de Educação da UFMG e pesquisadora da área de história da psicologia.

Alguns autores, como Giussani (2000; 2004), Jaspers (2006) e Alles-Bello (2000; 2004; 2006), nos ajudam a refletir sobre este tema, porém é importante ressaltar que não tenho aqui a pretensão de explicitar suas teorias, mas de evidenciar certa elaboração da minha vivência de educadora. Nesse sentido, as idéias desses autores têm me ajudado a estar diante dos meus alunos, futuros professores, levando em consideração a pessoa deles e o meu desejo de educar.

### EDUCAÇÃO: INTRODUÇÃO À REALIDADE TOTAL

Para definir educação, Giussani (2004 p. 48) parte de Jungmann (1939) e de sua noção de “introdução à realidade total”:

E é interessante observar o duplo valor daquele “total”: educação significará, com efeito, o desenvolvimento de todas as estruturas de um indivíduo até a sua realização integral, e, ao mesmo tempo, a afirmação de todas as possibilidades de conexão ativa daquelas estruturas com toda a realidade.

Diante dessa definição, o primeiro ponto a ser discutido é o significado de *desenvolvimento de todas as estruturas de um indivíduo até a sua realização integral*. É muito comum ouvirmos, em nossos dias, diversos discursos sobre a formação integral, sendo este, até mesmo, um dos aspectos privilegiados pela Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional (LDBEN) de 1996. Sendo assim, é importante que tenhamos uma noção do que significa desenvolver integralmente um indivíduo.

Existem diversas linhas na Psicologia que buscam entender esse ser complexo que é o ser humano, bem como

a maneira como ele se desenvolve. Algumas dessas vertentes identificadas sob a denominação de *psicologia humanista-existencial* vão afirmar um conceito muito precioso para os dias de hoje: a pessoa. O conceito de pessoa tem uma história muito antiga, pois o termo é utilizado pela filosofia cristã em elaborações como as de Santo Agostinho, de Santo Tomás de Aquino, dentre outros, a fim de definir o ser humano em sua dimensão única e irrepetível. Atualmente, na nossa cultura ocidental, algumas correntes de psicologia surgidas da maior relação com a filosofia adotam o conceito de pessoa como fundamento de suas propostas.

Assim, cada ser humano é único, mas, ao mesmo tempo, todos somos pessoas, o que equivale a dizer que há uma estrutura comum a todos. Pessoa é um termo que indica o ser humano na integralidade de suas dimensões: corpórea, psíquica e espiritual (ALLES BELLO, 2004). Funcionando como unidade e totalidade, essas dimensões estão presentes sempre e em qualquer circunstância que esse ser esteja colocado.<sup>17</sup>

Em nosso cotidiano de trabalho, entendemos mais facilmente o que significam dimensões corporais e psíquicas, porque são aquelas mais exaltadas nas teorias de nossa época. Por exemplo, na literatura sobre adolescentes, encontramos boas discussões sobre as mudanças físicas e fisiológicas que ocorrem na puberdade, bem como sobre a maneira como os adolescentes sentem e se relacionam com tais mudanças. Há, também, muitos estudos que enfocam as interações entre as dimensões corporais, psíquicas e sociais ao analisarem as delicadas relações que se estabelecem entre os jovens e sua família, seus amigos, sua escola e, de forma mais geral, com todo o grupo social no qual o jovem está inserido.

---

17 De acordo com Alles Bello (2004, p. 159), “as estruturas que Husserl identifica no ser humano como corpo, psique e espírito são universais, mas elas não devem ser entendidas de forma rígida, pois existem possibilidades de organização cultural diferentes que as moldam”.

Mas o que é o espiritual? Atualmente, sentimos uma grande confusão ao depararmos com a tentativa de refletir sobre a dimensão espiritual do ser humano. Assim, quando, ao discutir o conceito de pessoa, pergunto aos meus alunos sobre a dimensão espiritual, geralmente eles me respondem que é a filiação religiosa de alguém ou certo grau de misticismo que pode haver na vida. Alguns deles, entretanto, concluem que estou me referindo à inegável característica de transcendência própria do ser humano e ao fenômeno da liberdade.

Jaspers (2006, p. 50) afirma a grande capacidade do ser humano de se projetar para o futuro e para o passado na busca de dar significado às coisas, a si mesmo, às circunstâncias e ao seu destino:

Exilado em seu existente, o homem quer ultrapassar-se. Não se satisfaz com ser, numa quietude fechada em si mesma, o perpétuo retorno do existente. Não mais se reconheceria autenticamente como homem, se se contentasse com ser o homem que hoje é.

Nessa perspectiva, a pessoa humana é o único ser capaz de sair do concreto imediato que existe aqui e agora e buscar o significado de si e do que vive em algo que está além dela e que a leva à intersubjetividade e ao relacionamento com aqueles que estão ao redor dela.<sup>18</sup> Como diz a música “Comida”, do Titãs, a pessoa não quer só comer, ela quer amor, diversão, praticar balé, quer ser feliz e entender o significado de estar aqui, quer saber para onde vai, se pergunta por que existe o

---

18 Alles Bello (2004) comenta que em algumas culturas a relação com o tempo e com um certo conceito de alteridade é diferente da maneira como a cultura ocidental trata e vivencia esses elementos. Mas, para a autora, o que evidencia uma estrutura comum da pessoa, mesmo na diversidade cultural, é o fato de que pessoas de culturas diferentes se entendem e podem aprender as relações de tempo e alteridade presentes em outros contextos.

mal e outras muitas coisas. Giussani (2000) denomina senso religioso a esse núcleo de exigências que todo ser humano tem, que a tradição cristã chama de coração, e que podemos entender como as exigências de ser feliz, de ser amado, de existir justiça, de se chegar à verdade, de se relacionar com o belo, com o grande, com o misterioso, com tudo o que está além de mim e que possui na razão o instrumento para a sua realização. Essa dimensão está presente no ser humano em qualquer lugar: em ambientes culturais diversos, no cotidiano comum das pessoas, no trabalho, na sala de aula de nossas escolas, mesmo quando se expressa de formas aparentemente contraditórias, como acontece em casos de indisciplina e violência.

A fim de transcender-se, o homem busca a ação, pois, para Jaspers (2006, p. 50),

não basta ao homem a sensação ou o gozo de imagens mitológicas, nem o sonho, nem o uso de palavras sublimes, como se nelas a realidade estivesse inclusa. Só na ação sobre si mesmo e sobre o mundo, em suas realizações é que ele adquire consciência de ser ele próprio, é que ele domina a vida e se ultrapassa.

Para Jaspers (2006), assim como para Alles Bello (2004), a dimensão espiritual envolve as potencialidades intelectuais e de ação da pessoa, daí que tenha relações com as capacidades de escolha e com o fenômeno da liberdade.

Desenvolver todas as estruturas de um indivíduo rumo à integralidade, evidenciado aqui como o objetivo da educação, significa desenvolver essa complexidade delicada que somos nós: o fato de que eu sou único, com a minha história, minhas experiências, meu modo de entender e sentir as coisas, minhas buscas pelo significado do que vivo, minhas ações sobre o mundo, sobre mim e sobre os outros, mas, ao mesmo tempo,

o fato de que compartilho, busco uma pertença, busco semelhança, compartilho meus significados e minha história com um grupo social e com uma cultura.

Nesse sentido, a característica central do ser humano é que ele vive associado, ou seja, em constante intercâmbio com outras pessoas, o que permite o surgimento de uma personalidade unitária supra-individual (ALLES BELLO, 2004).

Toda essa complexidade que é a pessoa se coloca em ação e em conexão com a realidade, com a realidade entendida como os objetos, os fatos, as coisas que acontecem e também o seu significado. Como afirma Jaspers (2006, p. 36), somos seres pensantes e, “sempre que pensamos, somos um eu que se orienta para um cognoscível, um sujeito que se dirige a um objeto.” Assim, a pessoa é caracterizada por possuir consciência e, então, conhecer as coisas. Mas, mais do que isso, “não temos apenas consciência, mas consciência de nós mesmos”. (JASPERS, 2006)

Em uma crônica intitulada “Era um bom menino”, Gustavo Corção (2000) descreve a maneira como a pessoa conhece e se relaciona com a realidade com base na própria experiência e na sua busca de significados. Nesse texto, o personagem, passando pela rua, vê pelo reflexo de uma vitrine um senhor magro, encurvado e de fisionomia gasta. Quase lhe tira o chapéu para cumprimentá-lo, quando, inesperadamente, se dá conta de que o senhor era ele próprio, ou seja, sua própria imagem refletida no vidro da vitrine. Durante algum tempo ele se assombra com o episódio e experimenta um estranhamento por não ter se reconhecido imediatamente em seus quarenta anos.

Buscando a explicação do ocorrido, o autor repete o ato: passa novamente pela mesma vitrine, mas não se recorda mais das imagens que levava consigo naquele momento, tampouco

consegue vivenciar a admiração diante de si mesmo. De fato, aquela experiência de estranhar-se não tornaria a acontecer.

Entretanto, certo dia em que descia apressadamente uma rua, pensando em coisas rotineiras,

abriu-se uma janela e do alto veio uma voz moça:

– Carlos, vem para dentro, olha o mormaço!

Então recebi impetuosamente a lembrança de minha meninice

[...].

Quem não terá encontrado cem vezes a sua infância assim? [...] Não basta dizer que algumas associações nos fazem encontrar toda uma manhã de sol de nossa meninice dentro duma xícara de chá ou no perfume penetrante dum jasmineiro em flor. Essa brusca invasão da infância é mais do que uma evocação, essa espécie de experiência azul que fazemos na memória. De fato, parece que a infância persiste dentro de nós, enrolada como uma espiral de mola, e salta de repente, e assusta, e fere, e dói, quando vemos num reflexo de vitrina um senhor de meia-idade. (CORÇÃO, 2000, p. 41)

De forma poética, o autor descreve o fato de que a pessoa, em suas ações e em sua relação com o presente, se projeta para além de si, para o passado de sua história e para o futuro de sua experiência de envelhecimento e de relacionamento com o tempo que passa. E é exatamente neste “além de si” que Corção encontra o significado da experiência de estranhamento de sua própria imagem ocorrida anteriormente, concluindo que sua infância ainda habita nele de modo a provocar inúmeras reações. A crônica revela também toda a atividade do autor em buscar as hipóteses de explicação para cada experiência em conexão com a realidade vivida.

Nessa perspectiva, a pessoa, ao debruçar-se sobre a realidade, carrega consigo toda a sua complexidade e se relaciona com as coisas e as pessoas atribuindo-lhes diversos significados pessoais e culturais. Assim, podemos nos dar conta mais ou menos daquilo que vivenciamos dependendo da relação estabelecida com as nossas próprias experiências.

Como educador é preciso que eu tenha consciência de que essa maneira de se relacionar com a realidade está presente em mim e também no meu aluno. Nesse sentido, quando estou na sala de aula ou em qualquer ambiente educacional, eu e meus alunos somos mais do que aquele momento de ensino-aprendizagem, pois somos pessoas dotadas de história, carregamos nossas hipóteses sobre os acontecimentos e aprendemos certa maneira de relacionar-se com o mundo, com os ambientes e com as pessoas. Por isso, precisamos estar atentos para os aspectos da tradição de cada pessoa, bem como para a tradição dos conteúdos trabalhados em uma disciplina e da própria instituição educacional na qual se está inserido.

Existem muitas abordagens diferentes sobre os temas da cultura e da tradição, mas neste texto vamos partir da definição de tradição dada por Giussani (2000) ao discutir as dinâmicas e fatores do ato educativo.

### **A TRADIÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DA PESSOA**

Giussani (2004 p. 49) define tradição do seguinte modo:

Se chamamos de “tradição” aquele dado originário, com toda a estrutura de valores e de significados em que o jovem nasceu, devemos dizer que a primeira diretriz para uma educação da adolescência é a adesão leal a essa “tradição”.



Tradição significa, para esse autor, “toda a estrutura de valores e de significados em que o jovem nasceu.” É definida, portanto, como a transmissão oral ou escrita, ocorrida de geração em geração, de valores, crenças e significados atribuídos aos fatos, circunstâncias, objetos e pessoas, compartilhados por determinado grupo. A tradição se faz presente por meio da rede de relações em que a pessoa está inserida, da sua história pessoal e da sua inserção em determinado contexto sociocultural e perpassa pela maneira como ela se relaciona com a realidade e consigo mesma e pelas hipóteses que formula diante de seus variados encontros com o mundo. Nesse sentido, a tradição nos é dada e, ao mesmo tempo, nos apropriamos dela de determinada maneira. A apropriação é possível justamente porque, como afirma Jaspers (2006) e Alles Bello (2000) somos seres dotados de potencialidades intelectuais, voltados para o cognoscível, portadores de uma consciência que se coloca, o tempo todo, em relação com a realidade por meio de ações capazes de lidar de forma criativa com os diversos mecanismos, valores e aspectos recebidos pela cultura. Desse modo, a tradição se inscreve em nós de modo pessoal, daí a importância da reflexão sobre o conceito de pessoa.

De acordo com Giussani (2004), a família é o lugar original de formação de tradição, já que é o primeiro ambiente de socialização da criança. Depois há outros agentes sociais, como a escola, a igreja, o conjunto de relações no próprio lugar onde se habita, a mídia, dentre outros. O tempo e o lugar em que uma pessoa vive vão ser fundamentais para a composição de valores e significados, pois é impossível subtrair-se à visão de mundo própria de uma época. Assim, a tradição na qual o jovem nasce se desenvolve numa unidade entre o micro, a partir da primeira relação do bebê com a mãe ou com um cuidador, e o macro, ou seja, o contexto mais amplo em que a pessoa está inserida. Para Alles Bello (2000, p. 165), a psicologia fundamentada na

investigação fenomenológica é capaz de compreender o caráter unitário das relações entre indivíduo e sociedade:

O ser humano, embora não vivendo de uma forma isolada, representa na verdade um microcosmos, mas um microcosmos aberto, e nesta abertura encontramos ainda um dos traços fundamentais desta investigação: o fato de não absolutizar nem a particularidade nem o todo, sabendo dosar a presença e a importância do indivíduo em um contexto mais amplo.

Nesse sentido, a tradição na qual cada pessoa se insere é um arcabouço de valores e significados transmitidos de geração em geração em determinada comunidade, mas que não são recebidos de forma mecânica, pois são apropriados pela pessoa de forma única com base nos encontros e nas relações vivenciados nos seus diversos ambientes ao longo da vida. Assim, o ser humano, obviamente, não nasce pronto; ele se constitui de uma tradição composta aos poucos pela realidade vivida que se inscreve em todas as dimensões do seu ser.

Para o educador, é necessária certa educação do olhar capaz de provocar uma abertura para o diverso, pois o ato educativo é um encontro de tradições que o aluno e o professor trazem em sua bagagem e que, em parte, é compartilhado e, em parte, é pessoal. Sempre existe o risco de o professor pensar que não há nenhum valor a ser afirmado na história pessoal de um aluno quando este é muito diferente dele, ou seja, com uma idade diferente da dele, com uma história própria e pertencendo a um grupo social diferente.

Entretanto, de acordo com Giussani (2004, p. 50), a tradição, ou seja, aquele dado originário em que a pessoa nasceu é muito importante e não pode ser desvalorizado, pois fornece

uma hipótese explicativa da realidade a partir da qual o jovem se relaciona com os diversos aspectos da sua vida:

Tal tradição funciona para o jovem como uma espécie de hipótese explicativa da realidade. Não pode haver uma descoberta, isto é, um passo novo, um contato com a realidade gerado pela pessoa, a não ser por uma certa idéia de significado possível, idéia refletida de forma mais ou menos clamorosa, mas presente e ativa. [...] O encontro com alguém que seja portador daquela que chamamos “hipótese explicativa da realidade” não é algo que se possa evitar para a criança ou para o jovem. O primeiro lugar no qual isto acontece é a família: a hipótese inicial é a visão do mundo que têm os pais ou aqueles a quem os pais demandam a responsabilidade de educar o filho. Não pode haver um cuidado com o filho nem uma preocupação com a sua formação, senão possuindo nem que seja uma vaga e confusa – quase instintiva – visão de um sentido do mundo.

O jovem, quando depara com as coisas, quando depara com a escola, com os conteúdos da escola, com a figura do educador, já tem uma hipótese explicativa daquilo que encontra. Ele parte da sua própria tradição para dar significado às coisas.

Assim, segundo Giussani (2004, p. 50-51), a educação em sua dimensão de introdução à realidade total deve partir do conhecimento e da valorização da origem da pessoa e depois desenvolver a visão original na qual a pessoa se encontra:

A educação consiste em introduzir o jovem no conhecimento do real focalizando e desenvolvendo essa visão original. Essa educação possui, desse modo, o mérito inestimável de conduzir o

adolescente à certeza da existência de um significado das coisas.

Desenvolver a visão original consiste em introduzir o educando em campos ainda desconhecidos. O educador desenvolve essa visão original quando entende e acolhe o conjunto de exigências e de experiências que um jovem traz e quando, por meio do encontro, é capaz de oferecer uma hipótese de significado que ajude a pessoa a se colocar diante da realidade com novas perguntas e novos juízos sobre as coisas.

Ainda segundo Giussani (2004), não basta ter uma hipótese explicativa da realidade, mas é necessário que essa hipótese seja positiva, pois o indivíduo em formação precisa de uma idéia de significado para as coisas, para o mundo, para os relacionamentos e para si mesmo que se mostre adequadamente sólida, intensa e segura. E aí começa o nosso problema, porque atualmente muitos adultos, na impossibilidade de afirmar um sentido para a própria vida, têm oferecido uma posição cética para os mais jovens.

Mas o que significa dizer que a hipótese explicativa da realidade é positiva? Quer dizer que vou jogar o jogo do contente com os meus alunos e fingir que o drama não existe? Não, mas que eu, como educador, tenho certeza de que existe algo na realidade que vale a pena ser afirmado, que existe mesmo um significado para as coisas e para aquilo que eu vivo e do qual o meu eu é constituído com base nessa realidade que me é dada.

O ato educativo pode acontecer a partir do momento em que existe um educador capaz de fazer propostas e oferecer significados para o mundo, para o conteúdo que trabalha, para a própria vida e um educando que adere a essas propostas não de forma cega, mas imbuído de uma capacidade de verificação e de juízo sobre aquilo que é proposto.

## CONCLUSÃO

Para Giussani (2004), a educação como introdução à realidade total deve, primeiro, valorizar a tradição na qual a pessoa se insere e depois desenvolver essa visão original por meio do encontro com o educador e com a instituição educacional.

As conseqüências, para o autor, da negação dessas duas posições são:

- O travamento e desajustamento da personalidade em formação porque, não podendo afirmar a própria realidade originária, a própria tradição, o jovem fica abandonado às reações que o presente lhe oferece. Assim, se a própria hipótese explicativa da realidade é negada, a pessoa fica sem um critério por meio do qual possa julgar e escolher.
- Na escola, o encontro com o educador e a própria tradição é o guia que permite a descoberta da unidade entre as coisas. A falta desses guias provoca o ceticismo, ou seja, certa posição diante da vida segundo a qual não existe nada de verdadeiro no qual valha a pena se empenhar.

Ao contrário disso, o ato educativo deve partir da valorização da pessoa em todas as suas dimensões e deve ser capaz de provocar no professor e no jovem aluno uma capacidade cada vez maior de encontro com os outros e de empenho com a realidade.

## REFERÊNCIAS

ALLES BELLO, A. *A fenomenologia do ser humano*. Bauru: Edusc, 2000.

ALLES BELLO, A. *Fenomenologia e ciências humanas*. Bauru: Edusc, 2004.

ALLES BELLO, A. *Introdução à fenomenologia*. Bauru: Edusc, 2006.

CORÇÃO, Gustavo. *A descoberta do outro*. Rio de Janeiro: Agir, 2000.

GIUSSANI, L. *Educar é um risco*. Tradução Neófita Oliveira. São Paulo: Edusc, 2004.

GIUSSANI, L. *O senso religioso*. Tradução Paulo Afonso E. Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

JASPERS, K. *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo: Cultrix, 2006.

## CAPÍTULO 4

# A PROPOSTA EDUCATIVA

Pierluigi Bernareggi<sup>19</sup>

O que vocês fazem é educar pessoas, e não há nada mais importante do que tentar rever sempre o sentido daquilo que se faz. Ainda mais quando é algo feito de forma coordenada, de forma conjunta, o que requer que todos estejam muito afinados.

Tratando-se de educar as pessoas, essa afinação faz parte do sentido do trabalho que se faz, pois o ambiente que criamos pode ser educativo ou não, independentemente, digamos assim, da capacidade de cada um. Até os trabalhos mais humildes devem ser feitos de forma afinada para que o clima seja educativo. Ao contrário da cozinheira ou da faxineira de uma empresa qualquer, numa instituição educativa, o modo de fazer as coisas depende da consciência que se tem, do objetivo, que pode ou não ser um elemento educativo e que colabora com o trabalho de educação que acontece na instituição. Por isso, o principal é que todos estejam afinados – o porteiro, a faxineira,

---

19 Filósofo pela Universidade Católica “Sacro Cuore”, Milão/Itália.

a cozinheira, os monitores, os diretores, administradores –, por se tratar de uma realidade onde se trabalha a educação.

Vamos refletir sobre a importância, o sentido da educação. Certamente vocês já devem ter tratado desse assunto, refletido e discutido sobre ele, mas nunca é demais, nunca é suficiente, pois um assunto como esse nunca se esgota. A contribuição de um ponto de vista ou de vários pontos de vista pode ajudar a valorizar o sentido que se tem de educação.

### **O QUE É EDUCAÇÃO?**

Podemos começar pelo fato de que a característica fundamental da vida é que ela cresce em todos os escalões. Tudo cresce, tudo o que é vivo cresce, evolui. Só que existe certa diferença entre os vários tipos de vida. A vida animal ou vegetal cresce, mas não como a vida humana. O ser humano, por sua própria natureza, é diferente de todas as outras criaturas vivas. Por quê? Porque ele é livre, é consciente. Há nele uma luz interior que se chama espírito. O fato de ser um bicho, mas um bicho que pensa, um bicho que tem uma consciência, faz com que seu crescimento seja diferente do crescimento dos outros animais.

Qual é o critério para o crescimento da vida do animal não humano? A reprodução: o semelhante gera o semelhante; a evolução se dá por imitação, por reprodução constante daquilo que a vida fez até então. Nessa reprodução há uma repetição: repetem-se os comportamentos, os modelos. O animal vai crescendo, vai se tornando esperto, fugindo de inimigos, encontrando alimento, reproduzindo aquilo que o seu instinto e o modelo dos outros seus semelhantes lhe fornecem. Ele vai crescendo, vai evoluindo. Uma planta, por exemplo, que também é um ser vivo, cresce multiplicando as suas células, gerando outras que vão ampliando o seu corpo. A lei da vida



animal é a reprodução. Emitir sempre novas unidades daquilo que já existe, repetir os comportamentos armazenados no instinto biológico e que vê acontecendo em volta nos outros indivíduos.

O ser humano também é um animal, um animal inteligente, racional, espiritual. Exatamente por isso ele é mais complexo, por ter alguma coisa que os outros animais não têm. Portanto, nós temos, sim, essa capacidade de crescer por reprodução, imitando os pais, imitando os outros, reproduzindo comportamentos até então fornecidos pelo grupo, pela família, pela situação humana na qual nós vivemos, mas essa reprodução, essa imitação, esse fato de repetir não é a nossa única característica. Em certo sentido, essa é a parte, digamos, automática, que acontece quase sem que tomemos conhecimento dela no nosso crescimento. Evidentemente é preciso cuidar para não faltarem as condições favoráveis para que essa reprodução aconteça, pois se faltarem alimento, água, higiene, etc., o crescimento pode ficar prejudicado. Mas existe na nossa pessoa humana essa dimensão de conhecimento, de razão, de inteligência, de espírito, de sensibilidade, que é própria dela e que também está sujeita à lei da vida, que é o crescimento. E é exatamente nesse setor que entra o que nas outras categorias de coisas vivas não existe – a educação.

Embora possamos utilizar a palavra educação, por exemplo, para o adestramento do cachorro ou de um outro animal, isso não se trata propriamente de educação, e, sim, de produzir reflexos condicionados, isto é, da repetição, do automatismo.

Estamos tratando da educação do que existe em nós de mais tipicamente humano, isto é, a consciência, a razão, o espírito. É algo especial que acontece por um processo que já não é mais a imitação, a reprodução, mas crescimento que possui uma regra própria de quem tem liberdade, de quem é

consciente, de quem tem espírito, e esse processo se chama “educação”.

### PROPOSTA E RESPOSTA

Como funciona a educação? Trata-se de provocar o uso da liberdade, de estimular esse interior espiritual que nós temos; e a forma para isso acontecer é a jogada entre proposta e resposta. Para que a liberdade possa evoluir, para que a consciência possa tomar decisões, para que possamos, então, crescer na nossa personalidade humana, os fatores que geram isso são, de um lado, a proposta, de outro, a resposta.

Precisamos de proposta justamente porque devemos crescer, pois não somos os autores de nós mesmos. As propostas são necessárias para que possamos despertar para a realidade, para os grandes valores da realidade: justiça, verdade, bondade, beleza. Algo deve ser proposto porque não somos completos, não somos autores da vida. Queremos crescer na vida, mas para que cresçamos algo nos deve ser proposto: valores, sentidos, opções, planos, idéias, conhecimentos. Deve haver o aspecto da proposta para que possa haver o estímulo para crescer.

Outro aspecto é a resposta, ou seja, o uso da nossa liberdade, a afinação da nossa mente, do nosso espírito diante da proposta. E é tão importante a resposta que, quando às vezes falta a proposta, nasce a pergunta. E o que é a pergunta? É o pedido de uma proposta. Por que as crianças perguntam sempre “por quê?” Às vezes, diante das coisas mais banais: “Por que chove?”; elas estão em busca de alguma proposta à qual responder. Elas não buscam respostas, considerem bem isso. Quando a pessoa pergunta alguma coisa, não busca a resposta, busca propostas às quais possa responder. É essa capacidade de solicitar propostas que caracteriza a pessoa em crescimento, em evolução. É possível descobrir logo a pessoa que deixou de

evoluir porque ela não faz mais perguntas, não pergunta nada, acabou, já cresceu.

Precisamos responder a propostas, precisamos de propostas às quais dar nossas respostas. E essa tensão, essa relação profunda entre proposta e resposta, chama-se seguir. Seguir é responder a uma proposta. Para uma pessoa consciente, livre, que tenha algo mais do que os animais, a única possibilidade de crescer é buscar quem faça propostas às quais dar uma resposta. Esta é a relação entre discípulo e mestre: seguir o mestre, envolver-se com ele, que é autor de propostas, para poder decidir respostas, optar por respostas.

Isso não acontece só em certo período da vida, o chamado período evolutivo, mas a vida inteira. Isso tem muito a ver com o cristianismo. Quem não é cristão começa a sua evolução com muitas perguntas, ou seja, muita busca de propostas e muito desejo de respostas. Com o passar do tempo, esse dinamismo vai esmorecendo, se enfraquece e, quando a pessoa fica adulta, perde a capacidade de buscar as propostas. Não gosta mais de propostas e passa a ser o “medalhão”, o dono da verdade, que impõe tudo e não procura mais nada; sabe tudo, aliás, fica ofendido quando alguém lhe propõe alguma coisa. Esse é o dinamismo comum da pessoa pagã, do paganismo.

Existe um estudo geral sobre a vida feito por um matemático alemão chamado Carl Friedrich Gauss (1777-1885). Ele descobriu que a vida segue uma curva com a forma de sino. Começa em baixo, vai subindo, chega ao alto e desce até morrer. É a forma simbólica da curva da vida, até mesmo da experiência de vida que conhecemos entre os seres humanos: começa do zero, vai subindo, chega ao ápice e, depois, desce.

A “curva de Gauss” não é a curva do cristianismo, porque Cristo veio justamente para introduzir um corte na curva de Gauss. De fato, para nós, o crescimento não deve ter limite. A morte, para nós, não é o fim da vida, não é a rápida decadência da curva de Gauss. Para nós, a morte é o início da vida eterna,

portanto é a glória, a superação infinita. É a famosa liberdade dos filhos de Deus. Os filhos de Deus são livres, isto é, não estão sujeitos à curva de Gauss.

Nessa questão da educação, também. O dinamismo de proposta e resposta, de mestre e discípulo, não está fadado a acabar, não é como no mundo pagão, onde os discípulos se tornam mestres e começam a ter discípulos, os quais, por sua vez, se tornarão mestres. Devemos ser *sempre discípulos* para que possamos ser *sempre mestres*, ou seja, o dinamismo de proposta e resposta, que é o fator educativo principal, não acaba nunca.

Quanto mais o tempo passa, mais as pessoas cristãs precisam estar dispostas a crescer, a evoluir. É a tremenda luta que eu travo contra o medalhão nas nossas paróquias: aquele que aprendeu, evoluiu, cresceu, e agora é o dono da coisa, é quem manda e os outros lhe obedecem. Ninguém mais se educa, ele não se educa mais, não forma mais ninguém e não deixa ninguém se formar porque não faz proposta alguma – ele impõe. Em vez de proposta, a coisa é *imposta*. Igual ao governo: os impostos, a imposição, que é exatamente o contrário da educação (“Cale a boca!”).

Esse dinamismo profundo, essa relação entre o mestre e o discípulo, faz o ser humano *evoluir cada vez mais* como humano, isto é, naquilo que ele tem de próprio, de diferente dos outros animais. Os outros animais estão sujeitos ao império inexorável da curva de Gauss; nós, não. Devemos experimentar sempre mais o gosto de seguir, de perguntar, de buscar quem pode ser mestre para nós e, dessa forma, nos tornar mestres para os outros.

A palavra *obediência*, dependendo da maneira como entendemos a educação, também muda de sentido. Para quem não possui essa profunda experiência de proposta e resposta, portanto, de uso da liberdade, obedecer é igual a “falou, tá falado”; é copiar, é reproduzir, é imitar, se possível, é clonar. E a obediência se torna o caminho para a escravidão, a sujeição,

a perda de personalidade. Ao passo que para quem possui essa experiência profunda do dinamismo entre proposta e resposta, obedecer é procurar penetrar no interior das motivações da proposta, é *aprofundar as propostas*, é levar a sério as propostas, é fazer como Nossa Senhora, que remoía dentro de si todas aquelas coisas.

Dessa forma, *o mestre se torna companheiro, colega*, torna-se ponto de referência constante de um diálogo profundo, de uma meditação contínua, de tal maneira *que o discípulo pode até superá-lo*, pois, à medida que vai crescendo, evoluindo, se tornando sempre mais adulto na sua humanidade, pode chegar a descobrir propostas ainda melhores, pois as respostas que está dando são mais agudas, mais profundas, mais autênticas do que aquilo que os outros tinham imaginado. Mas isso só é possível à medida que cresce dentro dele a capacidade de analisar as propostas, de valorizá-las, de personalizá-las, a fim de tomar atitudes diante delas de forma profunda, autêntica, verdadeira, consciente, responsável e livre.

Se para o animal a regra para crescer é imitar, copiar, clonar, para o ser humano, a regra é *interpretar*, é pôr a própria humanidade numa relação dialógica com a humanidade de quem lhe faz propostas, ou seja, é traduzir para si as propostas feitas, diferente de quem segue a lógica animal e se torna escravo, consumidor, empregado, no sentido mais automático das coisas.

Quem segue o caminho da relação de proposta e resposta se torna cada vez mais ele mesmo, cada vez mais pessoa, e sua *personalidade* se fortalece sempre mais. E se o mundo gerar um exército de pessoas que vivam a obediência como imitação, como clonagem, como moda, como animal, será um mundo da repetição, um mundo chato, um mundo que nunca muda. O mundo criado por esse exército de gente clonada, mimeografada, fotocopiada, gente da moda, que segue a moda (todo mundo com a barriguinha de fora, todo mundo de salto

alto, todo mundo de moto Honda, todo mundo com uma geladeira Cônsul, todo mundo de sandálias Havaianas), esse mundo clonado é um mundo chato, enjoado, onde ninguém gosta de viver e, portanto, é o mundo da psicoterapia. Esse mundo gera um homem que precisa de psicoterapeutas, de pílula para dormir e de ansiolíticos; causa a desumanidade desgastante, animaliza as pessoas.

O mundo criado por quem segue o mestre, por quem tem capacidade de entrar num dinamismo de proposta e resposta, por quem exerce a sua liberdade, por quem tem personalidade, é um mundo de construção, de criatividade, onde há personalidades, onde cada um é dono de si próprio e gera o máximo que consegue com as suas capacidades. Portanto, é o mundo do progresso, da evolução, da história.

O mundo criado por fotocópias, por pessoas martirizadas pelos medalhões, é um mundo parado, sem evolução, igual a esse Brasil em que estamos hoje, que vocês estão vendo (as pessoas têm nojo de viver aqui por estarem sendo massacradas como objeto pelos medalhões). E aqui não se trata de partido político nem de ideologia, mas de mentalidade, ou seja, da maneira de entender o ser humano.

Esse trabalho de propor para que possa haver resposta, de fazer com que as pessoas acordem para a sua capacidade de liberdade, esse trabalho de gerar um mundo no qual as pessoas possam ser incentivadas a realizar o máximo de suas potencialidades, de forma que possam retornar a si próprias, *é o trabalho da educação*. E é o grande trabalho que esperamos possa ser abraçado por vocês, pois é o trabalho mais interessante. Lógico que é preciso cuidar da saúde, cuidar da cantina, cuidar da limpeza, mas não pensem que isso seja tudo. Há um objetivo no trabalho que vocês fazem: a meta principal é que as pessoas que vocês encontram, justamente por serem pessoas humanas, encontrem propostas, encontrem mestres.

Mestre pode ser a cozinheira, pelo jeito como ela se relaciona com os outros e, principalmente, com as crianças. Mestre pode ser a faxineira, pelo modo como ela expressa a sua proposta de vida, pela maneira como faz o próprio trabalho. Toda proposta solicita uma resposta. À medida que você expressa a sua personalidade de forma madura, de forma adulta, brota de dentro de você um abraço humano, uma atitude humana; você está sendo uma proposta para as pessoas, e isso não fica por aí, pois do outro lado vão vir respostas, vai vir um alerta, um raciocínio interior: “Por que será que essa pessoa é assim?” O outro começa a meditar, a refletir, mesmo que seja uma criancinha.

Dizem que a curva de Gauss, em relação ao bicho homem, chega ao seu auge quando a criança atinge 2 anos de idade. O máximo da capacidade que um ser humano tem de expressar, de transformar a materialidade dos elementos que ele absorve em energia, é aos 2 anos. Depois disso vai diminuindo, a pessoa começa a produzir menos. O ser humano produz o máximo que consegue quando está com 2 anos. A máquina humana funciona assim: a sua produtividade máxima acontece aos 2 anos. É impressionante! Tanto que aquilo que você não consegue estimular do ponto de vista do sistema nervoso até os 2 anos de idade nunca mais você recupera.

Isso não é para desmotivar vocês que trabalham com pessoas que têm mais de 2 anos, pois aqui se trata da curva de Gauss. Nós não somos apenas animal, somos pessoa, e essa dimensão espiritual excede em muito a curva de Gauss. O bicho homem, se o cristianismo não intervier, mesmo sob o aspecto espiritual, chega a um ponto em que também a sua curva de Gauss começa a declinar.

A história – o progresso da humanidade, a evolução – dependeu, depende e dependerá da educação. É por isso que o Brasil só pode cair cada vez mais no fundo do poço, pelo desprezo para com a educação que este país ostenta no

mundo inteiro. Somos o país mais atrasado, a mentalidade mais atrasada do mundo. Não existe país mais atrasado que o nosso em termos de educação.

O progresso, a educação da humanidade, as descobertas – até as científicas, tecnológicas, as descobertas humanas, as descobertas sociais, as descobertas espirituais, culturais –, tudo o que há de evolução, de progresso da humanidade, depende de quê? Depende da educação. Se a educação for pautada pelo ritmo do “cale a boca e obedeça”, “não faça nada se eu não mandar”, ficaremos do jeito que estamos. Se a educação for essa relação de discípulos com mestres, de aprofundamento de propostas e elaboração de respostas; se a educação for essa capacidade que se estimula dentro da pessoa para ela captar, interpretar, conhecer e evoluir, teremos condições de criar um mundo novo onde as pessoas possam ser elas mesmas, onde a lei não seja a repetição mas a criatividade, e nós poderemos nos sentir livres, por termos uma profunda criatividade para buscar proposta e oferecer respostas. Ter mestre e ser discípulos; ser mestre e ter discípulos.

## DIÁLOGO

*Como posso reconhecer que o meu mestre quer o meu bem?*

Você pode reconhecer que uma pessoa quer o seu bem porque ela *lhe propõe*. Por ela despertar em você essa impressão de uma proposta, ela só pode ser um mestre; a pessoa que não quer o seu bem *lhe impõe*, obriga-o. O mestre não tem uma carteirinha de mestre assinada; quem o reconhece é o discípulo, *é você* que percebe onde há *proposta*.

Às vezes a gente pensa que proposta é: “Vamos assaltar aquele banco?” Isso seria uma proposta? Só é proposta aquilo que *toca a sua humanidade*, que faz você vibrar, que faz você se sentir despertado para algo que o faz crescer.



Nem tudo o que falam por aí é proposta. Proposta real é a que me solicita, que me toca, que gera em mim uma esperança de crescimento, uma esperança positiva. É verdade que por aí proposta é: “Vamos fazer uma sacanagem juntos”. Isto seria uma proposta? Não! Só é proposta aquilo que efetivamente desperta uma resposta e faz a sua humanidade vibrar. Então, quem reconhece o mestre só pode ser o discípulo. Ele não é imposto, não se apresenta com a carteirinha de mestre pedindo que obedeçam ao seu sinal.

*É por isso que acontece, por exemplo, de um menino reconhecer o adulto como mestre e ir atrás dele e, indo atrás, caminhar? Estou pensando num menino da nossa instituição que faz uma experiência assim.*

*Seguir, ir atrás, é o contrário da imposição.* Diante da *imposição*, a pessoa dá um jeito de *cair fora*, pois, instintivamente, não é afeita às imposições. Ao contrário, quando há *uma proposta*, a pessoa se aproxima, sente uma atração, e é isso que a faz ir atrás e procurar a pessoa que a atraiu.

Todos nós conhecemos, nas nossas realidades, pessoas que parecem ter mel para as abelhas. Todo mundo, vira e mexe, quer a companhia dessa pessoa, quer falar com ela, quer os conselhos dela. E isso *não é algo que se improvisa*, nem se gera espontaneamente, pois, por exemplo, o instinto de conservação para evitar que os filhos fiquem em perigo é algo que temos espontaneamente, é algo que vem da nossa natureza animal. Temos *elementos instintivos* que nos tornam, automaticamente, não educadores, mas *autoridades*.

O mestre, entretanto, *deve se trabalhar*, pois ser educador não é algo instintivo: por instinto, ninguém é educador, pois isso cria responsabilidade, cria vínculos sérios e pode exigir sacrifícios. Educador mesmo é quem descobriu o valor da educação por causa de outros mestres, naturalmente, por estar vivendo sempre assim e se trabalhou para poder fazer propostas. E a história do “líder natural”? Um traficante é líder

dos traficantes, naturalmente; mas ele é uma proposta? Ele possui propostas nesse sentido de que estamos tratando? Ele é educador? Não! É alguém que está destruindo a si mesmo, aos outros e à sociedade.

Para podermos ser fonte de propostas, temos de trabalhar a nossa natureza integralmente, sendo bons discípulos para sermos bons mestres. Temos de nos trabalhar para sermos educadores. *O educador não nasce feito.* Não é verdade quando se diz que um filho tem vocação para ser educador e outro não tem. Pelo fato de a pessoa ser um ser humano, ela tem a responsabilidade de ser proposta para os outros, senão não é ser humano, é bicho. Nem todo mundo pode ser engenheiro, nem todo mundo pode ser professor de matemática, nem todo mundo tem o dom para ser cozinheira(o)... mas educador, todos temos de ser, onde quer que estejamos, e primeiramente na família. Já pensou começar a criar uma família e dizer “Ah não! Não vou educar meus filhos porque não tenho dom”. Só o fato de ser gente faz de você um educador, porém você precisa trabalhar essa qualidade por meio de mestres que o ensinem a educar.

*Respeitar a liberdade é o maior desafio. A educação é produzir o uso da liberdade. Como produzir o uso da liberdade sem cair na tentação de receitas prontas?*

Receita pronta é o contrário de liberdade; supõe que tudo siga aquele ritmo que tem que ser. Dar receitas uns aos outros não é proposta, não é liderança, não é educação, não é nada. Não faz crescer a liberdade de ninguém porque não propõe nada que seja criativo, não é proposta. Uma receita não é proposta, é uma receita. Não toca a liberdade de ninguém, pois, por exemplo, se em vez do sal você usar pimenta na receita, o sabor não será o mesmo; se em vez de óleo usar ácido muriático, você mata as pessoas.

O fato de estarmos buscando nossa segurança em receitas prontas quer dizer que precisamos trabalhar nossa qualidade

de educadores, pois não é com receitas prontas que vamos educar ninguém. “Isto é assim, isto é assado. Faça isso, faça aquilo, obedeça ao figurino”, através disso, não! Fazendo assim, enquadrámos as pessoas, “normalizamos”, como se dizia na época da Cortina de Ferro (a pessoa tinha de passar por uma reciclagem, tinha de ser normalizada para poder entrar no meio do ambiente da cortina. Isto é lavagem cerebral para a pessoa poder atender ao figurino, e pronto). Hoje, por exemplo, a normalização é o neoliberalismo capitalista: a pessoa tem de passar pela universidade (até Católica) para se formar um bom neoliberal funcional à sociedade, até mesmo para poder ganhar um bom dinheiro, para ter sucesso, senão está fulminada. Receita pronta não cria liberdade alguma, mas, sim, ditadura e escravidão. Um bom educador não tem receitas prontas, tem propostas as quais você terá de avaliar, terá de se conscientizar do sentido, do motivo, do porquê e, no caso, optar e assumir. E isso supõe uma criatividade.

*Será que eu, do jeito que sou, estou sendo proposta ou propondo algo? Às vezes parece que não estou propondo nada.*

Você acha que não está propondo nada. A primeira “receita” – entre aspas – é você descobrir, ao contrário, que pelo próprio fato de ser quem é, você está se propondo. A sua pessoa é a principal proposta. Então, se você acha que não propõe nada é porque você acha que é nada, e esse é um grande engano. Talvez por causa desse clima de normalização no qual estamos, chegamos à conclusão de que somos nada: estamos reduzidos a número, código, um código fiscal; “meu número é este!” Eu não passo de um número, estou normalizado em uma função social igual a uma abelha (uma abelha, na colméia, é nada, porque existe um milhão de abelhas iguazinhas a ela e, se ela desaparecer, vão aparecer mil para substituí-la, e todas fazem a mesma coisa, há milhões de anos. Então, ela pode ter a impressão de ser nada: uma abelha na colméia, ou um peixe

no cardume, ou uma vaca no rebanho). Mas o ser humano, no gênero humano, faz falta, sim, porque cada um é um. Observe as caras das vacas: todas são iguais; observe as caras das sardinhas: todas são iguais; observe as caras das abelhas: todas são iguais. Mas observe o rosto das pessoas: existe um igual ao outro? Mesmo no caso dos gêmeos univitelinos, a própria mãe sabe muito bem quem é um e quem é outro; ela não se engana. E cada ser humano é imagem e semelhança de Deus. E Deus é a fonte da vida, a fonte da criatividade, é o Criador. Então, não dá pra dizer que somos nada.

Temos de tirar essa falsa imagem de que todos somos robozinhos iguais a todos os outros, obedecendo aos mandamentos da moda, e que nos faz pensar que somos nada. Se formos analisar, basta um pouco de silêncio, um pouco de oração para descobrirmos a verdadeira procedência da nossa pessoa. A primeira coisa que você descobre é que você é você, que tem uma potencialidade, uma coisa impressionante e, então, a primeira proposta, somos nós mesmos. A sua cara é uma proposta porque não existe outra igual. Agora, se for cara emburrada é uma coisa, se for cara feliz, cara que comunica, cara que desperta, aí você se torna uma proposta. Então, não é difícil a gente ser proposta.

*Que fazer com as coisas que nascem da minha criatividade? Como fazer para sermos também proposta? Eu sou capaz de criar uma proposta?*

Você usou duas palavras: ser proposta e criar propostas. É uma seqüência: primeiro, precisa ser proposta para depois criar propostas. O ser na escala de valores vem antes do fazer. É mais importante ser do que fazer. Fazer é consequência do ser, embora haja ideologias que considerem o ser como consequência do fazer. Por exemplo, o materialismo marxista pensa que o homem é produto da ação social. E o liberalismo, essa beleza de liberalismo no qual estamos mergulhados, acha

que o ser é produto da atividade econômica; somos todos consumidores, nada mais que isso.

Então, o nosso ser é fruto ou é origem do nosso agir? É origem. Precisamos ser proposta para podermos fazer propostas. *Cuidem do seu ser.* Se você cuidar do seu ser, simplesmente, de você vão fluir propostas para os outros.

*A regra para os seres humanos é interpretar, usar humildade, traduzir para si a proposta feita. Como comunicar isso às crianças?*

Faça um coral e ponha todas as crianças para cantar. Depois, peça-lhes que respondam: “Vocês viram seus coleguinhas? Quem canta melhor?” “É Fulana?”! “Por quê?” “Porque ela não repete, ela interpreta”. Aí você mostra pra eles. Reconhecemos a pessoa que interpreta porque o que sai de dentro dela tem a sua marca registrada, sai com a sua personalidade, até em uma criança pequenininha.

*Qual é o critério de afinação?*

Todo mundo tem de ter o mesmo objetivo, o mesmo ideal. Mas isso vale também para uma empresa. Só que no nosso caso o ideal não é uma tese, ou uma meta econômica que todos têm de atingir. *Nosso ideal é educar*, então, não é uma coisa preestabelecida, não é uma meta que lhe permita chegar ao fim do semestre e dizer: “Bom, Fulana alcançou 100 pontos, esta alcançou 50, aquela alcançou 75; vamos ficar com elas. A que alcançou 25 vamos mandar embora”. Não existe uma estatística para medir a afinação. Se o propósito é educar, o objetivo não é apresentar resultados tangíveis, mas criar condições para que *cada um possa evoluir à sua maneira.*

Então, pode-se ser educador trabalhando *na faxina* tanto quanto trabalhando *no computador*. A afinação consiste em que todos estejamos participando de um ambiente no qual as pessoas se sintam provocadas por propostas: da sua educação, da sua formação, do seu crescimento. Não existe afinação com

base em lemas ou em resultados práticos, mas, sim, com base no *clima*, o qual se percebe quando se entra numa instituição. Você percebe o clima por infinitos, mínimos detalhes que, somados, criam o clima. Não há como construir determinadas regras que produzam determinado clima educativo.

Pode-se tão-somente estimular as pessoas a “vestir a camisa”, e, nesse contexto é que surge o clima. O clima, por assim dizer, é como o ar para respirar. Você não vê o ar, mas sem ele você não respira. O clima é aquela atmosfera, por exemplo, como quando você chega para visitar uma família e a mulher está brigada com o marido, o filho está drogado, todo mundo está revoltado. Você entra nessa família e sente logo o gelo. Não são coisas objetivas que lhe mostram isso, mas uma infinita coincidência de subliminares detalhes sugere que, efetivamente, ali existe determinada situação. Da mesma forma, a situação educativa se constrói com a infinitésima parcela de infinitos detalhes mínimos que cada uma das pessoas expressa e, no conjunto, dá aquela impressão de que é o principal fator educativo. Por exemplo, se num determinado dia você acordou com dor de barriga, com certeza não vai dar de si o mesmo que daria se ganhasse na loteria e estivesse num alto-astral. Mesmo assim, o conjunto *é educativo*, pois o clima gerado por “N” fatores convergentes é uma proposta para as pessoas. E não se trata de imposição e nem de um mecanismo. Por exemplo, as pessoas devem sentir saudades da instituição quando estão de férias. Por quê? Por causa do clima. Essa afinação é dada pelo clima do ambiente.

*Como distinguir se a obediência é impor ou seguir? Como despertar o gosto pela obediência?*

Apresentei dois sentidos de obediência: obediência no sentido do “cale a boca e faça”, e obediência no sentido de levar a sério uma proposta.

Para despertar esse segundo tipo de obediência, o mais interessante é que haja proposta, já que o ser humano, instintivamente, procura por propostas; encontrando-as, não há ninguém que não se sinta atingido. Portanto, o melhor caminho para que haja obediência é que haja uma proposta de verdade. *O grande problema não é a obediência.* É verdade que existe o pecado original, o pecado pelo qual a pessoa vira as costas de propósito, diabolicamente, não quer saber de uma proposta, rejeita qualquer proposta, etc. Mas, por trás dessa aparente desobediência, às vezes, que propostas a pessoa recebeu? Nesse sentido, a revolta, a impermeabilidade e a desobediência não constituem o problema. O problema é o que está por trás disso. O que levou uma pessoa a ser assim, se por natureza o ser humano é dócil? Deus não nos fez rebeldes. Deus nos fez à sua imagem e semelhança, isto é, afinados, transparentes, comunicativos, portanto, capazes de receber propostas e de dar respostas. Deus nos fez assim. As alterações que acontecem na nossa personalidade quase sempre são fruto de um progresso catastrófico, itinerário de más propostas, não-propostas, imposições e tudo o mais. É lógico que a pessoa, em determinado momento, por livre e espontânea decisão, pode virar as costas, e tudo bem. Esse não é o problema educativo. Faz parte, sim, do problema educativo, no sentido de que, como você estimula a liberdade da pessoa, corre o risco também de a pessoa, numa determinada hora, virar as costas, e pronto.

Deus fez isso conosco. Todos os bichos, os animais que Deus fez, não desobedecem a nada, eles obedecem perfeitamente, seguem à risca a natureza e os instintos e nunca se desviam. Eles não são livres. Não existe animal perverso. Não existe bicho ruim. Perversidade, ruindade, liberdade mal usada são características típicas do ser humano. Deus *correu o risco* de nos fazer livres porque Ele quer respostas, Ele não quer imitações. Ele não quer escravos. Não somos escravos, somos livres. Então, também no nosso trabalho educativo não

devemos nos espantar se em determinado momento pessoas nos viram as costas. Isso faz parte da liberdade.

Nem sempre é porque minha proposta é má ou porque a pessoa é ruim, mas porque existem travessuras anteriores que tornaram a pessoa psicologicamente alterada. Daí vem toda a questão da paciência do educador. A paciência faz parte do educar. E em que se fundamenta a paciência? Na certeza de que você tem propostas. Por que tenho paciência? Porque tenho certeza de que aquilo que está dentro de mim, numa bela hora, vai fluir, vai ser proposta para o outro. Ter paciência é ter segurança sobre si próprio. O ditado diz que “a paciência é a virtude dos fortes”. Quem tem fundamento é quem tem paciência. Em geral, perde a paciência quem carece de fundamento, de propostas. Quem tem propostas de verdade não perde facilmente a paciência. Usa paciência, paciência, paciência, até além do que as pessoas em geral pensam que ele poderia tolerar. O caso típico é o do matrimônio católico: por que somente a Igreja Católica é que insiste nessa bendita questão de que o matrimônio é indissolúvel? Porque temos certeza de que essa proposta é maior do que todas as loucuras que as pessoas possam fazer. E as pessoas que caem na tentação de se separar, de cair fora para se casar com outra, para tentar outros caminhos, são dignas de dó pelo fato de serem pessoas que evidentemente não têm capacidade de levar a sério propostas. Nosso ideal não é de que tudo esteja certo, nosso ideal é Jesus Cristo, que morreu na cruz. Então, a cruz faz parte do ideal e não pode ser motivo para abandonar uma proposta. Abandonamos a proposta porque somos deseducados, porque a dimensão animal em nós supera a dimensão espiritual, infelizmente.

*Como responder à necessidade de educação num país onde a educação não é levada a sério? Como manter o desejo de aprender e educar? O que pode ser proposto para o educador como ajuda no trabalho?*



Bom, a educação não é levada a sério no Brasil pelas instituições, mas suponho que seja levada muito a sério pelas famílias, senão estaríamos todos na maior loucura, pois somos o país indecentemente mais deseducado pelo governo, e, no entanto, somos o país considerado uma beleza pelos que aqui chegam. Quem vem de fora admira o povo brasileiro, certamente não por causa da devassa feita nas escolas e nas universidades, mas porque existe um ambiente educativo, espontâneo, natural, o que eu chamei de “clima”. O clima, por enquanto, existe, embora o ideal da TV Globo, por exemplo, seja certamente chegar ao objetivo que eles querem de realmente arrasar com esse clima para “normalizar” todos conforme os Unites States of América. Mas até lá nós temos um clima educativo.

Que fazer de uma sociedade cujas estruturas educativas oficiais estão falidas? Arregaçar as mangas, meus amigos, criar vergonha na cara e batalhar, no plano socioeconômico, no plano sociopolítico para exigir mudança neste país. Por muito menos, no Iraque, até as mulheres estão se oferecendo como bomba na frente dos quartéis (mulher-bomba com três filhos). Loucura por muito menos. Claro que para nós, católicos, o procedimento não pode ser esse, tem de ser de outro nível, graças a Deus. Mas precisamos montar um esquema de mudanças radicais no nível das estruturas neste país, “sem perder a ternura”, como dizia Che Guevara, sem perder o clima de educação, de fraternidade que existe no meio do povo, das nossas famílias. Isso é herança dos tempos em que havia aquelas confrarias, aquelas formas de comunidade nos interiores, no período da formação do Brasil. Isso vem de muitos anos: povos que se misturavam, e o cristianismo, digamos assim, valorizando tudo o que há de bom em cada um desses povos.

Apesar da calamidade pública vigente, apesar da incompetência dos políticos no meio dos quais estamos, por que o Brasil ainda é um país entre os mais felizes, onde o povo se sente feliz? Vem gente do mundo inteiro aqui para

assistir ao carnaval, ao samba... Isso é produto de quê? De um ambiente de fraternização, de uma proposta. E por que é assim? Pela influência do cristianismo que fundiu raças, as mais diferentes culturas, arrebanhando tudo o que há de bom em cada uma delas e somando isso tudo à vivência da comunhão cristã; e isso gerou um caldeirão de povos que forma propostas maravilhosas.

Então, nesse ambiente positivo do povo brasileiro o que falta um pouco – aliás, falta muito – é vergonha na cara, por parte dos não-governantes, para assumir o direito de exigir mudanças. Se analisarmos o que está na cabeça dos governantes, vamos encontrar coisas globalizadas que não têm nada a ver com o povo brasileiro. Precisamos mudar o tipo de governante. E, para que existam novos governantes, deve haver formação na base do povo, formação para quem estuda. Não é possível que a Universidade Católica continue do jeito que está, globalizando as pessoas no neoliberalismo capitalista. Isso mudará no dia em que os católicos tomarem vergonha na cara e exigirem mudanças.

Lecionei durante 16 anos na Universidade Católica, na Faculdade de Filosofia, que, apesar das aparências, é uma das que mais influenciam na formação da mentalidade do povo, e não havia um só professor, meu colega, que fosse católico: todos eram marxistas, todos materialistas, todos neoliberais. Falávamos de temas da Doutrina Social Cristã, de orientações filosóficas, da tradição, da filosofia, e eles riam de nós na frente dos alunos, dentro de uma Universidade Católica! Dessa forma, como é possível ter governantes capazes de interpretar, de oferecer propostas educativas? Aqui na Escola Madre Paula,<sup>20</sup> as pessoas, as mães, fazem fila de segunda a sexta, até dormem

---

20 Escola católica situada no bairro Providência, Belo Horizonte, fundada na década de 1960 por Madre dos Anjos, Escolápia com processo de beatificação em andamento. Atualmente conta com quase 400 alunos oriundos de famílias muito humildes do bairro.

nas filas, para conseguir uma vaga, de tão apavoradas que estão com a miséria cultural, com a desclassificação, com o vazio que esses meninos encontram nas escolas públicas. Precisamos reagir, alguém tem de se levantar. Será possível que nós católicos vamos passar a vida toda engolindo tudo sem assumir nossas responsabilidades?

*Qual é a diferença entre modelo e proposta, e como ter consciência de que não estou sendo simplesmente um modelo?*

Fizeram uma reunião de crianças em Araxá, uma festinha pública popular, e perguntou-se às crianças o que elas queriam ser quando crescessem. A resposta da maioria das meninas foi: “Quero ser modelo!” A idéia é que já vem tudo predeterminado, e a pessoa tem de se encaixar nela. A proposta vem da pessoa que tem coragem de sair fora do esquema para produzir uma coisa nova; e a coisa nova não é modelo, a coisa nova é novidade, é estímulo a uma mudança para melhor. Essa é a diferença entre modelo e proposta. O educador não pode se colocar como modelo para os seus alunos, do contrário a tendência deles será adquirir o gabarito e pensar que, assim fazendo, tudo estará resolvido, portanto, vão se tornar preguiçosos, mentalmente preguiçosos, repetitivos e tudo mais. Não podemos nos colocar como modelos para os nossos alunos. O mestre não é modelo. O mestre é aquele que questiona, que ajuda a pessoa a olhar para cima e para além dele próprio, como dizia São João Batista: “É necessário que ele cresça, e eu diminua” (Jo 3,30). Proposta é justamente o contrário de modelo, e as duas coisas não andam juntas.

*O que é “produzir uma coisa nova”, como você disse, pois eu posso ter a tentação de fazer uma coisa diferente dos outros. E daí?*

A novidade, por si mesma, não é proposta, mas outra forma de moda, de modelo. Esse negócio de dizer que só vale o último livro que saiu no último mês não tem nada a ver. Eu

tinha alguns colegas professores na minha faculdade que faziam questão de dizer qual era o último livro que tinha sido publicado na matéria deles. Eles queriam que todo mundo soubesse que eles estavam atualizados com as últimas novidades. Achavam que isso era o valor do professor. Isso nunca foi novidade.

A verdadeira novidade não é o que surge de repente, cortando com tudo o que existia antes. Isso cria ruínas porque você começa uma coisa e deixa pra lá, depois faz outra e deixa pra lá, e tudo o que faz fica pela metade, nada chega a resultado algum. A verdadeira novidade, aquela novidade criativa, que é objetivo da educação, é o que brota de uma proposta à qual é dada uma resposta. A proposta é fundamental para que haja uma resposta. Cortar todas as propostas, negar todas as propostas, torna a pessoa incapaz de elaborar coisas novas de verdade. Aquilo que se apresenta como novo parece novo, mas, depois, verifica-se que dez mil anos antes aquilo já existia e já tinha sido rejeitado há dez mil anos. Quer ver uma grande novidade na sociedade moderna? O aborto. Grande novidade! Divórcio: grande novidade! Isso já existia no tempo de Adão e Eva, no tempo dos romanos, e a civilização já rejeitou isso quantas vezes? E nós insistimos em dizer que é novidade. Novidade? Isso é podridão das cloacas, dos esgotos da história que afloram outra vez.

A verdadeira novidade é o que se elabora em cima de propostas. Portanto, precisa haver a proposta. Para se ter criatividade, é preciso ter raiz. Só quem tem raiz é criativo, pois uma construção precisa de alicerce. Como é que se vai construir um mundo novo cortando todas as raízes? A educação que visa estimular a criatividade (razão pela qual ela estimula a ligação entre gerações, entre os mestres e os discípulos) é que faz as pessoas serem realmente criativas. E uma pessoa pode e será criativa justamente porque tem grandes raízes, ao passo que certos conjuntos musicais aparecem porque é a última moda, inventam, tentam de tudo para dar a impressão de novidade,

colocam uma blusa diferente, luzes piscando diferente, colocam fumaça, mas é um esvaziamento, uma coisa chata, é a mesma lamentação, não há novidade alguma.

*É possível ser proposta mesmo num ambiente com medalhão?*

No ambiente do medalhão, a tendência é que todos se tornem rebeldes, intolerantes. No ambiente dominado pelo medalhão, o resultado educativo é pessoas insatisfeitas, revoltadas, pichadores, traficantes, prostitutas. Isso tudo é fruto dos medalhões. São pessoas renegadas, revoltadas, negativas, que cospem em cima de tudo, que sujaram tudo, que querem arrasar tudo, destruir, se autodestruir. De modo que quando a gente vê aquelas mães dizendo “Eu estou sofrendo demais porque a nossa família é tão católica, e agora meu filho é traficante, minha filha é prostituta, o outro é pichador, o outro é...”, como se fosse uma contradição, mas, na verdade, tem uma lógica. O medalhão só pode gerar gente revoltada. No ambiente do medalhão, é possível surgir gente positivamente educada? No ambiente dele podem surgir respostas e propostas? Sim, mas por meio de alguém que consiga injetar nessa família, nessa comunidade, um clima diferente, uma atitude diferente. E isso é possível.

Quantas vezes a gente vê famílias com mentes confusas e alguém que participa de determinado movimento, de determinada comunidade, de repente começa, naquela família, a comunicar uma coisa nova. Meu pai, por exemplo, morreu com os sacramentos depois de ter passado quase uma vida inteira, como se diz por aí, na “gandaia”. Quando vim para o Brasil para ser padre, minha mãe foi ao bispo pedindo pelo amor de Deus que não me deixasse partir. Nos últimos anos, mediante todo o trabalho de comunicação, de beleza, minha mãe era aquela pessoa extraordinária. Isso não é acaso, pois os ambientes podem se modificar, eles não são culpa de ninguém. As pessoas criadas num certo clima educativo negativista sofrem as conseqüências

e, sem querer, se enquadram. Quando surgem aqueles elementos diferentes, que realmente conseguem comunicar uma postura nova, tudo pode ser revertido, porque o ser humano só está esperando por propostas. Se ele não dá resposta é por falta de proposta. Então, creio que não existe lugar algum – ambiente, família, comunidade – do qual possamos dizer: “Ah, não, aqui não dá”. A primeira resposta que se ouve quando se propõe “vamos formar uma comunidade na nossa rua?” é: “Ah, não, na minha rua não tem jeito, lá ninguém quer saber de nada”. Aí o outro diz: “Não, pessoal, vamos fazer assim, vamos começar com calma, com paciência”, e descobre-se que as pessoas são muito melhores do que se imaginava.

Aquela impressão negativista é fruto dessa falta de formação, mas quando há uma presença carregada de propostas, as pessoas só estão esperando por isso. É necessário pessoas que acreditem ser possível lançar uma proposta em um ambiente aparentemente refratário. E o cristianismo sempre foi assim. O cristianismo surgiu quando havia o mais violento paganismo. Por mais que vivamos mergulhados num mundo de violência como o nosso, não temos a mínima idéia do que era o mundo pagão. Em Roma, havia um lugar alto com um despenhadeiro – era o lugar da prefeitura onde todas as pessoas que tivessem uma criança e não a quisessem, jogavam-na de lá, e pronto. Essa era a municipalidade de Roma, sem falar de outras coisas. Nós não temos idéia do que era o mundo pagão. E o cristianismo começou justamente no meio de gente assim, e foi conduzindo a coisa para outra direção. Sendo assim, num ambiente deseducado ou mal-educado, a educação também tem chance, porque Deus fez o mundo capaz dessas coisas.

*Como viver o dia-a-dia como uma pessoa desconhecida para responder a uma tarefa que me é proposta?*

Pequenas pessoas que não têm condições de cumprir essa tarefa não existem, pois, quanto menores elas forem, melhores

serão para essa tarefa. A tarefa não é ser proposta? A tarefa não é ser testemunha? Quanto menor você for, quanto mais humilde você for, mais a proposta será válida. Difícil é que se torne proposta a pessoa metida à besta, cheia de dinheiro e que fez sete faculdades. É difícil que ela seja proposta porque vai ser tão metida que não terá condição nenhuma de ser discípulo de ninguém, e, aí, pronto! Ela não propõe nada a ninguém. Mas a pessoa simples, a pessoa humilde, sim. É tanto que Jesus, no Evangelho, citava o quê? Os pobres, as crianças. Então, quanto menor nesse campo, maior a chance de ser proposta.





## CAPÍTULO 5

# MESTRE E AUTORIDADE

Pedro Faria Borges<sup>21</sup>

*“Mestre não é aquele que sempre ensina,  
mas quem, de repente, aprende.”*

*Guimarães Rosa*

A língua portuguesa possui várias palavras para nomear os indivíduos que participam da relação que se estabelece num processo de ensino-aprendizagem. De um lado, há os vocábulos: estudante, aluno, aprendiz, discente, educando, discípulo e, atualmente, até mesmo cliente; do outro, instrutor, professor, docente, educador, mestre e, mais recentemente,

---

21 Graduado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com pós-graduação em Gestão da Qualidade Total pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Trabalhou durante muitos anos como professor e ocupou cargos na administração escolar. Foi coordenador, vice-diretor, diretor pedagógico e diretor administrativo de várias unidades escolares. Ministrou cursos e proferiu palestras em todas as regiões do país e também no exterior. É autor de livros didáticos e de livros para formação de educadores. Atualmente, é aluno do Curso de Filosofia da UFMG.

profissional da educação. A profusão de nomes não é vazia de sentido. Trata-se de uma relação tão complexa que dar nome àqueles que dela participam já antecipa uma série de convicções, de crenças, de posturas.

Ao chamar de mestre um dos pólos do processo de ensino-aprendizagem, embora nem sempre se declare, há a pressuposição de que do outro lado está o aluno ou o discípulo e de que entre eles estabelece-se uma relação peculiar, distinta de outras relações.

A caracterização dessa relação é o primeiro objetivo a ser cumprido neste texto. Trata-se, no meu entender, de um relacionamento que se fundamenta no saber e na partilha, no respeito e na confiança, no reconhecimento e na gratidão, e que exige um comprometimento pessoal dos dois lados. Numa sociedade de consumo, constituída de seres atomizados, uma relação dessa natureza não ocorre naturalmente.

Embora haja, em nossos dias, um desejo maior de conhecimento, o que se entende por conhecimento é, quase sempre, apenas acúmulo de informações, mera erudição. Aquisição de alguns conteúdos e de algumas técnicas que serão utilizados em determinadas situações (na hora de um vestibular, na busca de um emprego) e que serão descartados com relativa facilidade. O conhecimento tornou-se uma mercadoria e, como tal, é vendido, comprado, trocado, e, por isso, é possível falar de cliente, de profissional, de empresas educacionais. Pagamos determinado preço por um serviço educacional e esperamos receber aquilo que compramos. É raro existir algum envolvimento pessoal. Terminada a aula, terminado o curso, cada um toma o seu rumo e, raramente, um se lembra do outro. Muitos acreditam que assim é melhor, apesar da desumanização crescente dos ambientes educacionais.

O pastor e escritor inglês William Arthur Ward, no início do século XX, dizia que há quatro tipos de professor: o medíocre, que expõe; o bom, que explica; o grande, que

demonstra; e o excepcional, que é quem inspira. O professor excepcional é o mestre, raro em nossos dias, porque a sociedade parece não precisar desse tipo de professor. O mestre acredita, estabelece vínculos, humaniza, promove, liberta, cria esperança, e isso nem sempre é desejável.

Mudança radical de mentalidade é o significado mais profundo de aprendizagem. Entre nós, no entanto, aprendizagem passou a ser sinônimo de assimilar informações. A verdadeira aprendizagem tem relação íntima com o que significa ser humano. É pela aprendizagem que nos recriamos. A aprendizagem é que nos torna capazes de fazer o que antes não conseguíamos fazer; com ela, adquirimos nova visão do mundo e da nossa relação com ele, aumentamos nossa capacidade de criar. Tal aprendizagem é que sacia, em nós, a grande sede de saber.

O relacionamento entre mestre e aluno pode ser a experiência mais estimulante de nossa vida, mas é preciso cuidado para identificar uma relação verdadeira entre mestre e aluno. A frase de Guimarães Rosa, que serve de epígrafe a este texto, coloca o dedo na ferida de uma concepção autoritária de mestre. Numa situação de ensino e aprendizagem, é comum entendermos que o aluno é aquele que nada sabe e que aprende, aquele que obedece e cumpre ordens, e que o mestre é quem tudo sabe e ensina, quem dirige e dá ordens. Não é bem assim. O mestre ensina, mas também aprende. O aluno aprende, mas também ensina.

O educador Paulo Freire afirma:

O que acho é que todos nós, homens e mulheres, somos “seres programados para aprender”. Repetindo a afirmação do grande cientista – François Jacob, numa entrevista que deu ao Correio da Unesco, eu acrescentaria: somos seres

programados para aprender, mas também para ensinar. Eu não separo jamais uma coisa da outra, e não tenho dúvida de que, milenarmente, no campo da História, foi exatamente essa percepção que nos levou a descobrir que era possível ensinar. Isso é: o ensino não foi o começo, o começo foi o conhecer, foi a aprendizagem. Foi aprendendo que a gente descobriu que era possível ensinar a aprender. Eu parto daí. (FREIRE, 1996, p.6)

Creio que também nós podemos partir daí. Inicialmente, invertendo os verbos: aprendendo e ensinando. Depois, compreendendo melhor o uso do gerúndio: aprender e ensinar são processos. Não são realidades estáticas, mas dinâmicas; não permitem papéis predeterminados e únicos.

É preciso permitir que os alunos se tornem mestres, para que se tornem bons alunos; se ensino, aprendo. É necessário que os mestres se tornem bons aprendizes para que possam ter êxito no ensinar: se aprendo, sei o que e como ensinar. Uma situação na qual o aluno pudesse ensinar, além de aprender, e o mestre pudesse aprender, além de ensinar, faria uma revolução. Parece fácil, mas trata-se de um longo caminho. Como grupo, os educadores estão acostumados a falar, não a ouvir. Esquecemo-nos de escutar. Fomos preparados para ensinar, e o aluno vai à escola para aprender. Se mudarmos a mentalidade, transformaremos o processo educacional.

Mais diz a frase de Guimarães Rosa: a expressão *de repente* não é gratuita. É possível falar de dois tipos de conhecimento: intuitivo e abstrato ou discursivo. O conhecimento abstrato ou discursivo é o conhecimento do cientista, aquele que nos dá o como da vida; o intuitivo é o conhecimento do gênio, aquele que nos dá o sentido da vida. A aprendizagem daquilo que verdadeiramente importa não decorre do acúmulo de informações, mas de experiências e de relações significativas.

Perguntado sobre o sentido da ciência, Lev Tolstói (1828-1910), escritor e pensador religioso russo, deu uma resposta bem simples: “Ela não tem sentido, pois não responde à indagação que realmente nos importa – Que devemos fazer? Como devemos viver?”.

Wittgenstein (1848-1915), filósofo alemão, dizia que, ainda que se resolvessem todos os problemas científicos do mundo, a questão do sentido da vida nem teria sido arranhada. É lógico que a ciência tem muita importância e muito nos ajuda no enfrentamento dos problemas, mas realmente ela não pode nos dar o sentido da vida. O mestre, portanto, não é aquele que sempre ensina, mas quem, de repente, aprende, pois o sentido da vida não é um produto pronto, acabado, mas algo que se modifica continuamente e que precisa ser sempre revisto.

O outro objetivo é tratar do segundo termo que constitui o binômio que dá título ao texto. Não sei se é o que interessa, mas o que me ocorre é perguntar: “De onde vem a autoridade do mestre?”. Por tudo que dissemos até aqui, a autoridade do mestre não vem de fora, não lhe é exterior, não procede das instituições que ele, ocasionalmente, representa. Trata-se de uma autoridade que vem de dentro, que não decorre de um conhecimento abstrato ou discursivo e que, também, não se sustenta em crenças ou hierarquias.

Parece-me que a autoridade do mestre está relacionada com um conjunto de características que, se não tornam o mestre melhor que os outros, fazem dele uma pessoa especial. Esquemáticamente, arrisco-me a dizer que o mestre:

- tem uma compreensão experiencial do que ensina;
- está livre de motivações emocionais ou egoístas;
- sabe o que está fazendo;
- é equilibrado;

- dá ênfase ao estudo e à prática;
- compreende seus alunos;
- quer ensinar;
- de repente, aprende.

Há um provérbio oriental que diz que o melhor educador é aquele que consegue educar a si mesmo. A autoridade do mestre vem de uma abertura total para o aperfeiçoamento contínuo, que é fruto de uma verdadeira humildade diante do mistério da vida e de um interesse genuíno pelo crescimento das pessoas com quem convive, sustentado por um profundo sentimento de compaixão.

#### REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Entrevista. *Revista Dois Pontos: teoria e prática em educação*, v. 3, n. 24, p.6-13, jan./fev. 1996.

WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. Tradução de Leônidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. São Paulo: Editora Cultrix, p. 35 e 36

CAPÍTULO 6  
**COMO LEVAR A SÉRIO O DESEJO DO  
JOVEM?**

José Eduardo Ferreira Santos<sup>22</sup>

**INTRODUÇÃO**

Este trabalho é constituído de três momentos específicos. No primeiro, apresento algumas definições referentes à juventude e à adolescência, aprofundando-me em características dessa fase do desenvolvimento humano, tomando por base alguns autores da psicologia e da sociologia. No segundo,

---

22 Pedagogo (UCSal); mestre em Psicologia (UFBA); doutorando em Saúde Pública (ISC – Instituto de Saúde Coletiva/UFBA). Desenvolve trabalhos referentes à história do Subúrbio Ferroviário de Salvador, com alunos e educadores da referida área. Educador de Projetos Sociais, como o Cluberê de Meninos Trabalhadores de Novos Alagados (1994-1996); SESI – Educação de Adultos (1996-1997); Reforço Escolar (1996-1999); Centro Educativo João Paulo II (2000-2002) e Programa de Capacitação Solidária (2000-2001); Acompanhamento Metodológico – Educativo do Programa Ribeira Azul (2004-2006). Publicou os livros *Travessias: a adolescência em Novos Alagados* (EDUSC, 2005) e *Novos Alagados: histórias do povo e do lugar* (EDUSC, 2005).

apresento alguns aspectos e pontos importantes, referentes à postura do adulto diante do tema proposto: “como levar a sério o desejo do jovem?” e o que significa esse desejo presente em cada jovem que encontramos. E, por fim, indico alguns pontos de método tentando responder a algumas questões solicitadas.

Durante a apresentação, particularmente na primeira parte, utilizo o termo *adolescência* para indicar as características de formação da personalidade (aspectos psicológicos) e, no segundo momento, o termo *juventude* (aspectos sociais), para indicar as relações sociais e os encontros que os adultos realizam com os jovens nos espaços educativos e de formação, além de como podem nos ajudar a levar a sério o desejo do jovem.

Um dos aspectos que sempre me chamou a atenção nos jovens é a situação de emergência em que vivem, particularmente aqueles de áreas mais caracterizadas pela pobreza, que tiveram de decidir sobre a própria vida (o que iam fazer, afetos, profissão, marginalidade), tudo muito rapidamente.

Eles carregavam uma exigência muito grande de serem olhados de forma diferente, e isso podia se dar nos projetos sociais, na família e na comunidade, por pessoas de referência, ou com os delinquentes, que os levavam a percorrer caminhos arriscados e danosos à vida deles. Por causa do interesse em entender por que eles tinham de tomar tais decisões, nasceu em mim o desejo de estudar as questões relacionadas ao contexto de desenvolvimento dos jovens.

Minha experiência de trabalho e de encontro com os jovens, em todos estes anos, foi guiada pelos encontros que fiz, particularmente pelo fato de algumas pessoas terem olhado para mim de forma diferente, reconhecendo alguma coisa boa que existia em mim e que eu não sabia. E foi guiada também pela proposição daquelas coisas que me fascinam: música, cultura, violão, expressões artísticas, beleza, livros, história, memória. No trabalho, a minha pessoa sempre esteve inteira, quer dizer, tudo o que eu aprendi e encontrei foi posto à



disposição dos jovens, de modo que o encontro comigo (assim como se deu quando encontrei outras pessoas) provoque-os a ponto de levá-los a algum lugar impensado, tanto cultural e territorialmente, como na relação com pessoas diferentes.

Nesse sentido, por causa do mestrado, do doutorado e dos jovens que continuo acompanhando, há sempre uma experiência de provocação diante da realidade, de modo que eles entendam que existe um mundo maior e mais correspondente que a vida dinâmica, porém, às vezes, limitada, que existe dentro de uma favela. Atualmente trabalho com a formação de educadores, leciono e pesquiso as dinâmicas de desenvolvimento da juventude, a partir da questão do homicídio entre jovens e as suas repercussões nos outros jovens, nas famílias e no bairro.

### **O QUE DIZEM OS AUTORES SOBRE A JUVENTUDE/ ADOLESCÊNCIA**

Para falar de juventude precisamos levar em conta que há muitas similaridades e diferentes focos de análise entre os conceitos de adolescência, puberdade e juventude. Groppo (2000, p. 13-14) faz a distinção entre os termos juventude, puberdade e adolescência, definidos por áreas do saber:

As ciências médicas criaram a concepção de puberdade, referente à fase de transformações no corpo do indivíduo que era criança e que está se tornando maduro. A psicologia, a psicanálise e a pedagogia criaram a concepção de adolescência, relativa às mudanças na personalidade, na mente ou no comportamento do indivíduo que se torna adulto. A sociologia costuma trabalhar com a concepção de juventude quando trata do período interstício entre as funções sociais da infância e as funções sociais do homem maduro.

A adolescência, assim como a juventude, é uma etapa de desenvolvimento humano, parte do ciclo vital, caracterizada por diversas mudanças físicas, psicossociais e culturais, que podemos compreender não como um devir, mas, sim, como uma etapa importante do desenvolvimento da pessoa, em toda a sua dinâmica.

Palácios (1995, p. 265) afirma que a adolescência “é um período psicossociológico que se prolonga por vários anos, caracterizado pela transição entre a infância e a adultez”.

Silva e Hutz (2002, p. 155), analisando o conceito de adolescência, afirmam que a “adolescência é uma etapa de desenvolvimento especialmente vulnerável, marcada por intensas mudanças biológicas, cognitivas, emocionais e sociais”. Ou seja, é um período no qual a vulnerabilidade (respostas mal adaptadas às situações adversas) aparece como uma característica que precisa ser levada em conta no encontro com os adolescentes e que não deve provocar nos adultos escândalos, mas, sim, a compreensão de que a pessoa está em caminho, em desenvolvimento, adquirindo sua formação humana.

Os autores ainda aprofundam a especificidade dessas mudanças na vida dos adolescentes considerando-as espaços onde se dão as aquisições de novas tarefas e experiências, frutos de um percurso de desenvolvimento iniciado na infância:

[...] Tais mudanças ocasionam um aumento no número e na variabilidade das experiências de vida e um aumento das demandas que os diferentes ambientes (família, escola, grupo de pares) fazem aos jovens (DIEKSTRA, 1995).

Como resposta a esta complexidade nos seus contextos desenvolvimentais e às rápidas mudanças corporais e suas conseqüências, alguns adolescentes podem apresentar um desenvolvimento saudável,

enquanto outros podem apresentar problemas psicológicos e comportamentais. É importante se ter em mente que essas possíveis trajetórias desenvolvimentais percorridas na adolescência estão diretamente relacionadas com as vivências e os aprendizados ocorridos nos anos de infância. (SILVA; HUTZ, 2002, p. 156).

Palácios (1995, p. 265) afirma que a adolescência é um fato psicossociológico

não necessariamente universal e que não adota necessariamente, em todas as culturas, o padrão de características adotados na nossa, na qual, além disso, deu origem a uma importante variação histórica, que, ao longo do nosso século, foi configurando a adolescência que nós conhecemos.

Essa definição traz uma observação importante, pois, muitas vezes, ao falar de adolescência, tendemos a uma generalização constante, tentando igualar pólos diversos.

A adolescência pode ser considerada uma construção psicossocial. Ela é determinada pelas interações da pessoa com o ambiente, influenciando e sendo influenciada reciprocamente, ao mesmo tempo, não sendo linear ou sem rupturas. A interação com o contexto social, familiar e cultural, determina em muito essa construção social, conforme situa a ecologia do desenvolvimento humano, proposta por Bronfenbrenner (2002).

Desse modo, não seria demais afirmar que podem existir diversas adolescências no contexto urbano brasileiro, ao contrário da puberdade, mais reconhecida como um fenômeno universal.

É possível considerar que a adolescência e a juventude podem ser vividas diferentemente nas mais diversas culturas

e contextos sociais e pessoais, pois cada pessoa responde diferentemente às interações com os contextos onde estão inseridas. Por exemplo, vislumbremos os jovens em situação de pobreza que desde a infância desenvolveram atividades para a subsistência sua e de suas famílias, por meio do trabalho. Há neles uma diversidade no modo de viver a adolescência, o que nos leva a concluir, inicialmente, que podem existir diversas adolescências, de acordo com as possibilidades de inserção dos adolescentes no contexto sociocultural.

Sudbrack (2002, p. 9) aprofunda a noção de adolescências e explicita essa diversidade na realidade brasileira. A autora, com base em vários exemplos das adolescências contextualizadas no Brasil, cunha a expressão adolescências brasileiras, tentando dar conta dessa diversidade de experiências do ser adolescente:

[...] nesse debate conceitual sobre a adolescência no Brasil é o de que não se pode abordá-la como uma realidade homogênea em todas as regiões e camadas sociais do País, marcado por grandes diversidades e desigualdades, em seus aspectos naturais, sociais e culturais.

Palácios (1995, p. 263-272), apresentando as características evolutivas do desenvolvimento humano em sua transição da infância para a idade adulta, define a adolescência, como:

1. um período etário de transição que vai dos 12-13 anos até o fim da segunda década de vida, onde não se é mais criança nem adulto. É um momento de espera para viver e aprender novos papéis sociais e papéis adultos, caracterizados pelo período psicossociológico de transição entre a infância e a adultez;
2. um fenômeno do final do século XX, onde ocorre a mudança do apego familiar para o grupo de iguais (pares) e do outro sexo;

3. um período no qual acontecem mudanças físicas que afetam o aspecto psicológico, como o crescimento acelerado, a constituição da imagem corporal, a saída da infância, onde os corpos são iguais para as mudanças que levarão ao corpo adulto;
4. uma faixa etária onde podem ocorrer as tormentas e os dramas decorrentes dessas mudanças, particularmente com o aumento de instabilidades, com variações individuais, nas quais alguns dados constataam o aumento de abandonos escolares, suicídios, gestações precoces indesejadas, grandes dificuldades de ajuste familiar;
5. um período no qual podem existir continuidades ou descontinuidades vindas da infância, com a presença constante de conflitos e “calmarias”, em que as transições evolutivas da vida das pessoas implicam novos ajustes, adaptações a demandas que antes não existiam e para as quais nem sempre se tinha realizado uma preparação adequada, uma vez que cada um vive a própria adolescência, que pode ser percebida como fenômeno universal e individualizado.

Fierro (1995, p. 299-305), por sua vez, assim apresenta as relações sociais na juventude/ adolescência, afirmando que:

1. podem ser fruto do processo evolutivo da infância;
2. passam por uma relação entre independência e adaptação do adolescente, com a aquisição da emancipação como movimento humano;
3. há uma emancipação em relação à família, que é diferente para cada adolescente. A puberdade é o maior momento de crise e tensão entre pais e filhos, no qual há certa confusão entre dependência e independência;
4. acontece o estabelecimento do grupo de companheiros, primeiro por sexo, depois por heterogeneidade. O jovem

busca ser acolhido afetivamente tanto pelos pais como pelos pares, os amigos ditam os gostos e as formas de interagir (formas superficiais), mas quanto ao futuro a opinião dos pais prevalece;

5. apresentam padrões de personalidade variando entre o pragmático, o vanguardista e o marginal, com bipolaridades caracterizadas pela:
  - 5.1. atividade/passividade (expressivo/reservado; explosivo/sossegado);
  - 5.2. individualismo/sugestionabilidade (dominante/dócil; rebelde/conformista e com ou sem projeto);
  - 5.3. responsabilidade social (amistoso/hostil; controlado/incontrolado; obsequioso/disruptivo; obediente/desobediente);
6. há tendência ao altruísmo, característico da faixa etária.

Santos (2005, p. 233-258), em estudo referente à juventude de periferias urbanas, apresenta os seguintes aspectos contextuais e relacionais que podemos encontrar, tais como:

1. procura e estabelecimento de vínculos que apresentem a vida;
2. aprendizagem de modelos para exercer papéis adultos e de responsabilidade;
3. busca da coerência nos adultos, procura de ideais pelos quais vale a pena viver;
4. esperança de aceitação incondicional pelos adultos e pares;
5. busca do sentido para as experiências que vive. Hipóteses positivas de vida;
6. desejo de realização. Confusão do desejo. Redução do desejo a necessidade;

7. estabelecimento de projetos de vida relacionados à família, ao trabalho e ao estudo;
8. avaliação positiva da própria vida;
9. conflitos com a escola e vivência de situações violentas na família, na escola e na rua;
10. início precoce das práticas sexuais;
11. repertório de talentos relacionados à cultura, à profissionalização e a iniciativas diferentes;
12. fatores de proteção relacionados à figura materna, a adultos de projetos sociais e a redes de apoio afetivo e social;
13. separação precoce da família, trabalho na infância;
14. emergência, no cenário urbano, de formas de violência intracomunitárias denominadas de “desterro”.

### **LEVAR A SÉRIO O DESEJO DO JOVEM**

Todo jovem carrega uma grande demanda de desejo. Em tudo ele quer se realizar, mesmo que não saiba ou não reconheça como se dá essa realização – daí o mau uso da vida, do corpo, do tempo e, ao mesmo tempo, a identificação contínua com expressões que pareçam responder a esse desejo. Cada jovem tem uma esperança infinita em cada pessoa que encontra: esperança de que aquela pessoa, geralmente o adulto, possa lhe indicar “chaves” que abram o entendimento diante deste mundo complexo, que reduz nossas exigências a aspectos do consumo.

Mas, o que é o desejo? Para evitar confusões e delimitar o espaço do nosso diálogo, o que entendo por desejo está situado numa esfera da realização da própria vida da pessoa, que, para alcançá-lo, se movimenta, se expressa, procura e se inquieta até

encontrá-lo. O desejo é a resposta aos anseios e buscas de cada pessoa.

Uma pessoa é complexa porque se nutre das próprias experiências para crescer. Recebe muitas influências, mas elas são interpretadas e experienciadas pela pessoa com base em tudo o que vive, o que pode indicar respostas diferentes diante de situações que nós, muitas vezes, pensamos prever. Assim, é preciso mapear o que é a pessoa, na sua complexidade, querendo entender (verbo difícil e amplo) como ela interpreta e vive, ou seja, suas experiências. A noção de subjetividade parece apontar, nesse sentido, para a individualidade que vai se constituindo diante das heranças recebidas e das experiências vividas. As noções de comportamento e identidade também são importantes, dada a proeminência que existe entre a pessoa e as respostas que ela procura diante dos outros, com suas expectativas e olhares, que podem estimular ou restringir a sua ação.

### **A EXPERIÊNCIA DE CRESCER**

O jovem deseja muito, já afirmei. Mas esse desejo tem uma expressão que se pode observar na intensidade com a qual cada um deles se lança na aventura da vida esperando ou, melhor dizendo, buscando ativamente a resposta para esse desejo. A inquietude, o comportamento ativo, as perambulações, a força, tudo indica a expressão do desejo que se coloca em movimento, como uma pergunta implícita, mas que surge a cada momento da vida, como uma explosão. Com Dom Petrini aprendi, desde cedo, que o desejo vem de buscar as estrelas, olhar e buscar as constelações, desejar o infinito, ir atrás da própria realização. Esse conceito faz com que nos movamos, avancemos no caminho da vida. Há uma explosão de vida (vitalidade), que não se conforma com pouco e quer viver intensamente, como



se, em cada momento, houvesse uma urgência para realizar as promessas da existência. Interessante notar que a experiência de crescer, caminhando para a idade adulta, revela, em cada movimento, a expressão de querer realizar a vida em toda a sua inteireza. Daqui advêm reflexos tanto psíquicos quanto biológicos.

O corpo e a mente parecem que, em certo descompasso, entram numa “batalha” para realizar experiências as mais diversas e, quando isso não é possível, tudo pode acontecer, como deparar-se com situações de risco, porque a pessoa, na juventude, se coloca inteira, querendo beber até a “última gota”, a “água da vida”. Aqui se entende a busca em variadas direções para encontrar pontos de referência, o sentir e o agir. Não se deve esquecer de que nesse período há uma vulnerabilidade indicada pela falta de adaptação ou respostas inadequadas diante de determinadas situações. Não se deve, nesse sentido, reduzir ou demarcar como fase problemática a juventude, mas, sim, compreender que podem existir, nos padrões conhecidos, pessoas que realmente fazem uma passagem traumática e conturbada por esse período da vida, entre a puberdade (mudanças físicas) e o adolecer (características psicossociais e culturais), enquanto outras não, sendo essa passagem mais ou menos normalizada e adaptada. O desenvolvimento é um percurso que não é linear, que contém rupturas, continuidades, riscos que pressupõem (no caso positivo) constantes adaptações às mudanças.

### **O OLHAR DO ADULTO PARA O DESENVOLVIMENTO DO JOVEM**

O adulto deveria compreender que quanto mais inquieto, mais desejoso é o jovem da realização da própria existência.

Em cada encontro, ele busca uma resposta para essa força vital que está nele e não pode ser suprimida.

Aqui pode-se afirmar quão importante é o olhar do adulto para o desenvolvimento do jovem. O desenvolvimento – a vida – é um percurso e tem uma dinâmica que acontece sob os nossos olhos e, muitas vezes, nós, adultos, reduzimos aquilo que não conseguimos compreender.

Há, no entanto, um problema no olhar desse adulto. Ele perde o melhor aspecto da pessoa, no melhor e mais intenso momento em que a vida se apresenta com suas possibilidades, incertezas e, ao mesmo tempo, com seus medos: viver a vida assim é um problema porque, em primeiro lugar, gera uma instabilidade que afeta a dinâmica do desenvolvimento; depois, porque na juventude a pessoa está colocando-se inteira diante dos eventos que a vida apresenta. Se o olhar do adulto não compreende a dinâmica do desenvolvimento – como os aspectos da formação da personalidade e mesmo as mudanças que esse desenvolvimento provoca –, pode estar indo na contramão da expressão vital – e quase única – na qual a pessoa se coloca inteira para descobrir os caminhos e tecer as escolhas que serão fundamentais para o seu percurso.

O adulto deve entender que crescer, por exemplo, é muito difícil, pois significa assumir novos papéis e encarar desafios que a vida coloca. Para escolher, é necessário ter uma base segura de pessoas de referência que possam ser como “sinais” e “placas” numa estrada escura. Sem essas “placas” podemos nos perder ou nos acidentar. Para o jovem também é assim, daí a necessidade de que os adultos sejam presenças que carreguem um olhar voltado para as possibilidades e não redutor das possibilidades dos jovens.

## QUEM É ESSE ADULTO?

Mas quem é esse adulto, melhor, do que precisa o adulto para ser uma presença que leva a sério o desejo de realização do jovem?

O **primeiro ponto** é que o adulto deve ter feito ou continuar fazendo um caminho educativo guiado por outros adultos aos quais ele segue. Sem isso, não podemos educar ninguém. Um adulto sem certezas sobre a vida é um perigo na educação dos jovens. Explico: o adulto é aquela figura que fez um percurso no qual adquiriu algumas certezas quanto à sua vida e à sua função ou tarefa no mundo. O adulto que não tem essas certezas dificilmente irá suportar as demandas que o jovem coloca, pois facilmente pode incorrer na impaciência, na irritabilidade, na reclamação ou na indiferença diante do jovem. Mas é difícil falar, no mundo pós-moderno, de certezas, pois muitas vezes somos nós, os adultos, prisioneiros da enxurrada de veleidades e relativismos sobre questões fundamentais para o desenvolvimento humano.

O **segundo ponto** é que o adulto precisa ser portador de hipóteses que possam orientar o caminho dos jovens. Um educador, um adulto, sem hipóteses é outro perigo na formação dos jovens. A hipótese não é uma teoria, mas uma experiência vivida, algo que passou por mim, que posso indicar como caminho, pois, como adulto, usei minha razão. E aqui é preciso esclarecer o conceito de razão como capacidade de dar-se conta da realidade inteira, total (GIUSSANI, 1993, p. 31).

A razão, o seu uso adequado, confere ao adulto essa dignidade no educar, no encontrar cada jovem. Sem pôr em prática essa definição de razão, o adulto perde a sua capacidade educativa, pois não olhará para o desejo do jovem na sua integralidade e facilmente será envolvido nas reduções que cercam os adultos que não usam a razão adequadamente. Sem essa definição de razão o adulto pode apegar-se a aspectos que

considera importantes no jovem (uma redução), ou aspectos que considera negativos (outra redução), pois a pessoa não é e não pode ser definida por esses aspectos, mas, como também aprendi com Giussani (1993, p. 23), a pessoa é definida pelo seu conjunto de exigências, que nascem de uma experiência elementar.

O que define uma pessoa não é o seu comportamento ou se ela faz ou não aquilo de que gosto. O que a define são essas exigências, que lhe conferem dignidade e importância. Esse ponto é tão imprescindível que, por ele e com ele, podemos começar a mudar a forma de olhar para o desejo do jovem.

**Terceiro ponto:** um adulto pode ter estabilidade, mas precisa ser educado, precisa fazer um percurso educativo e precisa usar a razão e mudar a forma de olhar para o outro. Podem parecer aspectos que não se conectam, mas não é assim. Suponho que a grande beleza da vida de um adulto é não perder aquela capacidade original, inscrita no coração, que é a de se maravilhar e estar diante do outro com uma capacidade de aprender como se relacionar com ele. Se falamos em termos educativos, psicológicos e culturais, isso só é possível com uma vida intensa e culturalmente digna, com amizades e em companhia, haja vista que, dessa forma, a pessoa jamais cessa de aprender e adquire mais experiência. Ainda sobre o terceiro ponto, o adulto não pode parar e viver reclamando das situações que aparecem. Ele deve estar atento a cada solicitação que a realidade coloca à sua frente, e para isso é necessário, como eu disse antes, usar a razão e mudar a forma de olhar, pois o que aparece inicialmente como problema pode ser uma grande solução e desafio que se coloca.

Um exemplo: o jovem que organiza gangues e “panelinhas” pode ser um grande articulador, se soubermos ajudá-lo a desenvolver o dom que ele apresenta.

**Quarto ponto:** quem olha assim para o jovem pode começar a perceber que ele carrega dons e experiências que

são significativas para o desenvolvimento de sua vida. Um dos maiores desejos do jovem, nesse sentido, é ser olhado sob o ponto de vista das suas possibilidades. Toda pessoa conhece seus erros e limites, mas as possibilidades, não. É preciso que um olhar externo, nascido de um encontro, revele o que de melhor há nela. Quando estudamos identidade, principalmente na formação da personalidade das crianças e dos jovens, há um ponto em comum: é muito importante a presença do adulto para que eles se reconheçam e afirmem uma positividade na vida. Respeitando, claro, as noções de assunção de modelos, mais presente na infância, e de atitude crítica, mais presente na adolescência/juventude, o jovem precisa desse olhar que lhe confere segurança e estabilidade no mundo – mesmo que na juventude existam momentos de crítica e enfrentamento dos adultos – pelo que o adulto representa como estabilidade e indicador de hipóteses. Com isso, poder-se-ia dizer que não é preciso ter medo do enfrentamento, se o adulto usa a razão (e aqui a pedagogia, a psicologia, as teorias podem até ajudar, mas a questão fundamental é que exista um adulto, uma presença à qual o jovem possa se dirigir e crescer a partir deste encontro) – e compartilha as experiências que vive com outros pares, numa companhia educativa, na qual o encontro com cada jovem pode ser construtivo para a vida de ambos e revelar as potencialidades e os desejos que ambos carregam.

O destino não é uma premonição; o destino é a realização daquilo a que fomos chamados nesta vida. O medo, a solidão e o ciúme têm origem naquelas pessoas que não adquiriram a estabilidade e a certeza do que é a vida, ou seja, estão apegadas a si, sem se darem conta da complexidade do real. O apego a si mesmo é a fonte de muita desordem psíquica. Apesar dessas características, a pessoa não é determinada. Ela é maior do que qualquer situação na qual se encontre. Em tudo a pessoa busca sua realização. Nesse sentido, o olhar do profissional deve procurar com olhos profundos quais as demandas de cuidado,

quais as carências que as pessoas têm. Se eu reduzo suas demandas, a pessoa sente-se reduzida, ou seja, não se percebe contemplada na sua integridade. Todo profissional da educação deve, nesse sentido, dominar os dois aspectos fundamentais de sua profissão: os aspectos técnicos e os aspectos éticos, que surgem como a possibilidade de promover o atendimento e o encontro em sua forma integral, mais humana, que começa a se configurar como a prerrogativa básica de cada oportunidade.

**Quinto ponto:** um adulto não pode se conceber sozinho. As demandas que os jovens colocam exigem respostas que muitas vezes, na maioria delas, não somos nós quem pode dar. É necessário que o adulto, de fato, pertença a uma companhia maior, a um povo, a outras pessoas que vivem o mesmo mister e que tenham um olhar mais amplo diante da realidade. Esse é um ponto difícil, mas tento explicar. O adulto pode estar sozinho no trabalho cotidiano, mas não é uma solidão do ponto de vista psicológico do termo. Eu posso estar sozinho educando e formando os jovens, mas minha ação carrega muitos outros, muitas presenças que foram importantes no meu caminho educativo. O adulto que não se reconhece assim é um perigo, porque corre o sério risco de deixar-se envolver pela carência ou mesmo pela genialidade dos jovens. Adulto sozinho é adulto com problemas sérios, desde psíquicos até profissionais. Conheço educadores que, por causa de desfiliação educativa, perderam a sua função de educar, justamente porque na solidão a carência e a incerteza se mostram de forma muito real, levando a prejuízos de toda sorte: afetivos, profissionais, educativos, escolhas desequilibradas, descaminhos, etc.

**Sexto ponto:** na juventude aparece o interesse pelos pares e grupos de amigos, querendo indicar que, agora, as referências são outras, um pouco diferentes da infância, onde tudo se centrava nas figuras familiares e nos contextos proximais de desenvolvimento, caracterizados pelas interações face a face. O interesse pelo sexo oposto, ou seja, pela diferença, aparece

como uma resposta a essa busca de complementaridade, diante daqueles que estão ao seu redor, ultrapassando o mero interesse de satisfação sexual. A pessoa, desde o nascimento, percebe que para viver em sociedade e para se realizar necessita da colaboração de outros, ou seja, de pessoas diferentes dela, em relações que, na maioria das vezes, são assimétricas, assimetria dada pelas diferenças e pela diversidade que faz crescer, que é buscada no encontro com os adultos de referência, por exemplo.

Há uma busca constante pelo outro, sendo esta uma condição para estar no mundo, para ser aceito, compartilhando escolhas, opções, gostos, experiências, tudo, enfim. Essas escolhas podem querer indicar que a família é uma referência ultrapassada, mas não se enganem. É uma oportunidade de crescer, indo em busca de sua própria realização. A família é muito importante por ser, ainda, um “porto seguro” que tem a função de cuidar, pois os outros, embora compartilhem os interesses e os gostos, ainda não possuem as prerrogativas para orientar e cuidar nos momentos essenciais e de crise. Os encontros com a diversidade propiciam o conhecimento de si, fazendo a pessoa adquirir experiências que muito vão contar no estabelecimento da própria identidade.

Compartilhar com os outros os interesses ajuda o jovem a estabelecer parâmetros de vida em sociedade. Essa “saída de casa”, identificada com os relacionamentos dos jovens com seus pares na rua, pode querer mostrar a necessidade de compartilhar e viver experiências afetivas, de pertença a um outro, que implica, também, a possibilidade de relacionar-se com a diversidade. Essa procura pelo outro é, na verdade, a procura pela amizade, ou seja, por relacionamentos gratuitos, que querem somente realizar a vida de cada um, com uma doação que não quer nada em troca, que se satisfaz com a realização do outro. Na juventude, não nos esqueçamos, o altruísmo (ou seja, a necessidade de ajudar os outros) é uma característica muito

presente, justamente porque, diante do outro, a postura mais original é cuidar, é promover o desenvolvimento e não possuir. Quando possuímos o outro, geralmente o perdemos, porque ninguém nasceu para estar aprisionado a outra pessoa, mas para compartilhar, crescer, fazer emergir o que o outro tem de melhor. A amizade implica a orientação para a realização do próprio destino. Existem pessoas no mundo que ajudam a percorrer essa aventura que é a vida.

Na Psicologia do Desenvolvimento há um conceito que pode descrever essa experiência de encontro com pessoas significativas, que é a rede de apoio social e afetivo, composta “por relações sociais próximas e significativas” (BRITO; KOLLER, 1999, p. 118). Ou seja, pessoas significativas são importantes na vida dos jovens e mesmo dos educadores, porque lhes permitem um desenvolvimento cada vez mais adaptado diante das circunstâncias adversas. Crescer sozinho é difícil, por isso a importância de presenças significativas, como a dos adultos e educadores.

Crescer implica mudanças, cortes, expectativas que não se concretizam, que geram o reconhecimento de limites e fracassos, nada que esteja distante de toda vida vivida – e bem vivida – na história humana.

### ASPECTOS QUE PERMITEM LEVAR A SÉRIO O DESEJO DO JOVEM

O **primeiro aspecto** que levei em consideração foi essa mudança do olhar para aquele jovem que está na nossa frente. Toda função educativa e formativa tem por princípio o desenvolvimento integral e constante do outro. O que não é assim na relação educativa é violência, abandono e negligência, pois todo formador, todo educador, todo adulto é, por natureza, um cuidador. Nem mais nem menos do que isso, ou seja, é



alguém que quer somente, e de forma central, o crescimento e o desenvolvimento do jovem, para que ele corresponda ao seu desejo primordial, que é o de realização da sua humanidade – o que está de acordo com o nosso desejo também.

O **segundo aspecto** para levar a sério o desejo do jovem é esse olhar para as suas possibilidades, para os dons que ele carrega, para seus pedidos e suas demandas de desenvolvimento. Se um jovem não é olhado dessa maneira pelos adultos, é muito comum que outras referências (que geralmente não são positivas) se instaurem e comandem sua vontade e seu caminho. Aqui podemos entender, por exemplo, o ingresso de muitos jovens no caminho da marginalidade, que se dá inicialmente por um olhar incondicional desses outros que tiram os jovens de seus caminhos de realização. Nós, adultos, e aqui faço um mea culpa, gostamos muito de corrigir os outros, principalmente se esses outros são crianças e jovens.

É necessário corrigir, mas a correção, a mudança, o caminho em direção ao amadurecimento, ao próprio destino, se faz, antes de tudo, por uma aceitação incondicional do outro, não reduzindo as suas exigências àquilo que considero serem as suas exigências, que geralmente são maiores do que os jovens conseguem explicitar – e que explicitam não de forma consciente, acabada, mas por meio de seu comportamento. Para corrigir é necessário um olhar que acolha incondicionalmente o jovem, ou seja, que existam laços e vínculos, nesse olhar, para o desenvolvimento do outro.

O **terceiro aspecto** está relacionado à valorização das expressões do jovem. Atualmente estou tentando estudar como se configuram as expressões de encontro e pertença na juventude em áreas de periferia urbana. O primeiro traço que tenho encontrado nas entrevistas é que os jovens buscam pessoas nas quais tenham confiança, que acreditem neles, que valorizem suas expressões. O que entendo por expressões? São aqueles traços, aquelas chaves de relacionamento e protagonismo que

surtem nos encontros que fazemos com os jovens. Pode ser uma habilidade comunicativa, artística, cultural, profissional, relacional, religiosa, um saber, enfim, pode ser uma habilidade que está ali, latente, e ninguém, nenhum adulto, percebeu. Pois – outro mea culpa – muitas vezes temos um olhar patológico que gira em torno de comportamentos e expressões que não entendemos nem conseguimos vislumbrar o que querem dizer. Levar a sério o desejo do jovem pode querer indicar a necessidade de um olhar atento para os aspectos que aqui levantei, mas é um caminho que não se trilha sozinho, mas sim em companhia.

**Quarto aspecto.** Toda pessoa carrega suas exigências, suas demandas e suas urgências, que, geralmente, não são as nossas, dadas as individualidades e as características peculiares de cada ser humano. Aqui a psicologia oferece a sua contribuição quando permite a possibilidade de reconhecer a multideterminação e a complexidade do ser humano. Em cada movimento aparecem estas demandas, estas exigências: o desejo de ser feliz, a busca de realização.

Na juventude, essa vitalidade se apresenta. Qualquer erro na relação com as pessoas que atendemos ou educamos pode ser difícil de se recuperar porque contraria o movimento natural de cada pessoa. O adulto necessita de um olhar abrangente e não meramente técnico para encontrar os outros. Se você tem problemas pessoais, é necessário saber relacionar-se com eles para exercer o seu mister, a sua função, sob o risco de transferir para os outros as suas frustrações. Se eu, profissional, estiver na vaidade do meu mister e não olhar para as demandas das pessoas, isso pode corroborar a idéia de um profissional diferenciado, no sentido negativo, gerando as tão comuns indiferenças e desrespeitos aos direitos humanos e à dignidade da pessoa.

Conforme dito, a pessoa não é uma parte, um comportamento que necessita de recuperação; a pessoa é mais

que isso. A urgência da felicidade não é uma quimera, mas é real e intensa durante todos os períodos da vida, e talvez seja mais evidente na juventude, quando o mundo aparece como a possibilidade de realização em todas as direções. Depois, na idade adulta, com base nas escolhas e no estabelecimento de alguns parâmetros (família, trabalho, afetos), a pessoa vai como que se conformando, melhor dizendo, se estabelecendo, não mais contestando com tanta intensidade, como o faz na juventude. A urgência da felicidade é uma experiência elementar que todos fazemos o tempo inteiro durante a vida e que precisa ser respeitada e levada em conta por ser o motor que nos move em todas as ações. Ao estudar cada período da vida humana, temos o conhecimento desses movimentos das pessoas em busca da realização das suas expectativas e, mesmo, os mecanismos que podem favorecer o desenvolvimento.

**Quinto aspecto.** Todo jovem, quando encontra um adulto, deve ser direcionado para a construção de um projeto de vida. Essa particularidade pode fazer com que ele comece a identificar a vida como um percurso, um caminho em busca da sua realização, e é o que cada um deles busca no encontro com os adultos: um caminho, uma hipótese para a sua vida.

Mas somente o adulto que olha para si tendo em vista as mesmas exigências e as respostas encontradas neste caminho que é a vida pode suscitar no jovem, nesse encontro, a possibilidade do estabelecimento de um projeto de vida.

### PONTOS DE MÉTODO NO TRABALHO COM OS JOVENS

Se eu tivesse de indicar alguns pontos metodológicos no trabalho com os adolescentes e jovens, começaria pela *proposição do que há de melhor em mim*: interesses, cultura, desejo de realização, profissionalismo, etc. O jovem, quando me encontra, querendo ou não, esbarra numa dignidade cultural

e humana, apesar dos meus limites. O que é que um jovem quer quando encontra um educador? Ele quer hipóteses de vida, quer o confronto com a diferença, para que, aprendendo comigo, possa desenvolver cada vez mais sua vida e os papéis que essa vida vai lhe solicitar.

O segundo ponto seria a capacidade de *nunca estar, nunca educar sozinho*, tendo sempre uma companhia que ajude a educar. Quando estou sozinho, sem essas referências, geralmente me perco, se não carrego na memória aquelas pessoas que são pontos estáveis na minha vida e que me ajudaram a entender o sentido do que faço. Não estou dizendo que os outros devem trabalhar por mim, mas que eu, no meu trabalho, tenho na memória a presença de outros que me ajudam a educar. É preciso seguir um mestre.

O terceiro ponto é que sempre procurei *propor elementos culturais ligados à minha história, à história do meu lugar e à história do meu povo*. Isso coloca no jovem uma atitude de questionamento diante da vida e o faz pertencer ao seu lugar, à sua história, ao seu povo. Um jovem que não pertence (e isso vale para o educador) é uma pessoa desadaptada.

Em síntese, apresento alguns pontos que considero importantes na educação dos jovens. Todos eles têm sido sistematizados para eu aprender cada vez mais a lidar com aqueles jovens que encontro, e também para mim, para que eu não me perca na tarefa de educar. São eles:

1. A educação dos jovens deve ter uma primazia como experiência dialogada, na qual a função do adulto diante dessa tarefa é dada pela sua intencionalidade no ato educativo (o adulto sabe o que pretende diante do jovem, isto é, acredita que a sua função é fazê-lo crescer). A intencionalidade compreende a clareza dos objetivos, das hipóteses positivas sobre o jovem.

2. A educação dos jovens se relaciona com uma estimulação à atitude crítica, que permite o juízo diante de cada experiência vivida. O jovem faz muitas experiências, até aqui é normal e próprio da idade, mas dificilmente extrai um juízo sobre essas experiências. Quando aprende a fazê-lo, o jovem cresce em humanidade. Mas quem ensina essa postura educativa? Geralmente o adulto, com sua presença que provoca e acompanha.
3. A proposição de um caminho educativo, ou seja, onde quero chegar com essa minha postura e os métodos que uso. Lembro que para livrar os jovens de escolhas erradas escutamos muitas vezes *O meu guri*,<sup>23</sup> de Chico Buarque, no Centro Educativo João Paulo II. Faz pensar, faz adquirir projetos de vida. Lembro-me de que numa das entrevistas da pesquisa do doutorado uma jovem disse que reaprendeu a amar o pai porque escutávamos a música *Pai*, de Fábio Júnior, acompanhada de explicações sobre a figura paterna. Isso, para mim, foi uma surpresa, porque o que fiz foi algo de uma simplicidade tremenda, mas carregado de intencionalidade, pois cada um precisa reconhecer que pertence a um pai e a uma mãe. Foi preciso tempo para que a jovem se desse conta de que aqueles momentos foram importantes para a sua vida.
4. Favorecer a expressão, favorecer a proatividade. Ensinar que o jovem pode fazer algo pelo qual pode ser reconhecido.
5. O entendimento da vida e seu sentido e movimento para a realização de si, assim como a socialização e a

---

23 Samba de Chico Buarque, lançado no disco *Almanaque* (1981), que conta a história da relação entre a mãe e o filho que começa a praticar pequenos furtos e no final é assassinado. Essa música fazia parte das atividades pedagógicas que realizei no Centro Educativo João Paulo II, para indicar os caminhos que os jovens podem seguir e a necessidade de pessoas de referência que possam ajudá-los a crescer, o contrário do que faz a mãe deslumbrada da canção.

comunicação com os outros. Fazer conhecer outros pontos de vista diferentes do seu. Educativamente, essa postura faz crescer, quando o jovem reconhece que nas relações existem assimetrias que são benéficas, porque expandem seu horizonte.

6. Fazer o jovem perceber que sua vida, no relacionamento educativo, torna-se cada vez mais um caminho em relação ao seu destino – o que tem de melhor, de realização.
7. A educação dos jovens se relaciona com a expansão da visão de mundo (com o João, aprendi que para ensinar a gostar do estudo é preciso encontrar a cultura, a tradição, a nossa riqueza cultural, a beleza), pois só educa quem apresenta o mundo e a realidade mais ampla.
8. Educar é fazer emergir o dom, o potencial, que o jovem possui – e não sabe. A partir daí ajudar a compartilhar os dons, pois os dons compartilhados são aumentados. Ensinar violão, ensinar a ter um comportamento mais adequado na situação de entrevista do primeiro emprego, etc.
9. O jovem, então, precisa ser educado para grandes coisas, não para um mundo limitado.
10. A educação do jovem se relaciona com o não-uso, por parte do educador, do seu próprio carisma pessoal e da admiração suscitada nos jovens para distorcer a função educativa que tem o educador, e nem querer satisfações pessoais. A satisfação é a realização do outro, e ponto.
11. Não reduzir o jovem a seu comportamento e formas de expressão, que são diferentes dos que quer o educador. O jovem é maior do que comportamento e expressão – mesmo que estes sejam a violência, as brigas, o namoro constante, etc. Aprender que a diferença e a assimetria não significam violência, mas um bem maior.

12. O educador não pode perder tempo com o que se espera idealmente do jovem (obediência, comportamentos que realizem a expectativa do educador), mas aproveitar o tempo com aquilo que é realmente importante – instrução, educação, modelos, novas experiências educativas.
13. O educador jamais deve predizer o destino do jovem, pois é uma violência que abafa a sua capacidade de liberdade e sua busca.
14. O educador deve apresentar hipóteses educativas que indiquem projetos de vida, ampliação da visão de mundo, modelos e referências positivas.
15. O que se “ganha” educando os jovens?
  - Superação dos estigmas (preconceitos, previsões e violência) que circundam a juventude e os espaços onde habitam (favelas, grandes cidades).
  - Descoberta de que cada pessoa possui um valor infinito, que se revela na realização de si. Se eu ajudar alguém a crescer, ele vai ser o que Deus pensou – coisa boa para o jovem.
  - Recuperação da dignidade dos próprios jovens, seus pares, suas famílias e a comunidade.
  - Esperança de recuperação do tecido social e dos relacionamentos.
  - Recuperação de princípios que orientam a vida em comunidade – respeito, vínculos, aprendizagens, solidariedade, compartilhamento e pertencimento a um povo e a um lugar.

### **COMO ENFRENTAR A DECEPÇÃO?**

A decepção é uma experiência que sempre vai existir em qualquer relacionamento humano porque ainda não estamos

completos, finalizados. É preciso entender que nós, adultos, falhamos, erramos, decepçionamos os outros constantemente. Se é assim conosco, adultos, imaginem com os jovens, que estão descobrindo a vida. A decepção, para mim, é uma experiência positiva porque me recoloca no meu lugar. Nos momentos de sucesso geralmente esqueço, por exemplo, que os jovens que acompanho são uma liberdade diferente da minha, e, por isso, têm um caminho que é só deles.

Acontece que eu me realizo no outro e espero do outro que ele siga um caminho que eu, de antemão, predestinei, e quando acontece o contrário eu me decepçiono. O que acontece comigo, então, nesses momentos? Eu me recolo numa postura de querer o bem do outro e estar atento ao que ele precisa, mas com uma distância, pois se eu interferir demais ele pode ir embora – e isso é pior; se eu o abandono, ele pode não se desenvolver. A decepção é o momento de recolocar as perguntas da minha profissão. Por exemplo, quando um jovem pinta o cabelo de louro, ele já sabe que não gosto disso; ou quando fica reprovado na escola, do que eu também não gosto, o que eu afirmo? Procuo afirmar o relacionamento educativo com ele, que indica dizer que não gosto dessas atitudes mas que elas não interferem na relação, porque ele é mais que o cabelo pintado ou o ano escolar perdido. Ele, diante de mim, busca a mesma realização que eu, claro que com formas diferentes.

A decepção, portanto, existe e é uma realidade que não pode paralisar o educador, antes, deve colocá-lo frente à evidência de que o outro está buscando suas respostas. Se paralisarmos, nos tornaremos infantis, como a experiência da “birra” infantil quando algo que se esperava não se realiza. A “birra” nos paralisa e não permite que nos movamos perante a realidade. Se a decepção nos paralisa, então não estamos utilizando a noção que seria razoável para um adulto, que é o conceito de razão que indiquei anteriormente.



A possibilidade de repropor, diante da decepção, nasce de um interesse legítimo e verdadeiro pelo bem do outro. Cesare Pavese<sup>24</sup> tem uma frase que diz: “A beleza da vida está em recomeçar sempre, porque viver é recomeçar a cada instante”, e ela me ajuda muito, principalmente naqueles momentos de dificuldade no exercício da minha tarefa. Temos de ter cuidado nas situações de fracasso e de sucesso, pois ambas, de forma diferente, nos retiram do aspecto humano que nos constitui e nos colocam num patamar quase divino, que é perigoso. Isso aprendi com Paulo Mendes Campos em uma crônica intitulada *Para Maria da Graça* (1979).

Se eu me percebo assim, como alguém que está trilhando um caminho e que aprende tanto com os fracassos quanto com os sucessos, posso estar atento para a possibilidade contínua de recomeçar.

Então, o repropor nasce dessa consciência daquilo que sou, das minhas possibilidades e dos meus limites. Sem limites, só mesmo Deus, que recria constantemente tudo, com um cuidado e uma atenção prodigiosos. Mas é preciso aprender a forma com uma companhia educativa, a qual me ajuda a entender que a realidade não está reduzida ao que penso e quero, mas a uma ordem que é maior do que eu. Um dia, por exemplo, eu perguntei a um jovem por que ele pintava o cabelo (eu, que estudo juventude, sei dos riscos que um jovem de cabelo pintado na favela sofre: prisões, intimidações, etc.), e ele me disse que ficava mais bonito. Ponto! Eu não domino a percepção, o querer do outro, mas posso indicar o que sei como postura adequada diante da realidade. Se ele vai seguir é outra questão.

---

24 Cesare Pavese (1908-1950), poeta italiano, autor, dentre outros livros, de *O ofício de viver* (1952) disponível no Brasil, publicado pela editora Bertrand Brasil em 1988.

Imaginemos um jovem que não queira estudar ou outro que bata na namorada – e ela gosta dele. A forma de dizer que essas coisas não correspondem ao humano não passa pelo sermão, mas, sim, pela companhia, pelo cotidiano, o que faz com que nos diálogos, nos momentos de encontro, coisas sejam ditas transversalmente, que fazem o outro redescobrir o sentido original – e melhor, mais correspondente – de sua origem, pois é melhor freqüentar a escola e não bater na namorada.

Um amigo me disse, por exemplo, que preciso ter paciência comigo pois, se a tenho, isso me ajuda a ter paciência com os outros. A paciência é mais que uma capacidade, é uma virtude não muito desenvolvida nem pelas crianças nem pelos jovens. Ela consiste na espera, mas não uma espera assim acomodada. Consiste numa atitude de ativação, tanto interna quanto externa, das diversas possibilidades de se chegar a um objetivo. A paciência tem ao seu lado o componente da criatividade e da capacidade de se colocar em movimento visando a um fim, a uma meta. Quem tem paciência, geralmente não pára no meio do caminho, mas avança, porque estabelece estratégias para alcançar um fim que seja mais correspondente à sua identidade.

### **AMOR À TRADIÇÃO**

Para amar a tradição é preciso conhecê-la e identificar-se com ela, ou seja, estar envolvido com as suas expressões. Se não há um conhecimento e uma afeição pela tradição, dificilmente saberemos comunicá-la aos outros, principalmente aos jovens que têm uma exigência de sentido muito intensa. Para amar a tradição é preciso saber-se pertencente a ela, e pertencer está ligado a uma condição, que é dada por diversos fatores, desde o pertencimento a um território até o pertencimento a um povo, com sua história e suas manifestações. O conhecimento

não implica a junção de informações, mas o nexos dessas informações e o que elas repercutem em mim, ou seja, para conhecer é preciso envolver-se, adquirir um interesse pela história que me antecedeu e me constitui.

## APÊNDICE

### Qual o lugar do jovem na sociedade?

1. *Valor da vida* como:
  - dom recebido e que precisa ser potencializado;
  - chamado e resposta às novas solicitações da idade adulta;
  - realização de si;
  - valor único, que não pode ser desperdiçada.
2. *Juventude, como expressão de vida, busca e deve exercitar*:
  - *protagonismo*: saber fazer, tornar o mundo diferente (para melhor) com a sua presença;
  - *esperança*: acreditar, a partir da experiência, em ideais e na vida;
  - *orientação*: identificar na vida o que mais corresponde e seguir essa correspondência;
  - *sentido*: procurar resposta aos dramas e descobertas que vive; vivência do sentido, que orienta a vida. O contrário deste sentido é a parcialidade;
  - *busca*: é uma característica própria da juventude. Não reduzir o desejo de viver.
3. *Educação dos jovens*:
  - estimulação à atitude crítica;
  - educação às grandes coisas, ao mundo;
  - compartilhar os dons;

- expansão da visão de mundo;
  - apresentar projetos de vida;
  - modelos e referências positivas;
  - jamais predizer o futuro do jovem.
4. *A experiência dos jovens em grupos:*
- ajuda a viver em comunidade, sociedade, socializa;
  - favorece o crescimento e as relações;
  - aprendizagens sociais, afetivas, dialógicas.

## REFERÊNCIAS

BRITO, R. C.; KOLLER, S. H. Rede de apoio social e afetivo e o desenvolvimento. In: CARVALHO, A. M. (Org.): *O mundo social da criança*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Artes Médicas: Porto Alegre, 2002.

CAMPOS, P. M. *Para Maria da Graça*. São Paulo: Ática, 1979, v. 4, p. 73-76. (Coleção Para gostar de ler: crônicas). Disponível em: [www.geocities.com/rcultural/cronicas/Campos/paramaria.html](http://www.geocities.com/rcultural/cronicas/Campos/paramaria.html)

FIERRO, A.; COLL, C.; PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A. *Relações sociais na adolescência: desenvolvimento psicológico e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, v. 1.

GIUSSANI, L. *O senso religioso*. Tradução de Paulo Afonso E. de Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

GROPPO, L.A. Juventude. *Ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

HUTZ, C. S. (org.). *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

PALÁCIOS, J. O que é a adolescência. In: COLL, C.; PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A. (Org.). *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva*. Tradução: M. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, v. 1.

SANTOS, J. E. F. *Travessias: a adolescência em novos alagados*. Bauru: EDUSC, 2005.

SILVA, D. F. M.; HUTZ, C. Abuso infantil e comportamento delinqüente na adolescência: prevenção e intervenção. In: HUTZ, C. (Org.). *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

SUDBRACK, M. F. O. *Situação da adolescência brasileira*. Unicef, 2002.



CAPÍTULO 7

**ACOMPANHAMENTO DE JOVENS  
NA VERIFICAÇÃO PESSOAL DE UMA  
HIPÓTESE EDUCATIVA**

Miguel Mahfoud<sup>25</sup>

O desafio nestas páginas é a *verificação pessoal de uma hipótese educativa*, tematizada por Luigi Giussani – especialmente no seu livro *Educar é um risco* (2004). Apontaremos algumas formulações do autor que consideramos preciosas para um trabalho educativo.<sup>26</sup>

O tema da *verificação pessoal* nos leva a atentar para a necessidade de métodos, objetivos e instrumentos adequados, mas também para a insubstituível avaliação, pelo educando,

---

25 Miguel Mahfoud é doutor em psicologia social, Professor Associado do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

26 As contribuições de Luigi Giussani para o campo da educação vêm sendo explicitadas em âmbito acadêmico internacional. (Cf.: CHIOSSO, 2003; OUELLET. In: BUZZI, 2003, p. 73-78; FELICIANI. In: BUZZI, 2003, p. 182-185)

da plausibilidade, viabilidade e valor da proposta que nós, educadores, lhe apresentamos. Já considerar que uma verificação de nossa proposta educativa esteja na mão do educando e que seja parte fundamental de um processo formativo é uma provocação imensa: não há como examinar nossa posição educativa sem considerar a forma como o outro enxerga o processo formativo, sem considerar sua resposta à nossa proposta; e, contemporaneamente, não há como considerar o processo do educando a não ser no encontro com uma proposta feita a ele por nós, educadores. O tema da verificação pessoal da proposta educativa se refere a um *encontro*,<sup>27</sup> no qual se aguardam respostas a uma proposta apresentada.

Que resposta esperamos do outro, como sujeito, a uma proposta que lhe apresentamos? Ressaltamos, de imediato, que não consideraremos de modo consistente a resposta do educando a não ser que esta nos interesse muito.

O termo verificação alude a um procedimento que nos permite apreender a verdade de alguma coisa ou captar sua validade existencial. Quando há interesse em verificar algo, não colocamos atenção somente no instrumento (de análise ou de medida). Podemos promover verificação de um processo suscitando uma atenção para com a validade existencial do que

---

27 “O encontro não é verdadeiro se não exerce de alguma maneira sobre nós um chamado. E todo chamado é sempre, objetivamente, uma proposta. Quanto mais uma pessoa tem inteligência e sensibilidade, tanto mais percebe o quanto sua vida é entrecidada de encontros e como cada encontro constitui um chamado e contém uma proposta. No imenso coro de propostas que constituem a trama de sua existência, o homem, por sua natureza, é impelido a ‘comparar’, e imediatamente ele compara cada uma das propostas com aquele conjunto de estruturas originais – princípios, evidências, exigências – que constituem o seu ser. Se desta comparação parecer que a proposta feita solicita as suas autênticas exigências e valoriza suas possibilidades, então o homem simpatiza automaticamente com ela e a aprova. [...] O chamado implica, assim, a proposta de uma verdade tão existencial, de algo tão pertinente à nossa natureza e vida, que nos sentimos impelidos a procurar compreender para onde nos leva: sentimo-nos impelidos a aderir.” (GIUSSANI, 2006, p. 168-169)



está em questão. E quando o que está em jogo é uma verificação pessoal, então, não há mesmo como pautar o processo em procedimentos externos; é fundamental que o educando esteja pessoalmente envolvido.

### NECESSIDADE DE VERIFICAÇÃO PESSOAL

A necessidade de a verificação ser *pessoal* não deve ser confundida com *individual*, porque se refere a procedimentos que requerem posicionamentos, isto é, tomadas de posição no mundo, provocadas por outros, junto a outros ou diante de outros. A ênfase no caráter pessoal salienta que o próprio processo de verificação forma relações, constrói vínculos e esse aspecto é essencial para que o posicionamento seja autêntico. Enfatizar o caráter individual levaria – e freqüentemente leva – a concepções de processos educativos nos quais o educador não pode tomar posição ou interferir no processo do educando, que permanece uma incógnita, solitário em seu próprio percurso, o que conduziria a conclusões relativistas e a dúvidas sistemáticas sobre a real possibilidade de conhecer a realidade. Ao acentuar o caráter pessoal do processo, ao contrário, conta-se com o dinamismo da pessoa ativa no mundo social e intersubjetivo para a efetivação de seu próprio percurso e atenta-se para o dinamismo pelo qual ela pode chegar a ter uma razoável certeza sobre o que lhe interessa em cada coisa que encontra.

Para examinarmos o processo de verificação pessoal é preciso, então, identificar como o dinamismo da pessoa se ativa, como ela pode chegar a ter alguma certeza sobre algo que encontra, como é que sua experiência em ato pode chegar a ganhar consistência. Para a pessoa, isso implica considerar sua capacidade de ir em direção ao que lhe interessa, sua capacidade de dialogar, sua capacidade de formar vínculos de modo tal que possa manter o empenho com os próprios desejos.

Então, o que permite um processo de verificação pessoal de uma hipótese educativa encontrada?

### ATENÇÃO COM A ORIGEM

Primeiramente, consideremos que estamos sempre inseridos em processos históricos, tudo tem sua história: nossa sociedade, nossos contextos específicos, nossas pessoas. Nessa consideração, a atenção com a origem tem caráter fundamental. A tradição poderia ser tomada como estrutura externa que traça caminhos artificiais à experiência própria dos sujeitos. Mas pode também ser considerada como acesso efetivo à origem que nos possibilita o presente, como um contexto de nossas ações atuais com o qual temos de lidar para a eficácia mesma dessas ações e para a clareza da constituição do mundo presente.

A questão, então, é que possamos, de algum modo, suscitar um processo de compromisso pessoal com a própria origem. E isso é fundamental para o educador que se compromete com seu trabalho, assim como para um jovem diante de seu próprio processo educativo. Para um e outro há a urgência de que o empenho se torne realmente posicionamento de sua própria pessoa (no compromisso diante de uma necessidade pessoal ou social).

Nota-se logo que se trata de um desafio para ambos. A primeira tecla fundamental é que educando e educador possam participar de um compromisso com algo que está por emergir. Aí, sim, a preocupação com a origem (que tem a ver com uma história e uma tradição) não é externa à pessoa e à ação, mas atenção para com algo que a constitui. Aí, sim, o compromisso não será questão de “deverismo”, não será questão moralista, mas posicionamento existencialmente denso, consistente, provocador diante da realidade, que sustenta e move a pessoa

mesma. Pode ser assim quando o compromisso for um posicionamento que coincida com as urgências ou exigências constitutivas da pessoa. (GIUSSANI, 2000)

Cada um de nós está envolvido em processos educativos (com todos os sacrifícios que comportam) porque espera algo de grande. Cada um de nós precisa, tem urgência que algo de grande possa emergir para si e para outros. Essa é a origem fundamental com a qual cada um nós precisa se comprometer para que possa haver realização pessoal em cada ação. Cada um de nós tem uma urgência de justiça nas relações e urgência de algo consistente em nossas tentativas. Poderíamos trabalhar sem isso? Não. Mas freqüentemente nos ocupamos com muita coisa e não com isso. E o jovem, com seu característico horizonte aberto, está esperando, mais que tudo, que na vida, no trabalho, nos gestos, nas relações algo de grande, consistente, significativo se afirme para si mesmo e para os outros. É impensável um jovem sem essas exigências; mas não são juvenis, são humanas. É impensável uma proposta educativa sem essas urgências, justamente por serem humanas.

Poderíamos tomar o compromisso com a origem, na instituição educacional onde trabalhamos, como limites impostos por uma tradição já constituída quando viemos a nos inserir nela, portanto como esquemas externos nos quais nos encaixarmos, distantes de nosso autêntico posicionamento pessoal. Mas se o que está em jogo é que aquela instituição educacional na qual trabalhamos, com seus defeitos e qualidades, com sua existência, é ocasião em que vivenciamos (e nos ocupamos de) as exigências fundamentais, então podemos vislumbrar educadores com energia para enfrentar suas dificuldades e para propor algo novo naquele contexto; educadores que constituem uma presença encontrável pelos jovens, os quais, então, podem verificar uma hipótese educativa comunicada pelo educador pessoalmente implicado.

## SOLICITAÇÃO INCANSÁVEL

Há processo educativo quando o educando é desafiado a tomar nas mãos seu próprio desejo por algo grande, consistente, a viver intensamente a espera do que está por emergir de sua pessoa, de suas relações, de seu contexto. Não há como ensinar técnicas de trabalho sem que estas sejam tomadas pelo educando como ocasião do emergir de algo significativo para si e para os seus.

Eis a potência do contexto de origem explicitado e assumido. Eis a importância do contexto a partir do qual o jovem vem a ser solicitado a examinar seu próprio processo.

Por exemplo, num processo de formação para o trabalho, o educando pode ficar dentro de uma verificação sem fim (como que dizendo: *Ab, mas eu gostaria de algo um pouco diferente; ab, mas sei lá*) colecionando objeções pelo fato de a condição presente não se adequar bem ao seu temperamento, ou por não ter idéia de como poderá aplicar aquele conteúdo na modalidade que lhe vem oferecido. Sempre haverá muitas dificuldades a enfrentar. Nunca aquilo que se oferece ao outro como técnica, como possibilidade material de trabalho, estará plenamente pronto e adequado para a aplicação definitiva. Ensinar a técnica, a profissão, é uma ocasião em que o educando pode tomá-la sob uma visão do quadro global, contendo sua origem e a urgência de que algo realmente significativo aconteça. Só então ele poderá tomar aquela técnica como algo útil, criativo para si e para outros. Sem uma ligação vital, sem uma articulação entre a técnica e o trabalho efetivado portando as próprias exigências, o educando não pode verificar a viabilidade ou a utilidade daquilo que lhe propomos, daquele conhecimento que deixamos em suas mãos.

Os educadores, freqüentemente, ouvem objeções dos educandos quanto à insuficiência do que lhes é apresentado, principalmente quanto à inadequação à realidade deles. Isso se

dá porque eles estão fazendo, de algum modo, uma verificação. Mas sabemos que nada lhes pode ser plenamente adequado sem que seja tomado de modo pessoal. Não há como evitar essa passagem. A verificação pessoal é fundamental. Por que os educadores chegam a ensinar a técnica, mas por vezes não formam? Porque a formação requer a pessoa, e a pessoa empenhada numa verificação pessoal daquilo que encontra como hipótese apresentada. E sem formar, ou seja, sem que o educando se torne mais ele mesmo, todo conhecimento permanecerá externo, mecânico e tenderá a tornar mecânica também a ação, proporá ao educando um olhar utilitarista, em razão do que se consegue ou não fazer, não do que precisamos que aconteça segundo exigências constitutivas. Sem serem desafiados em seus limites e dificuldades, os educandos ficam circunscritos a eles, e consideram com fragilidade suas potencialidades e circunstâncias.

A questão-chave é que nossas propostas, como educadores, toquem a necessidade humana de construir algo de grande no que está já proposto, no que está já estabelecido como objetivo de certa atividade. Na atividade, o educando tem uma vivência como se dissesse: *Eu sou mais que isso; posso incidir no mundo de um modo mais intenso do que esse que vocês estão me propondo*. Ou os educadores chegam a propor algo em um horizonte efetivamente grande, onde, mesmo numa atividade pequena o sujeito participa de um processo amplo em termos de realizações humanas, ou os educandos efetivamente vão tomar algum caminho em que se percebiam interferindo na sociedade ou imbuídos de algum poder, mesmo que seja num processo de pura auto-afirmação. Podem até mesmo tomar caminhos que efetivamente não conseguem responder adequadamente àquela necessidade de construção, de poder, de realização que carregam consigo, que os define.

Por que nem todo caminho de interferência na sociedade, de poder e afirmação de si responde às nossas exigências

constitutivas? É um desafio enorme. Questões como essas se apresentam vivamente em nossas ações. Podemos medir o sucesso de nossa ação educativa pela quantidade de dinheiro retribuído, pela adequação a modelos pedagógicos, mas se fossem somente esses os parâmetros já estaríamos definidos antes de começar. Podemos também avaliar a ação educativa como participante de um processo que está acontecendo em nossa vida, como orientada por um horizonte do qual se participa não individualmente, não solitariamente, mas somando esforços, identificando outras pessoas num processo coletivo de afirmação de algumas hipóteses e de algumas certezas, de certas experiências e posicionamentos.

Sem algo claro, sem apresentar existencialmente uma proposta de horizonte significativo – onde cada atividade circunscrita se localiza –, a ação educativa será invadida pela insatisfação – de educandos e educadores.

Freqüentemente deparamos com a afirmação de que ideal, de fato, não existe. Dá-se assim quando não se identifica ideal com as urgências próprias da pessoa, com as exigências que a constituem (GIUSSANI, 2000, 2004). Muitas vezes não nos damos conta de que a urgência de que algo aconteça, que algo grande e consistente entre na vida é uma realidade em nossa pessoa, uma realidade de nossa pessoa. Ideal é uma realidade da minha existência: está presente, vibra, dá força e tensão a cada gesto, a cada palavra. Nesse sentido, falamos em ideal como motor humano. Quando firmado como algo perfeito externo à pessoa, freqüentemente se torna ponto de objeção pelos jovens. De fato, nunca encontramos algo perfeito em lugar algum. No entanto – que misterioso! – você nunca viu alguma coisa perfeita, mas nunca deixou de ficar ferido pelo fato de não encontrar uma coisa perfeita. Cada um de nós continua insistindo em alguma coisa grande e consistente diante de toda inconsistência: é o ideal. Há em nós uma urgência de algo que está por emergir, que está por crescer; se ela não se torna o nosso

motor humano, se não se torna o modo com o qual avaliamos os processos, acabaremos nos pautando em interesses de quem detém o poder, abandonando nosso próprio movimento; e o passo seguinte é chamar qualquer posicionamento pautado no ideal de ingênuo, moralista ou não realista.

Giussani (2000, 2004) nos ajuda a entender que somos realistas quando consideramos que há em cada um de nós uma urgência de realização, urgência de bem, de efetivação da beleza e da justiça. Se desconsiderarmos essas urgências em nós, então é que não seremos realistas – e nem conseguiremos manter nossos projetos – e abandonaremos os processos iniciados.

Se o ideal é algo que vibra em mim, com o qual assumo uma atividade, com o qual construo relações e avalio tudo o que encontro, então é justamente dali que nasce uma construtividade, nasce uma beleza surpreendente, nascem relações surpreendentes que efetivamente têm a ver com a beleza e com a consistência necessárias para viver.

O que está em jogo é que em nossas atividades possa haver (efetivamente) uma visibilidade do próprio ser; que no nosso trabalho educativo o educando possa ver com clareza nossa pessoa emergindo. E isso é uma solicitação à sua própria pessoa.

A contribuição própria de cada pessoa e seu valor só podem emergir num mundo de relações. Nossas atividades precisam chegar a tocar esses fundamentos, para o sucesso mesmo de nossos projetos.

Freqüentemente nós, educadores, diante da desproporção entre nossas atividades e os grandes desafios, sentimos angústia. Os jovens também! Porque eles não estão ali para aprender uma técnica, mas para que, por meio da técnica, algo da vida deles possa se afirmar. E não nos basta – a nós educadores e aos jovens – que a situação apenas melhore um pouquinho. Quando o educando percebe que estamos no mesmo barco dessas urgências, dessas exigências e necessidades, é que nossa

proposta educativa tem a chance de não ficar externa a eles, de superar as objeções de insuficiente adequação às circunstâncias específicas; de superar a freqüente acusação de as mudanças pretendidas nos projetos não levarem em conta as reais dificuldades dos jovens, sendo mais um projeto dos educadores do que uma viabilidade realista.

Se o que está em questão é o que pode emergir, então aquela angústia (que todos vivemos) pode ser tomada juntamente com as urgências de nossa pessoa. Se o que fazemos não tem horizonte, não tem possibilidade de incidir, será vivido como insuficiente e, então, o trabalho e até a própria vida não valem a pena. Esse não é um problema só para os jovens. É necessário que tudo o que os jovens estejam realizando e aprendendo se refira a essas urgências e que em relação à abertura de horizontes avaliemos a utilidade e eficiência de nossas iniciativas.

Quando se começa a enfocar essas exigências constitutivas, começa-se também a maravilhar-se com os acontecimentos à volta, começa-se a identificar outras pessoas que sintonizam com uma perspectiva assim. Então, há a superação da fragmentação e da solidão características da sociedade contemporânea. Tal postura de remar contra a correnteza só é possível quando se chega a tocar na origem dessa energia, nesse ponto fundamental, de modo vivencial, não de modo abstrato; quando se toca na origem da vida que cada um percebe em si mesmo.

É interessante notar que essas dinâmicas estão presentes em toda ação. Alguém pode buscar afirmar a própria pessoa utilizando algum tipo de poder. Freqüentemente, tendo algum poder, a necessidade de afirmação da pessoa não é respondida de fato, tanto que o sujeito vai ficando mais envolvido com a dinâmica do poder do que com as respostas às necessidades dele. Mas se ele chega a identificar que a afirmação de seu ser está na afirmação do que tem a ver com suas exigências fundamentais, então pode distinguir entre auto-afirmação e afirmação, e poderá construir com algo que efetivamente valha



a pena. Nesse dia, ele dorme em paz. Se identificar que certa ação está ligada a exigências de realização, de beleza, de justiça, de verdade, de bem, de amor, se identificar que certo gesto tem a ver com essas exigências, aí, então, afirmará mesmo sua pessoa.

Ou aprendemos a identificar a dinâmica que afirma nossa pessoa de fato, ou ficaremos buscando qualquer coisa que a afirme. Nisso poderemos até ser inadequados a nós mesmos. Ficaremos angustiados e inseguros por termos de deixar alguma ocasião de expressão de poder. Pensem em quantas relações de trabalho se deterioram ou são potencializadas de acordo com essas diferentes formas de afirmação da própria pessoa. Quantas relações educativas são bloqueadas ou inauguradas assim; quantas relações afetivas se tornam geradoras e enriquecedoras ou aprisionamentos estéreis em decorrência de afirmações da pessoa como auto-afirmação ou afirmação do próprio ser enquanto afirma o outro.

Quem pode apontar o desejo presente em cada atividade? Um livro? Um esquema apresentado em aula? Não! Você, uma pessoa, um educador. Se você tocar nesses pontos tão pessoais, tão centrais, onde cada um é mais si mesmo, poderemos contemplar toda a diferença entre nós. Paradoxalmente é quando podemos nos entender mais, podemos nos descobrir próximos. Aí a diferença já não é objeção. Não é eliminando diferenças que criaremos proximidade entre nós, mas tocando num ponto radicalmente importante para mim e para vocês. Nossa tarefa – como educadores – é solicitar que a pessoa olhe pra si mesma e seu mundo a partir de um ponto nuclear, essencial. Tocando esse ponto, o modo próprio de cada um viver suas questões fundamentais me interessa. E podemos nos descobrir próximos mesmo estando um grande número de pessoas dentro de uma sala ou de um auditório, por exemplo. Podemos nos dirigir a muitos, mas ao núcleo pessoal de cada um ao mesmo tempo. Nesse sentido, uma aula pode ser pessoal

mesmo em uma dinâmica coletiva, porque toca o centro da atenção pessoal. Podemos, então, advertir uma proximidade entre nós por causa desse fator ideal, nuclear.

O processo educativo precisa ser uma solicitação, uma provocação para que cada um responda a esse núcleo em si, a partir de si; que cada um responda a uma exigência de vida que reconhece em si, e que possa reconhecê-la porque está participando de um processo com pessoas, de encontros humanos em alguma atividade.

Há processos que distraem, há outros que controlam nossos desejos e outros, ainda, que nos ajudam a tomá-los nas mãos.

### CONDIÇÕES PARA A VERIFICAÇÃO PESSOAL

O que permite uma verificação pessoal num processo educativo é alguma solicitação a reconhecer a origem dos desejos, das exigências, das urgências, para que responda com base neles. A *responsabilidade* é justamente a capacidade de responder à solicitação, particularmente à mais importante delas, que carregamos conosco. Uma verificação pessoal é possível quando cada um responde a solicitações fundamentais que recebe. Cabe a nós, educadores, fazer essa solicitação continuamente, insistentemente, permanentemente, para possibilitar que o outro retome, infinitamente.

A pessoa se forma quando percebe, identifica em si, o centro fundamental e o utiliza mais conscientemente, mais vivamente, mais existencialmente em suas ações, atividades e escolhas. O educador vai possibilitar essa verificação, ajudar o jovem para que ele se responsabilize pelo projeto ideal que brota continuamente em sua experiência. Se puder ajudar o jovem a experimentar que a densidade desse núcleo pessoal incide na realidade, se o jovem tiver como experienciar isso,

aí, sim, ele vai fazer uma verificação, vai tornar verdadeiro, vai tornar real, na existência dele, uma proposta formativa que o educador está lhe oferecendo.

Como o educador pode suscitar no outro a atenção a esse horizonte? Só se estiver, como educador, pessoalmente implicado. Só se a relação educativa tiver para o educador essa ressonância; se a relação educativa, o trabalho concreto, o envolvimento concreto com o aluno refletir, ressoar desejo de verdade, exigência de bem, exigência de realização. Naturalmente, o educador não é perfeito; freqüentemente vai se atrapalhar enquanto faz isso, mas é sempre possível que na relação vibre uma exigência fundamental, que na relação o desejo de bem e realização, o desejo de vida, o desejo de algo grande para si e para o mundo seja vivenciado pelo jovem. Provocar o jovem a uma responsabilidade em relação à sua vida (no sentido mais nuclear) é possível se for uma questão fundamental para o educador.

Para tanto, é necessária a continuidade da relação, do processo. Também a continuidade é formativa. A *continuidade da solicitação*, da atenção a horizontes amplos de vida naquele contexto educativo torna o educador uma *presença*. Sem um contexto relacional, o jovem não pode ser cuidadoso consigo mesmo, muito menos retomar continuamente suas exigências fundamentais. E sem um contexto relacional nem mesmo o educador tem condições de manter-se solicitador e constituir-se presença. Temos – todos – necessidade de companhia humana. Não se trata de turma, mas de uma dimensão existencial de toda pessoa.

Se fizermos experiência real de processos existencialmente significativos em iniciativas concretas e atividades em nosso contexto educacional; se verificarmos a possibilidade de experiências desse teor se alargarem, então essa experiência será sustento de nosso posicionamento como educadores: podemos iniciar uma experiência de liberdade. Se na presença significativa

de outros posso experimentar que tenho lugar no mundo, faço uma experiência de realização. E, então, naquela *companhia* o desejo vibra, torna o educador uma presença viva e modula a atividade concreta que se torna preche de provocações. Não podemos chegar a isso conversando genericamente sobre questões importantes. É necessário que o educando apreenda uma possibilidade assim em uma *atividade*.

O educador solicita, provoca, de tal modo que o experimentado pela pessoa do educando na realidade concreta possa se tornar uma chave de leitura que chegue a oferecer uma novidade para o ambiente em que vive.

O posicionamento como educador, em seu ambiente de trabalho ou no relacionamento com alguns jovens, configura-se como uma presença naquele contexto. Desse modo ele está propondo algo sobre como enfrentar a hipótese educativa que ali está sendo feita aos educandos: como viver a vida profissional mais em geral, como enfrentar a vida. Com seu posicionamento ali ele está afirmando uma modalidade de viver. Mesmo quando está ensinando algo técnico, está propondo algo que pode se tornar chave de leitura em relação à totalidade.

O educador pode, naquele pouco que lhe cabe, fazer com que o que mais lhe interessa esteja vivamente presente e proposto ao educando. O jovem precisa encontrar isso, precisa experienciar a proposta educativa na relação com o educador, bem como que ele pode, de algum modo, viver suas conseqüências em outras relações (com um amigo, por exemplo) ou que pode construir algo em conjunto com o educador naquele contexto preciso em que ambos vivem. Se experimentar alargamento em alguns valores vivenciais, com o passar do tempo e em outras relações, então sua vivência poderá se configurar como verdadeiro ideal. Assim, o educando se tornará presença também para o educador, e ambos serão uma presença no ambiente, uma provocação, uma solicitação viva ali. Se o jovem aceitar se envolver, procurar ajuda para

esclarecer seus posicionamentos nas atividades concretas, discutir questionamentos autênticos, surgirá uma companhia-presença. Tal companhia poderá sustentar o jovem em suas iniciativas moduladas pelo ideal; e quanto mais o horizonte dele se alargar, mais verificará a hipótese que lhe foi vivamente oferecida.

Assim, o ambiente educativo será vivido como uma trama de experiências íntimas e exteriores: íntimas – onde se tecem os significados profundos – e exteriores – onde se afirmam significados como posicionamento no mundo. O ambiente é clima relacional, um modo de vida se propondo. O clima tão despersonalizante em que freqüentemente vivemos, pautado no politicamente correto, na cultura de massa, nos leva muito pouco a um posicionamento autêntico, no entanto nos define – e muito – no modo como nos movemos.

Um ideal e uma companhia autenticamente vividos podem nos colocar ativamente no ambiente (tido como clima mental e *modus vivendi*). Permitem-nos começar a ser críticos em relação à cultura dominante, despersonalizante - ao tomarmos posições pessoais - e em relação a uma sociedade que tende a tudo homologar. Não podemos ser críticos sem um ponto de referência autenticamente pessoal.

Em geral, não nos damos conta de que um clima cultural dita até o modo como abraçar a pessoa amada. Significa, então, que não somos autênticos? Que não temos expressão pessoal? Que não temos possibilidade de relacionamentos pessoais? Não. Quando não nos damos conta daquelas exigências fundamentais que brotam continuamente em nós, então pautamos, estruturamos as relações – inclusive as mais íntimas – com base em parâmetros alheios. Mas continuamos a ser pessoa; nossa dimensão pessoal continua presente e à espera de uma oportunidade de expressão.

Que os jovens vejam no educador uma possibilidade de serem críticos em relação à cultura dominante é também um

fator de experiência de liberdade. É até mesmo uma ocasião de apreender a consistência da proposta ou hipótese educativa apresentada ao confrontar com a cultura dominante.

Como o jovem pode ser crítico? Substituindo uma ideologia por outra? Denunciando uma ideologia e substituindo-a por outra? Para chegar a ser crítico, o jovem precisa ter um posicionamento tal que recuse ser modelado exteriormente. Então, partir do ponto de vista nuclear da pessoa permite ao jovem (como a toda pessoa) ser crítico com relação a tudo. Crítico e propositivo em relação a tudo, exterior e intimamente.

Buscar fazer alguma coisa juntos e ali arriscar alguns juízos é fundamental. Mas fazer juntos é possível ao colocar o ponto nuclear da pessoa em evidência. Sem isso, ao perguntar “O que vocês querem fazer?” o educador receberá como resposta o que a mídia ou um poder local colocou em evidência recentemente. Se você perguntar a um jovem “O que você quer ser?” ele poderá responder: “Quero ser um chefe da boca-de-fumo”. Sem tocar no ponto profundamente constitutivo da pessoa, o poder estabelecido vence. Mas naquela resposta há um desejo de radicalidade. Se conseguirmos apontar autenticamente o desejo de radicalidade, o jovem poderá, ao reconhecê-lo, ser crítico quanto às suas diversas modalidades em razão da realização de sua pessoa. O educador pode ajudar o jovem a se dar conta de que ele consegue modular sua pessoa e interferir na própria vida e na de outros a partir de posicionamentos críticos onde o crivo não seja externo, mas imanente à sua própria pessoa. Uma imensa possibilidade de crítica, aliada a uma enorme liberdade.

A proposta de Giussani (2000, 2004) é construtiva e libertária. Essa grande possibilidade de liberdade não interessa a quem quer ser eleito. Se o jovem educando não puder exercer sua crítica em relação à sua cultura e ao seu ambiente, ficará fragilizado. Começar a exercer a crítica como caminho

construtivo de sua própria pessoa, ao contrário, é o início da experiência de liberdade.

Debates culturais com horizontes mais amplos do que o pragmatismo do contexto em que se vive são sempre muito importantes para um processo educativo. O jovem pode verificar que – a partir daquelas exigências fundamentais e daquela hipótese educativa com que está em contato – é possível para ele exercitar pontos de sugestões, críticas, de valorização de processos, num ambiente ampliado. Experimentar um objeto concreto e seu horizonte amplo é fundamental e insubstituível para se chegar a uma verificação pessoal concreta de experiência madura.

O jovem precisa experienciar sua busca, aquela busca sem a qual tudo perde sentido, sem a qual ele não é mais ele mesmo. Aquilo que buscamos vai se tornando claro, vai se tornando consciente ao confiarmos no que nos corresponde. Aonde essas experiências de correspondência nos levarão vai sendo esclarecido ao longo da vida, quando se exercitam os critérios pessoais fundamentais. Por isso, não podemos deixar de propor que o jovem se ocupe com esse exercício crítico. Sem esse exercício, suas interrogações ficam sem respostas pessoais, verdadeiramente plausíveis. E até mesmo o que se quer vai ficando nebuloso, o que se faz fica vago, impreciso. Por outro lado, quando o jovem se dá conta de sua busca pessoal, pode cuidar de exercitá-la ao encontrar algo correspondente ou algo não correspondente, em uma atividade de sucesso ou insucesso.

Sem tal processo de esclarecimento da própria posição no mundo, como o professor poderia permanecer diante do desafio de sua tarefa educativa? Se estiver frágil em sua busca, desistirá de sua atividade, mas isso poderá ressoar duramente em seu posicionamento na própria vida.

Além da dimensão do ambiente, necessária para a verificação de uma hipótese educativa, outra condição

fundamental, então, é o fato comunitário: uma convivência essencial e com uma dimensão interior. Certo contexto que permita ao jovem não abandonar a própria busca.

Giussani (2004) indica ainda que para amadurecer a verificação é importante também cuidar desta comunidade: que o jovem se responsabilize pelo seu contexto em comunidade, que ele responda àquele contexto relacional que reconhece como sustento de sua pessoa em posicionamentos no mundo e como solicitador de processos íntimos, de significados profundos. Cuidar de tal contexto é uma forma de posicionamento na vida.

Giussani aponta outro aspecto fundamental para amadurecer a verificação: o *tempo livre*, no qual o educando pode perceber a responsabilidade pessoal pelo próprio posicionamento e pelas próprias escolhas. Se o jovem tem uma experiência significativa ligada a uma atividade, se chega a uma verificação pessoal, o ganho se refere à pessoa dele e não somente à atividade pedagógica; e pode se tornar ainda mais dele se for assumida em outros âmbitos, livremente, em uma atividade não obrigatória, em uma atividade cultural, uma atividade que realiza porque lhe interessa. A ressonância em todos os âmbitos da vida indicará a maturidade da proposta e propiciará maior conhecimento de si mesmo, assim como apontará sua correspondência pessoal.

Com uma experiência desse porte, o jovem aprenderá a *perseguir sua hipótese* e a *dedicar-se a um ideal* autêntico. Ter uma dedicação ideal é fundamental e está presente em todas as passagens do processo educativo que descrevemos: lidar com o ambiente em que estamos, cuidar da comunidade que nos sustenta, modular o tempo livre pelo reconhecimento de algo consistente, interessante, conveniente, correspondente são modalidades de dedicação ideal.

A necessidade de um horizonte ideal aponta para a necessidade de nos movermos em um *horizonte de totalidade*.



Um horizonte restrito nós o manipulamos. Lançarmo-nos efetivamente, levar adiante uma exigência que identificamos em nós mesmos, só o fazemos quando há um horizonte de totalidade. Por isso, numa relação específica, numa atividade circunscrita, é necessário propor um horizonte de totalidade. Ou o educando se retrairá.

É nas experiências mais correspondentes que surge a palavra “totalidade”. Numa relação afetiva de grande correspondência, brotam expressões que poderíamos até chamar de estranhas à vida cotidiana: “para sempre”, “até o fim”, “nunca mais”, “para todos”. Uma experiência de totalidade surge em uma experiência de correspondência: esta requer uma afirmação total. Sem um horizonte de totalidade não nos lançáramos. E cada um de nós sabe distinguir perfeitamente um relacionamento que traz consigo uma surpresa, a qual leva a uma dedicação integral, de um outro em que administramos a relação para o clima ficar prazeroso ou para a atividade ter sucesso.

Mesmo num processo educativo, numa atividade em que o educando administre seu desempenho de modo a apenas conseguir aprovação apresentando os resultados esperados, segundo a abordagem de cada disciplina, ele não fará uma verificação real de uma hipótese para a vida. Uma verificação pessoal pode se dar somente se na atividade o educando experimentar algo que o faça dizer: “Com isto, entro no mundo todo!” ou “Carregarei isto comigo para sempre”. A explicitação de um horizonte total é uma dimensão cultural fundamental para suscitar nossa energia, para que nos movamos (no sentido pleno do termo).

Uma *radicalidade* da relação educativa: sem dar si mesmo, o educador não forma. Dar si mesmo na atividade suscita algo no outro, provoca, convida-o a mover-se, permite que o outro se encontre. Afirmar o outro numa doação radical de si pode também ser chamado de amor. O jovem pode começar a

experimentar algo de radicalmente seu na provocação vinda do educador que dá a si próprio.

## REFERÊNCIAS

CHIOSSO, Giorgio. *Teorie dell'educazione e della formazione*. Milano: Mondadori, 2003. 188p.

FELICIANI, Giorgio. Educating in Reason. In: BUZZI, Elisa. *A generative thought: an introduction to the works of Luigi Giussani*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2003, p.182-185.

GIUSSANI, Luigi. *Educar é um risco: como criação de personalidade e de história*. Tradução de Neófita Oliveira. Bauru: Edusc, 2004. 222 p.

GIUSSANI, Luigi. *O caminho para a verdade é uma experiência*. Tradução de Neófita Oliveira. São Paulo: Companhia ilimitada, 2006. 240 p.

GIUSSANI, Luigi. *O senso religioso*. Tradução de Paulo Afonso E. de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 200 p.

OUELLET, Marc. An Extraordinary Educator. In: BUZZI, Elisa. *A generative thought: an introduction to the works of Luigi Giussani*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2003, p. 73-78.

CAPÍTULO 8  
**RESPONSABILIDADE E LIBERDADE**  
**DO JOVEM**<sup>28</sup>  
Stefano Giorgi<sup>29</sup>

**LIBERDADE E PESSOA**

É importante entendermos por que um percurso como este que iniciamos juntos, exatamente no dia 19 de maio de 2006, assistindo ao vídeo *Introdução à realidade total: educar é um risco*, que contém a palestra de Luigi Giussani sobre educação, se conclua com uma explicitação sobre liberdade.

Se existe uma característica da educação é que podemos defini-la como “personalização”: educar significa realizar aquilo que a pessoa, o eu, é; é contribuir para que a pessoa tome consciência de si e se ponha em ação na realidade, utilizando

---

28 Texto original em Italiano.

29 Professor de Filosofia; diretor do Centro In-presenza, para acompanhamento educativo de jovens em situação de risco, formação e inserção no mercado de trabalho, em Carate Brianza (MI)/Itália

adequadamente a razão. Como isso aconteceu? No impacto com a realidade e no despertar-se da liberdade. A liberdade é um elemento decisivo para qualquer caminho humano, ainda mais para o caminho educativo.

Na palestra sobre o tema *A proposta educativa*, dada neste curso, Luigi Bernareggi dizia que “a vida cresce; a característica fundamental da vida é que ela cresce em todos os escalões [...]. Qual é o critério para o crescimento da vida do animal não humano? A reprodução”. Para o ser humano não é exatamente assim. O nosso crescer não é mera reprodução, é sempre uma novidade. Existe no homem algo mais, uma unicidade, uma “irrepetibilidade” de posição que é preciso olhar e aprender.

O que é esse algo mais? Só podemos compreender isso olhando para nós mesmos. O capítulo X de *O senso religioso*, de Giussani, poderia ser proposto como um subsídio para todos. Qual é o caminho que o homem tem à sua disposição para compreender a si mesmo? O homem é aquele nível da natureza no qual a natureza toma consciência de si, ou seja, sabe quem ela é.

Não posso entender a mim mesmo fechando-me na reflexão, mas colocando-me em ação na realidade. O eu entende a si mesmo somente em ação.

A vida humana é livre e consciente. Não posso partir da definição dos jornais, do que vejo na televisão; preciso partir de mim mesmo. Cada um de nós tem dentro de si os instrumentos para poder cumprir um itinerário de desenvolvimento do próprio ser e da compreensão de si. Não necessitamos de técnicas particulares. O caminho do crescimento humano é simples e está ao alcance de todos.

A instituição que eu dirijo acolhe jovens que já foram excluídos de tudo, que já foram expulsos de todos os lugares. Por que nós os acolhemos? Não só os acolhemos, mas temos a pretensão de construir com eles um caminho de crescimento e de formação até o ponto de inseri-los positivamente no

mundo do trabalho. Acolhemos porque somos “bonzinhos”? Não! Acolhemos porque temos a certeza, amadurecida com a experiência, de que eles têm os instrumentos para caminhar. Na experiência que conduzimos, aquilo que para todos é um limite, para nós, torna-se um recurso para caminhar.

Vou tentar explicar melhor em que se baseia essa aposta, pois é uma grande aposta procurar oferecer uma possibilidade de vida a quem já foi tachado como “menino impossível”.

### **O PONTO DE PARTIDA**

Existe uma espécie de condição subjetiva (no sentido do sujeito que promove a acolhida) da acolhida que me parece eficazmente descrita por Giussani (2004, p. 184) que ajuda a focalizar qual é a centelha que faz nascer essa aventura:

Na confusão de valores que caracteriza o mundo atual [embora tenha sido escrito há alguns anos, parece-me sempre atual. De fato, conversando com as pessoas, é possível ver como no mundo adulto existe uma grande dificuldade para julgar aquilo que nos acontece, e é exatamente esta a perda de valores da qual se fala, uma dificuldade em arriscar a dizer isto é bom, isto é mau, isto vai numa direção, isto numa outra] o crescimento dos filhos, do ponto de vista moral e, mais em geral, do ponto de vista humano, é secundário [...] em relação a outras preocupações, tais como a saúde ou a preparação para que conquistem uma boa posição no trabalho e na sociedade. É preciso dizer, contudo, que nenhum clima [podemos ser ainda mais desastrosos do que já somos], em nenhum momento da história, poderá jamais evitar aquilo que por natureza o homem carrega dentro de si e, portanto, jamais

poderá suprimir os anseios e as exigências com as quais a natureza faz o coração do homem vibrar. A coisa mais importante, a coisa mais necessária para educar é também a primeira que se perde hoje em dia. Antigamente o clima social favorecia a sua permanência, mesmo de forma inconsciente; hoje em dia, pelo contrário, arranca-a. Para entender melhor o que é essa coisa tão necessária para educar, imaginemos uma mãe que entre de manhã no quarto do seu filho para acordá-lo. Suponhamos que seja um momento humanamente feliz, que ela pare a dois metros de distância da cama e olhe dormir aquela criatura – que saiu dela, que antes não existia – e, quase prescindindo do fato que é sua, pense: ‘Quem sabe o que vai lhe acontecer na vida? Quem sabe o que vai encontrar...?’ E ainda: ‘Mas essa criatura tem um destino, caso contrário, teria sido injusto, inútil colocá-la no mundo... porque colocá-la no mundo significa expô-la às possibilidades de dores mais graves...’. É um sentimento humano de que aquela criança é sua, mas não é sua. Possui um destino que é tão seu! [...] Ela tem a sua vocação, isto é, foi chamada por Algo que não é você, e este Algo a chama para uma meta, para um fim que não é você. Eu digo que a primeira condição – consciente ou implícita – para poder educar uma criatura humana é o senso de distância, de respeito, o senso de temor e tremor para com o mistério que está dentro daquela criatura, que é tão sua e que não é sua.

Essa imagem é muito eficaz porque, indiretamente, Giussani nos coloca diante de uma provocação descrevendo um *momento humanamente feliz*; é preciso que seja humanamente feliz o momento no qual aquela mãe percebe que aquele filho é dela, mas não é dela.

Portanto, a primeira condição para educar é que a pessoa perceba em si a paixão pelo outro como outro, a percepção consciente de que quem se tem à frente como educando é uma outra coisa diferente de si, caso contrário não é educação, mas projeto, aquele adestramento do qual falava Bernareggi.<sup>30</sup>

O ponto de partida de uma aventura educativa é uma paixão pelo outro simplesmente pelo fato de que ele existe; pelo fato de existir, você tem um valor maior que o Universo inteiro. Esse é o ponto de partida.<sup>31</sup> E a educação é o resultado de um

---

30 Eu trabalho no Centro “In-presca, de Emilia Vergani” em Carate Brianza (MI)/Itália. A finalidade do Centro é a orientação e a inserção no trabalho de jovens em situação de risco escolar e social. A intuição original que fez nascer esta obra foi o trabalho como assistente social que Emilia Vergani exercia, mediante o qual entrou em contato com as mais variadas situações de necessidade e, para encontrar um caminho diferente daquele que os serviços sociais normalmente ofereciam, começou a acolher alguns meninos sob sua guarda diurna. Tratava-se de dar àqueles jovens um lugar com as características de uma família, podendo ficar para o almoço e compartilhar as coisas mais simples. O primeiríssimo jovem acolhido por Emilia, que hoje é funileiro e é um rapaz formado, após a enésima malandragem pelas escolas de ensino médio, encontrou as chaves de um carro no pátio e, não sei como, aqueceu-as por um longo tempo e depois foi até o diretor da escola dizendo: “Diretor, encontrei isto no pátio”. O diretor um tanto descrente dos seus olhos, disse: “Como é que você que apronta de tudo pratica um gesto desses?” Num ímpeto de comoção, lhe disse “Obrigado, muito bem!”. Evidentemente ele foi parar no pronto-socorro. O jovem encerrou ali a sua aventura escolar, mas iniciou a sua aventura com Emilia. Um exemplo significativo deste primeiro aspecto da aventura educativa é a história de A., adolescente enviado a nós pelo Serviço Social de uma prefeitura vizinha. Ele chegou há um ano e meio com a assistente, a psicóloga e a mãe. O que me marcou foi o que a mãe disse sete vezes no trajeto do pequeno corredor: “Você é um inútil, não é capaz de fazer nada, não vale nada...”. Assim começou o nosso relacionamento com A., que agora está trabalhando mas que nos primeiros tempos ficava sempre num canto sozinho, com o boné na cabeça 45° na sombra, de casaco, chorando porque em geral os meninos não são compreensivos entre si; eles se massacram. Hoje ele está absolutamente irreconhecível. Todo o trabalho que fizemos foi baseado em: “O próprio fato de você existir, para nós, quer dizer tudo”.

31 Num diário no qual Emilia escrevia frases ao longo de vários momentos do dia, ela disse: “O que eu sou, o meu valor para os outros, a minha grandeza não é dom de alguém que, como eu, é uma criatura finita, cheia de limites, de

relacionamento, trabalhoso porque um relacionamento arranca a pele! A educação é uma aventura pendurada na liberdade; a liberdade é o jogo de um relacionamento, um relacionamento que tem uma finalidade: a posse da realidade!

## A ACOLHIDA

Portanto, para educar à liberdade é necessário acolher o outro como homem.

O ponto de partida da aventura é acolher o outro,<sup>32</sup> pois por meio disso o jovem começa a descobrir a si mesmo, já que

---

maldade, mas é o meu Deus a fonte incondicionada de amor que busco para encher a minha jarra. Os rapazes da In-presa merecem mais, é preciso fazê-los experimentar mais a beleza da vida”. Como é possível experimentar a beleza da vida? Com um encontro de acolhida sem nenhuma condição, e aqui começa a educação. Se não for assim com seus filhos, você os arruína, isso é evidente.

- 32 Qual é a necessidade dos jovens? A sua necessidade maior e mais verdadeira é fazer uma experiência bela e significativa da sua vida, principalmente dessa fase significativa e importante da vida que é a juventude (recordo-me de uma frase belíssima de papa João XXIII: “A vida é a realização do sonho da juventude”) e para que essa experiência seja possível é necessária, antes de tudo, uma coisa: que os jovens ouçam alguém lhes dizer “Você tem valor, você é tudo para mim”, de mil maneiras, com o olhar, com os gestos, com as palavras, mas que ouçam isso!

Há um exemplo significativo a esse propósito na palestra do Dr. Silvio Cattarina – presidente da Comunidade Terapêutica Educativa L’imprevisto, de Pesaro/ Itália – dada durante o curso de formação para operadores *Addestrare utenti...*? Il metodo nella formazione, progetto n. 275561, *Innovazione metodologica per il successo formativo*, Regione Lombardia, Azione 281549, Carate Brianza 30 maggio 2006: “Certa vez, enquanto um rapaz entrava pela primeira vez na comunidade, um operador aproximou-se de mim e disse: ‘Hoje nos mandaram um novo rapaz. Como devo acolhê-lo?’. Era uma pergunta que desarmava. Imaginem como é importante para um rapaz que vem até nós, à nossa comunidade em substituição ao cárcere, que sabe que deve ficar por meses, talvez anos, longe de casa, pequenino, vindo de uma cidade distante de Pesaro, sem ter onde pôr as mãos, pois são trazidos sem as roupas, como é importante o primeiro momento. Tanto que lhe respondi: ‘Como você gostaria de ser tratado? Como gostaria de ser acolhido se estivesse no lugar dele? Pense com



começa a entender o que deseja. A acolhida se expressa como fenômeno de familiaridade total, isto é, um comportamento definido pela imitação do comportamento do próprio Deus em relação ao homem. É vencida a estranheza e a distância, e os primeiros passos, aqueles talvez mais trêmulos, que parecem ser os mais incertos, principalmente quando se inicia, já têm a mesma densidade dos últimos, ainda que os frutos desse método apareçam muito depois ou possam também não aparecer se a liberdade de quem é acolhido não aceita esse relacionamento educativo. Isso porque não temos à nossa frente um sujeito que será necessariamente determinado pela proposta que lhe faremos, mas, sim, uma pessoa com a qual tenderemos a viver uma familiaridade total, e nos dirigiremos à liberdade dela, e ela poderá recusar.

Com quatorze anos, a pessoa pode achar que a vida consiste só em algumas coisas: namorar, ter dinheiro, divertir-se... É preciso que o jovem encontre adultos capazes de solicitar insistentemente esses desejos, que os levem a sério mostrando que um horizonte mais amplo se manifesta nesses mesmos desejos. Nesse encontro, o jovem começa a levar a sério a si mesmo, começa a entender mais a amplitude do próprio desejo, do que é que ele tem realmente necessidade. O juízo sobre as coisas (que é o começo do acender-se da personalidade) nasce da comparação entre aquilo que acontece e a necessidade e o desejo que a pessoa descobre ter dentro de si.<sup>33</sup>

---

o coração: se fosse você, se você entrasse na comunidade, deveria se confiar'. Sempre disse aos operadores: 'Olhem que assim que um rapaz passa pelo portão da nossa comunidade – nós estamos perto do mar, uma grande vila com praia particular e um enorme parque – assim que um desses meninos atravessa o nosso portão ele confia a você toda a sua vida, mesmo que, talvez, xingue e diga que quer nos matar a todos'. Eu mesmo chego perto de um rapaz e lhe digo: 'Fuja, vá embora, largue a comunidade, fuja! Se você acha que aqui dentro, junto a nós, pela experiência que fazemos juntos, se você acha que não é a coisa mais importante do mundo, fuja, vá embora, não é justo ficar aqui?'

33 Nós, do Centro In-presca, nos reunimos semanalmente para fazer o

## O RELACIONAMENTO

O que é o homem? É consciência da realidade de acordo com um modo interessante. O primeiro modo de a realidade entrar em relação com a pessoa é um choque, um impacto.

Permito-me inserir uma breve descrição da fenomenologia do conhecimento da forma como é desenvolvida por Rovighi (1975, p. 109-110), por constituir um suporte formidável para

---

acompanhamento dos jovens. Eu sempre começo dizendo: “Lembremos que o ponto de partida é que nós não salvamos esses jovens”. A segunda parte do trecho de Emília que citei diz: “É preciso fazê-los experimentar mais a beleza da vida”, e acrescenta: “Não quer dizer que eu me ponha a amar mais, mas que a minha necessidade é ser mais amada”. É extremamente libertador. A respeito disso, cito um exemplo do qual nunca me esquecerei: em junho de 2002 estive em Bucareste para a inauguração da casa de acolhida para crianças portadoras de aids, construída pela AVSI, denominada “Casa Emília”, justamente dedicada a Emília e, para minha grande vergonha, tive de pronunciar um discurso perante as autoridades civis e eclesiais. Cheguei um dia antes e a pessoa responsável pelos projetos da AVSI, Cláudia, me levou para visitar o hospital do qual a AVSI reformou uma ala que mais parecia um campo de concentração para crianças aidéticas. Na Romênia, são 8 mil as crianças doentes por causa do mau funcionamento do sistema de saúde, abandonadas nos orfanatos. Visitamos as alas, depois Cláudia foi até o pátio. Assim que ela chegou, aquelas criancinhas correram ao seu encontro; instintivamente, recuei e fiquei olhando para ela com as crianças, como ela as olhava, como eles a esperavam, e disse a mim mesmo: “Este é o olhar bom de Jesus para as pessoas. Quem pode amar assim?”. Eu não sou absolutamente capaz, mas olhando para Cláudia, acompanhando o seu olhar, fui conduzido para aquele pátio e fiquei a tarde inteira brincando com as crianças. Particularmente uma dessas crianças espera que eu volte lá porque, disse-me Cláudia, que revi há pouco tempo, ficamos uma hora com a boca aberta brincando de dentista. Não se trata de ser ou não capaz, não se trata de eu me pôr a amar mais, mas de que a minha necessidade é ser mais amado. Exatamente por ser uma tarefa grandiosa para a qual você não tem a técnica nem a capacidade, mas uma grande pergunta que carrega acerca de si mesmo: ‘de quem eu sou?’, você é livre para fazer tentativas, o erro não o esmaga, não o destrói. O mesmo vale para os nossos jovens: “você errou, aprendamos com esse erro. O erro não tira uma vírgula daquilo que existe entre mim e você”. A questão da educação, portanto, não é uma questão de técnica, mas se fundamenta realmente na pergunta: “de quem eu sou?” Desse modo, essa aventura se torna possível.

a descoberta de que o eu nasce, como percepção de si, do relacionamento com um “outro diferente de si” que é dado.

Antes de nos perguntarmos o que é o conhecimento, devemos antecipadamente nos perguntar: conhecemos o conhecimento? Claro, de certa forma, nós o conhecemos, do contrário não poderíamos sequer falar sobre ele: mas temos experiência imediata dele? Parece impossível responder não. Mesmo assim, se prestarmos bem atenção, devemos reconhecer que vemos coisas coloridas, mas não vemos o ver, ouvimos sons, mas não o ouvir, percebemos objetos sensíveis, mas não o perceber. Portanto, sabemos que conhecemos, mas não com a mesma imediação com a qual percebemos uma coisa verde: sabemos que conhecemos pela reflexão ou, que é a mesma coisa, a autoconsciência é um conhecimento reflexo. Tentemos ver o que quer dizer essa afirmação, e observemos como chegamos a formar o conceito de conhecimento. Geralmente se parte, para descrever o conhecimento, da afirmação de que existe um sujeito e existe um objeto, e se define o conhecimento como uma relação entre sujeito e objeto. Como será essa relação? Criação por parte do sujeito? Espelhamento passivo do objeto? Ora, quando se coloca o problema dessa forma, não se parte do que é imediatamente evidente, não se parte do que consta, pois o que consta não é um sujeito e um objeto, ou, talvez, um sujeito só com as suas modificações; o que consta é uma realidade múltipla – extensões figuradas e qualificadas, sentimentos diversos de prazer, de dor, sinestésias, etc. Se essas realidades, se esses entes, são sujeito ou objeto, isso se verá depois; não consta imediatamente. Será necessária uma reflexão para determinar o que é objeto e o que é sujeito.

Quero destacar que, para a autora, reflexo quer dizer sempre mediato.

Em latim, a palavra que define esse choque é a palavra *affectus*, que dá origem a afeto, amor. A caminhada do eu começa por meio de um impacto, que é como se fosse um chamado, uma atração.

Se estivéssemos nascendo agora, qual seria nossa primeira reação? Existe aqui um desafio para olhar a própria experiência. A primeira reação seria de admiração por aquilo que existe: por algo. Essa atração suscita em nós o desejo. A realidade atrai e suscita em nós o desejo, mas é como se a realidade não fosse capaz de responder totalmente àquele desejo. Essa é a experiência que todos nós fazemos, e parece que não queremos olhar para ela até o fundo, como se não quiséssemos olhar para uma ferida. Aí, então, fazemos tantas outras coisas para ocultar essa ferida.

Giussani dizia que a primeira vez em que entendeu a existência de Deus foi durante uma aula de canto, quando ouviu o tenor pronunciar as palavras *Spirto gentil...*<sup>34</sup>. No impacto com

---

34 “Lembro-me ainda do instante e do arrepio, da intensa comoção do instante no qual o fato da existência de Deus tornou-se uma evidência cheia de significado na minha vida. Eu estava no seminário e fazia o primeiro ano do liceu clássico: durante a aula de canto, nos primeiros quinze minutos, era comum o professor explicar a história da música fazendo-nos escutar alguns discos. Naquele dia, o disco de 78 rotações começou a girar e, de repente, a voz de um tenor muito famoso na época rompeu o silêncio da sala. Com voz potente e cheia de vibrações, Tito Schipa começou a cantar uma ária do quarto ato de *A Favorita* de Donizetti: *Spirto gentil, ne’sogni miei, brillasti un dì, ma ti perdi. Fuggi dal cor mentita speme, larve d’amor fuggite insieme* (Espírito puro, um dia brilhaste nos meus sonhos, mas te perdi. Foge do coração, esperança enganosa; fugi juntos, fantasmas de amor). Quando o brilhante tenor entoou *Spirto gentil, ne’ sogni miei...* ao vibrar da primeiríssima nota, intuí, com intensa comoção, que aquilo que se chama ‘Deus’ – quer dizer o Destino inevitável para o qual o homem nasce – é o termo da exigência de felicidade, é aquela felicidade da qual o coração é exigência insuprimível. Assim que escutei *Spirto gentil*, naquele exato instante da minha vida, pela primeira vez entendi que Deus existia e que,

aquele aspecto da realidade, ele percebeu um arrepio. Mas que arrepio?

Cada um de nós poderia descrever a mesma experiência, ou seja, no impacto com algo da realidade percebe um arrepio. Quando a realidade me toca, faço experiência de quê? De uma dor íntima, pungente, de desejo infinito. Experimentamos isso quando não estamos distraídos: a percepção de algo que faltava na minha vida e que nada nem ninguém jamais poderia preencher. Quando não estamos distraídos por vaidades que se queimam rapidamente, na relação com a realidade abre-se para nós o horizonte.

A realidade nos provoca, nos arrasta, fazendo nascer em nós um desejo que é infinito.

Se o nosso desejo é infinito, quem pode responder a ele? Somente Deus, o Infinito.

A educação é um jogo entre proposta e resposta, como dizia Bernareggi.<sup>35</sup> A realidade me provoca e exige de mim uma resposta. A educação é a realidade que me toca, me provoca e exige a minha resposta. “Quem és tu? Que queres de mim?”. Todo impacto com a realidade deveria suscitar essas perguntas.

A educação é esse jogo de proposta e resposta. A pessoa não pode se tornar ela mesma sem uma outra. Por isso, a nossa tarefa educativa não é mudar os jovens, mas ajudar o relacionamento deles com a realidade; ajudá-los a estar diante da realidade por aquilo que a realidade é.

---

portanto, não poderia existir nada se não existisse o significado; que não poderia existir o coração, se não existisse a meta do coração: a felicidade.” L. Giussani, *Quel che cerchi c'è*. In encarte do CD “Spirto Gentil”, coletânea dirigida por Luigi Giussani. Milão: Universal, p.3.

35 Cf. artigo de Bernareggi nesta obra.

Por essa razão é que a coisa principal na ação educativa é amar a liberdade da outra pessoa, pois sem esse amor há adestramento, instrução.

Precisamos olhar para a nossa experiência. Nela, o que aconteceu? Alguém nos acolheu. Alguém junto ao qual entendíamos o que devíamos fazer.

Quando os jovens pedem, eles querem uma proposta a ser seguida, e não uma resposta.

Partamos das crianças, que são a coisa mais simples, pois a criança, por estrutura, é o que a mãe natureza fez, e a gente percebe que uma criança esperta, normal (não como aquelas que tantas vezes agradam às mães: fofinhas, que ficam sempre quietinhas e não incomodam), pede: está na natureza, está na estrutura da pessoa continuar a pedir, a perguntar.

De fato, é fascinante imaginar e olhar uma criança pequena, pois ela pergunta sempre o porquê. Não pede coisas em primeiro lugar; pergunta sempre o porquê. Quando uma criança pergunta o porquê, dentro de si ela faz discursos estranhíssimos, mas pergunta sempre o porquê. O que ela está lhe pedindo, mãe? O que está lhe pedindo, pai? O que está pedindo à pessoa que tem diante de si?: “O que tenho a ver com isso aqui?”. Não sei se vocês também percebem dessa forma, mas a pergunta sobre o porquê da realidade, das coisas, do que acontece, ela sequer sabe, mas pergunta “O que eu tenho a ver com isso aqui?” – “Quem sou eu?”

Com certeza, nenhuma criança se aproximará da mãe para perguntar: “Mãe, quem sou eu?” Se fizesse isso, significaria que tem problemas. Mas ela está dizendo: “O que eu tenho a ver com essa coisa?”. No fundo, avaliando bem, ela está solicitando um relacionamento com a pessoa à qual pergunta o porquê. Normalmente é com a mãe, pois a natureza a põe em movimento e a põe em movimento continuamente dessa forma. Quando uma pessoa fala, quando pede, quando faz uma pergunta é a modalidade normalíssima, simplicíssima com a

qual está perguntando: “Quem sou eu para você?”. Portanto, o meu ser proposta para os jovens é aquilo que, por sua vez, interpela a minha pessoa.

Nesse jogo, a proposta deve ser minha, mas a resposta é do jovem. Ninguém pode se substituir ao outro, pois qualquer tentativa de substituição seria violência.

Nossa ação educativa, seja qual for, deve ser uma maneira de escancarar no coração do jovem aquele desejo que o constitui: “Quem és tu que me chamas? O que queres de mim?”. Respondendo a essa provocação, torno o mundo mais bonito, sou mais útil, não estou no mundo por acaso. O percurso educativo começa com levar o jovem a perceber que ele não está no mundo por acaso, é preciso dizer-lhe: “Você tem um destino grande, não importa o que já tenha feito. Você é grande se ficar comigo. Essa sua grandeza, você irá descobri-la cada vez mais não porque eu seja a resposta, mas porque sustento as suas perguntas, pois elas são minhas também”.

### **REALIDADE, MISTÉRIO E POSITIVIDADE**

Há uma observação ulterior que devemos fazer: a realidade, em última instância, é mistério.<sup>36</sup>

---

36 “Na introdução de seu livro *Da ciência à fé*, o grande matemático Francesco Severi, muito amigo de Einstein, escreveu que quanto mais se aprofundava na pesquisa científica, mais ficava evidente para ele que tudo que descobria, à medida que avançava, era ‘em função de um absoluto que se opõe como uma barreira elástica [...] à sua superação com os meios cognitivos’. Quanto mais sua pesquisa avançava, tanto mais o horizonte ao qual chegava remetia a um outro horizonte, fazendo perceber que sua conquista tinha como única função a de impeli-lo posteriormente para um *x*, um *quid* que estava além das condições nas quais operava. Quando a pesquisa chegava a um certo ponto, o objeto da ação, o *x* se deslocava. [...] Se uma pessoa de forma empenhada e séria está atenta a essa dinâmica, quanto mais avança, tanto mais torna-se-lhe evidente a incomensurabilidade e a desproporção entre o objeto ao qual a investigação chega e a profundidade das perguntas. [...] Sem admitir aquele *x* incomensurável

A educação é um trabalho com os jovens para fazer com que a inteligência deles não se feche ao mistério, mas fique aberta. Como? Colocando-os em relacionamento com a beleza, levando em consideração todas as formas como ela se expressa. Mantemos essa abertura por meio da beleza, pois a beleza leva sempre a um “além”.

Antoine de Saint-Exupéry escreveu uma coisa lindíssima: “Se quiser construir um navio, não junte os homens para ir buscar a madeira ou para preparar as ferramentas necessárias, não distribua tarefas, não organize o trabalho. Antes, ao contrário, desperte nos homens a saudade do mar distante e da sua imensidão”. A grandeza possui um modo de se comunicar aos homens que se chama beleza. A preocupação que deve mover os educadores é construir algo de grande, de bonito no qual os jovens possam ser acolhidos.

Quanto mais me adentro na realidade dos jovens, tanto mais nascem perguntas e a necessidade de não estarmos sós. A forma da nossa intervenção é sempre uma forma comunitária, nunca é um relacionamento com este ou aquele, mas é um relacionamento com um nós, todos juntos (professores, tutores, etc.).

Nós nos encontramos toda semana para conversar sobre os jovens e tomar decisões: “É melhor encaminhar essa pessoa para outro lugar, redirecionar o curso?”... para tomar decisões. Conversamos, pois, fazendo assim, colocamos em comum mais fatores possíveis, depois decidimos. A decisão é minha. Devo dizer, ao final: “Vamos fazer assim”. A partir daí dispara a decisão da verificação. A coisa mais bonita é que as forças da equipe estão a serviço de que aquela decisão se torne verdadeira. O ponto não é quem entre nós tem razão, mas arriscar num juízo. Se sabemos que não salvamos os jovens,

---

[...] o homem elimina a categoria da possibilidade, dimensão suprema da razão.”  
(GIUSSANI, 2000, p. 77-79)



estamos sempre dispostos a mudar o projeto. Carregamos no coração não o interesse de que a nossa idéia se torne verdadeira, mas o interesse pela caminhada deles.

“Antes o conhecimento, depois o projeto”. Isso vale para as instituições. É um percurso personalizado de modo a não ficarmos engaiolados. Você não consegue saber o que pode nascer de um relacionamento. A única coisa que sabemos desde o início é: a realidade é positiva; por isso, para aquele jovem existe esperança.

Tomamos decisões, arriscamos, porém surgem muitas perguntas e, então, procuramos quem possa nos ajudar a respondê-las.

Como havia muitos jovens propensos a usar drogas, convidamos alguém que trabalha exatamente com essa realidade, e essa pessoa nos ajudou muito; começou dizendo que não concordava com o rótulo “jovens em conflito com a lei”. Nós lhe perguntamos: “Se eu não fumar mais maconha, vou substituí-la com o quê?” Para responder a isso, ele partiu da Idade Média, e eu me assustei:

Nós vemos que todos os nossos jovens – isto talvez possa ser dito em relação à grande maioria dos jovens –, hoje em dia, têm como verdadeira condição o abandono: possuem família sem jamais tê-la tido, possuem pais sem que sejam uma família, enfim, é muito mais uma traição. Talvez seja justo dizer que nossos jovens são... Seria bonito encontrar uma palavra que se aproximasse da palavra “traídos”, pois para mim essa é a condição que mais caracteriza a grande maioria de todos os jovens que chegam aos nossos centros, aos meus centros, mas de muitíssimos jovens na normalidade da vida dos nossos territórios. Seria bonito encontrar uma palavra que definisse esse tipo de jovem. Pelo menos na Idade Média os jovens do tipo dos nossos, com

certeza também do tipo de vocês, eram chamados de “periclitantes”. Na Idade Média, os meninos que não se saíam bem, que aprontavam de tudo, que fugiam, eram chamados periclitantes – assim como havia as “tamanquinhas”, pois as meninas abandonadas recebiam tamancos assim que entravam nos conventos. Periclitante é muito mais bonita, mais condigna como palavra em relação à palavra “desviado” que agora é utilizada, e do que essa acepção tão legalista, tão preconceituosa, justicialista, etc. Portanto, eram aqueles que estavam em perigo, jovens em perigo, periclitantes. Acho que é interessante o que comecei a dizer, pois no decorrer da minha experiência também não era claro para mim qual era realmente a necessidade desses jovens.

[...] porque a necessidade desses jovens é realmente terem adultos próximos, a sua necessidade é poder fazer uma experiência bonita e significativa da sua própria vida e, principalmente, dessa fase tão significativa e tão importante da vida como é a fase da juventude, tanto é que carregam dentro de si essa raiva, essa revolta, que muitas vezes desemboca também em violência. Os meus jovens que praticaram coisas graves dizem isto claramente: “Eu tinha tanta raiva dentro de mim que precisava jogar a responsabilidade sobre alguma coisa ou alguém; alguma coisa ou alguém devia pagar por isso, e eu estava cheio, repleto de sede de vingança”. Acho que é possível falar de traição. Não se explica por que há fenômenos tão vastos, tão difundidos no mundo juvenil caracterizados por essa raiva, por essa sede de vingança. Com certeza houve uma traição, uma falta na origem, um abandono. Muito tempo atrás encontrei uma expressão, na minha opinião, muito interessante que dizia: “O que é um filho? O

que é um jovem? – talvez vocês também a tenham encontrado – O que é um aluno? A maneira mais bonita para definir o filho é esta: é um herdeiro”. Aliás, assim como Jesus Cristo, na história da salvação, Cristo filho de Deus, nós somos herdeiros, co-herdeiros. Porém, onde está a fraude? É que se não há herança, a pessoa fica com muita raiva, razão pela qual baseia a própria vida nessa sede de vingança, nessa revolta.

[...] por isso, com o passar dos anos, quando entendi isso, aos poucos entendi também que a resposta, a ajuda é afirmar que existe uma herança, que a pessoa pode ser herdeira. O mesmo vale para a escola. Sendo que a escola, hoje, é o que é, transformou-se num lugar que dá apenas informações ou instrumentos, etc., mas não oferece mais uma perspectiva, uma aventura de vida significativa; não possui mais um escopo, assim também os estudantes não podem mais ser estudantes, não é mais possível ser filhos. [...] Portanto, há duas coisas importantes: a primeira, é dizer a um jovem: “você vale, você, para mim, é tudo”; dizer isso de mil formas, com o olhar, como for possível, tendo claro, enfim, toda a sua necessidade. [...] Levem em consideração que se sai de uma casa e se chega a uma casa, ou seja, as coisas que os jovens fazem, não fazem, em primeiro lugar, para si mesmos. É inútil, é uma falsa mentalidade nossa, é ideologia dizer: “faça isso para você mesmo”. Um jovem faz para quem ele ama, para aqueles por quem se sente amado. Esse é o motor da liberdade.<sup>37</sup>

---

37 CATTARINA, Silvio, Presidente da Comunidade Terapêutica Educativa “L’Imprevisto”, em Pesaro/Itália.

## LIBERDADE, REGRAS E LIMITES

Qual é a nossa necessidade? Perceber que a herança existe. A herança é mais do que real: na realidade, posso encontrar respostas para as minhas perguntas.

Considerar a resposta quer dizer mostrar a positividade do real, mas como se comunica essa positividade para os meninos abandonados? Na minha acolhida, com mais este detalhe: a acolhida incondicional, que quer dizer “você, menino, que chega até aqui, é tudo para mim”. Esse tipo de acolhida não entra em conflito com as regras.

Certa vez, num diálogo entre Giussani e um grupo de professores, em que parecia que as regras contradiziam a liberdade, ele disse que, para ele, a campanha que soava na escola era a voz de Deus. A liberdade não é contrária às regras, e vice-versa. Por meio da regra, a pessoa pode aprender uma ordem. A ordem que a regra me fez ver é que não existo por acaso.

A única verdadeira regra é o relacionamento, mas não precisa ter medo. Para uma pessoa abandonada, a regra é perceber que você está com ela.

Um jovem dizia: “Sabe qual é a coisa que mais odeio nos meus pais? É que eles nunca me disseram não”. Acolher significa que qualquer coisa que o outro faça não o afasta de mim. E isto deve passar também por meio da ajuda aos jovens para que entendam do que a realidade é feita. Na realidade existe uma ordem, e isto é sinal de que a realidade não é um acaso e que por isso eu posso me realizar.

Em um outro encontro da nossa equipe, surgiu outra pergunta. Como eu falei no início, a instituição que dirijo é a “última chance” para os jovens, pois os que chegam lá já foram expulsos de outros lugares. E por que foram expulsos? Porque têm limites. “Como o limite pode se tornar recurso?”, perguntamos. E convidamos um amigo para nos ajudar a

responder, e ele nos disse: “O limite do outro é um recurso somente se não partimos do limite, mas da verdade. Deve ser uma descoberta, e a verdade não é uma idéia, mas uma presença pela qual eu e o outro somos afirmados em vista de um bem”. Isso é extraordinário! Por que o limite do outro pode ser um recurso? Porque o meu ponto de partida não é o limite, mas a experiência de “mais” que estou fazendo e da qual convido o outro a participar.

É como uma experiência de vitória. Na festa de encerramento do ano escolar na In-presa, convidamos Julián Carrón<sup>38</sup> para nos dar uma mão justamente com relação a uma pergunta sobre esse tema, e ele nos respondeu:

A primeira vitória acontece em você, pois os primeiros a ser tentados pela derrota somos nós. Se não aprendemos isso, essa nossa derrota, essa nossa decepção, é a desgraça de todos. Uma minha amiga espanhola dizia que certo dia ela tinha saído da escola desanimada porque os alunos não lhe davam atenção. Disse a ela: “O que lhe permite voltar amanhã diferente, de modo que aquele insucesso de ontem não a defina, de tal modo que você possa recomeçar amanhã cheia de espera com os meninos?”. A questão é se existe algo que nos faz retomar o caminho, pois a primeira vitória acontece em nós, e se você vive essa vitória deseja que essa vitória chegue também até os meninos, os empresários, etc., mas isso não depende de você, depende dos outros. Aquilo que interessa de verdade é que você não desista e continue a doar todo o tempo de que os meninos precisam. Com o tipo de meninos com os quais vocês trabalham é

---

38 Teólogo, sucessor de Dom Luigi Giussani na condução do Movimento Comunhão e Libertação e Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação.

necessário tempo – se sempre é necessário tempo para a educação, imaginem com esses meninos em condições difíceis! Eles precisam de uma gratuidade imensa, sem fronteiras, sem limites. Onde se apanha essa gratuidade? Precisamos testemunhar isto também com os empresários, mas o fato é que a questão não diz respeito, em primeiro lugar, aos jovens ou aos empresários, mas a você. Sou eu quem devo aprender a vida e entender o que me mantém de pé diante de todas essas coisas que fazem parte do caminho. Certa vez, durante um camping com os jovens no verão – era um centro que acolhia jovens em dificuldade, e o último que havia chegado tinha batido nos pais – eu via que, por causa desse relacionamento distorcido com o real, qualquer tentativa por parte de quem trabalhava com eles, era percebida como uma ameaça; até a tentativa de acariciá-los era percebida como uma ameaça. O relacionamento com o real tinha sido alterado. Lembro-me de ter pensado que essa situação podia ser vencida somente por uma gratuidade sem limites. Mas onde é que apanhamos uma gratuidade assim? A questão da educação é esta: ou nós participamos desse “dom de si comovido” que Cristo nos concede; ou nos comovemos assim que abrimos os olhos pela manhã com o fato de que haja um Outro que nos ame assim e ficamos livres de todos os “nãos” recebidos durante o dia, ou então, cedo ou tarde, seremos derrotados. Isto nos diz que nós, para gerar, devemos participar da única geração, da única paternidade que é a paternidade do Mistério que nos ama assim, com esse dom de si comovido, constantemente. “Amei-te com um amor eterno, tendo piedade do teu nada” (Cf. Jr 31,3). Se isto não preenche o nosso coração, se não nos comove quando abrimos os olhos pela manhã, se não nos maravilha a cada manhã, antes ou depois nos cansamos. A

única possibilidade é que eu aprenda – isto vai servir depois no relacionamento com o marido, com os seus filhos e com os amigos – de onde nasce essa plenitude do eu que faz relacionar-me com o outro de forma gratuita, caso contrário, a alternativa é a generosidade, mas, antes ou depois, eu me canso. A generosidade parte daquilo que me falta, ao passo que a gratuidade parte daquilo que recebo, daquela superabundância da qual participo que me torna capaz de gratuidade. Com efeito, mesmo que o outro não me dê nada, já me sinto tão contente com o que tenho que sou livre. Essa é a gratuidade. O Mistério possui essa gratuidade. Não quer dizer que seja a mesma coisa se respondemos ou não, mas a felicidade do outro não depende de nós nesse sentido. É isso que permite ao outro recomeçar amanhã a nos amar assim. Se nós não participamos desse mistério, cedo ou tarde nos cansamos e vamos procurar nossa realização em outro lugar. Seria a nossa derrota, não a dos jovens; os jovens sofrem as conseqüências da nossa derrota.<sup>39</sup>

A maneira como o limite se manifesta nos jovens é que eles lhe dizem: “Não!” Então, perguntamos a Julián Carrón: “De que modo o ‘não’ deles não se torna um túmulo para mim?”. Ele respondeu: “A questão da educação, antes de tudo, é ‘de que’ o adulto vive? Qual é a fonte do seu viver?” Quando os pais estão bem entre si não usam o filho para preencher o seu vazio afetivo:

Existem filhos que dizem não. A questão é que o não do outro não deve se tornar um túmulo para você. Todos nós desejamos o bem das pessoas que amamos, mas, acima, de tudo é preciso que esse

---

39 CARRÓN, Julián. Assembléia no Centro In-presas, em 18/6/2006.

bem seja descoberto e querido pelas pessoas das quais gostamos, ou seja, devemos acertar contas com a liberdade do outro que, antes, deve descobrir esse bem. Existe um mistério entre a descoberta da verdade e a liberdade da pessoa que precisa ser respeitado, e é isto que no fundo faz com que pais e educadores sofram. É preciso, então, ter a paciência de continuar a testemunhar o bem sem interrupção, esperando o tempo da pessoa, pois o tempo faz parte da vida e da descoberta do bem. Por esse motivo, Giussani dizia sempre que Deus ama mais a liberdade do homem do que a salvação, pois a salvação deve ser querida, não imposta. Sobre a decepção, é preciso considerar que a questão da educação, antes de tudo, é ‘do que’ o adulto vive, pois o fato de não desanimar diante do “não” dos outros não é questão de estratégia, mas de onde está a fonte do nosso viver. De fato, é preciso que a origem do colocar-me na relação com o jovem esteja em outro lugar que não nele, de modo que eu resista aos seus “nãos” e possa esperar o tempo do outro sem esmorecer, pois o problema para mim, adulto, é o que me sustenta e o que me realiza de modo a não permitir que os vários “nãos” me desencorajem de testemunhar continuamente o bem. Quando dependo do jovem e vivo da sua resposta, inevitavelmente fico decepcionado, ao passo que só o relacionamento com Cristo é que preenche realmente o coração do homem e faz com que eu não fique determinado pelo “não” que recebo. Imaginem quanta paciência Giussani teve conosco sem jamais se desencorajar, e isso porque a origem última da sua vida estava em outro lugar, pegava em outro lugar a força que lhe permitia esperar por nós. Portanto, se o adulto não tem em outro lugar a fonte que lhe permite viver livre da resposta dos jovens, cedo ou tarde sucumbe aos seus “nãos”, e



é essa a fonte que permite a educação – pois para gerar é preciso antes ser gerado – e se você não tem aquilo que o gera, fica dependente das respostas dos outros, dos seus ‘nãos’ e, com o passar do tempo, esses “nãos” acabam por definir a sua vida.<sup>40</sup>

Não parto do limite, não espero daí a minha realização. O problema educativo é o problema da afeição do adulto. O que preenche a minha afeição? Se for a resposta do outro, estou aniquilado.

Só se eu estiver num terreno sólido é que poderei esperá-los, ou seja, acolhê-los continuamente, ser sempre uma proposta diante da liberdade deles. Espero na minha resposta ao Mistério do qual os jovens são sinal, não na resposta deles.

Em certo encontro, um amigo nos dizia: “Os jovens que encontro são um emaranhado de complicações loucas; diante disso, o Mistério que faz todas as coisas me pergunta: ‘Você me reconhece?’”. Para esse amigo, os jovens são o modo como o Mistério lhe pergunta: “Você me reconhece?” Por isso você tem uma atenção infinita por esse menino.

## LIBERDADE E CARIDADE

Cada um de nós que está aqui, participando deste curso de formação, trabalha em alguma obra que tem a ver com necessidades. Diante da necessidade, existe algo imediata e humanamente evidente: se existe um mínimo de humanidade, perante a necessidade, o homem tenta agir com generosidade para responder a ela. Abro um parêntese para citar um exemplo de Giussani que, em certo encontro, contou ter visto uma vez dois gatinhos caírem do telhado. Um deles foi esperto e caiu

---

40 Idem.

em pé; o outro, ao contrário, ficou estatelado no chão. Então, o gatinho que caiu em pé passou perto do seu companheiro, cheirou-o um pouco e foi embora tranqüilamente. E Giussani dizia: “Nós não somos como aquele gatinho. Diante da necessidade, colocamo-nos em ação”.

O que vou dizer pode se tornar uma provocação para que este curso tenha continuidade numa segunda etapa.

As nossas tentativas de resposta podem ter como que dois caminhos negativos. Ao fazer a obra que realizamos, podemos cometer dois erros:

- a) autocomplacência, se as coisas vão bem;
- b) tristeza, se as coisas vão mal.

Isso é interessante! O que pode nos livrar dessa situação? A maneira de reagir diante da necessidade. Essa compaixão instintiva não pode permanecer só como sentimento, pois desse modo não constrói. Esta é a primeira dificuldade que precisamos encarar no itinerário de uma obra educativa: reduzir a necessidade a emoção, a sentimento; ou então, reduzir aquela necessidade a comportamento, a ética, a uma imagem, a uma resposta esquemática.

Fiquei impressionado com o relato de Cleusa (fundadora juntamente com seu marido, Marcos Zerbini, da Associação dos Trabalhadores Sem Terra de São Paulo), publicado na revista Passos n.74, de julho 2006, no qual ela fazia referência à experiência de caritativa que há muitos anos se fazia na Baixada Milanese, na Itália. Ela mencionava o episódio de uma pessoa que tinha participado desses momentos. Tratava-se de uma jovem que, tendo ido à caritativa, dera uma certa quantia em dinheiro a uma mulher pobre dizendo-lhe para ir comprar comida, mas ela comprou batom. Aquela jovem foi falar com Giussani um pouco indignada com a atitude daquela mulher e

ele respondeu: “Como vocês são pretensiosos! Quem são vocês para saber qual é a verdadeira necessidade daquela mulher?”.

Uma amiga educadora daqui de Belo Horizonte também me contou um episódio parecido. Ela disse ter visto uma moça grávida debaixo de um viaduto com a barriga à mostra. Surpresa com a cena, ela se aproximou da moça e, depois de conversar um pouco, tentou sugerir que a jovem se cobrisse, ao que ela respondeu: “Eu quero que todos vejam que ao menos uma vez fui amada”.

Quem somos nós para medir a necessidade do outro? Diante da necessidade, não podemos reduzi-la nem a emoção, nem a um esquema nosso. Diante da necessidade, qual é a primeira palavra a considerar? Não é a palavra caridade, mas a palavra consciência, entendida como capacidade que o homem tem de olhar para todas as coisas por como elas são realmente. A caridade nasce da razão. É como uma vizinha de criança que diz: “Não basta”.

Stefano Alberto, que nos ajudou na caminhada da nossa obra, disse:

A primeira palavra que é dita diante da necessidade, da dor, do ímpeto que instintivamente, naturalmente é impossível não nascer dentro do coração, não é caridade, mas é uma palavra mais genérica: consciência. A consciência entendida como a capacidade que o homem tem de olhar as coisas segundo todas as suas qualidades, e especialmente – em última análise –, de identificar a qualidade suprema das coisas, em que relação elas estão com o destino. A primeira função da palavra caridade – destaque importantíssimo porque é a grande premissa geral sem a qual não existe o dilatar-se, o desenvolver-se, o aprofundar-se de uma experiência realmente humana da caridade – é captar aquilo que a inteligência encontra. E o primeiro impacto,

o primeiro dado que a razão identifica na necessidade é uma insuficiência, uma insatisfação. Normalmente essa insuficiência, digamos com relação aos parâmetros normais, exprime também uma insatisfação; se usamos a razão, percebemos que essa insatisfação é semelhante à vozinha irônica de uma criança: “Não basta!”. Nós nos esforçamos, usamos todas as nossas capacidades, usamos todo o afeto de que parecemos ser capazes, mas não basta. O eu reencontra a si mesmo, principalmente por meio do desafio que essa vozinha traz para a vida. É essa insatisfação que torna possível a vida, o escopo positivo da vida, a grandeza da vida, a nobreza da vida. [...] para enfrentar a questão dessa forma é necessária uma simplicidade de coração, é necessária – cito uma passagem do primeiro capítulo de *O senso religioso* – “perfurar sempre as imagens induzidas pelo clima cultural no qual estamos imersos”. Levar em consideração as próprias exigências e evidências originais e com base nelas julgar, avaliar cada proposta, cada sugestão existencial. [...] Que quer dizer, porém, julgar com o coração? O coração é estruturalmente infalível como conjunto de evidências e exigências com as quais todo homem nasce, das quais cada um de nós foi dotado pela natureza humana. Claro, os critérios do coração são infalíveis, mas posso usá-los mal, posso não usá-los..., mas existem. [...] coincidência do coração com a razão, entendida como exigência de descobrir todos os fatores. [...] A razão é como um banho de luz, como uma luz que avança. [...] Então vocês compreendem que diante dessa evidência existem duas possibilidades. Com relação à idéia de que a coisa mais concreta, a coisa que está na raiz da necessidade do outro, da dor do outro, a coisa que está na raiz da minha necessidade, da minha insatisfação, da minha tentativa é a concretude do

Mistério, há duas grandes possibilidades com as quais depois se joga em vários níveis: ou a presunção de dizer “não a vejo – essa raiz –, não a sinto, não sei aonde me leva, vamos deixá-la de lado, podemos também agir sem...” (e conseqüentemente eu decido, eu dou o significado a toda a coisa); ou então a outra face da mesma medalha – a presunção, em sentido negativo – o desespero, o ceticismo: “não consigo, não sou capaz, não dá pra fazer nada, vamos deixar pra lá”. Que é como dizer: “Como não posso decifrar tudo sobre ti, tu, Mistério, não existes”. Há uma possibilidade ulterior: aquela na qual a razão é realmente ela mesma, permanece ela mesma e isso acontece quando leva a sério aquela vozinha que diz “não basta”. Aí você não vai embora, começa a pedir diante do surgimento desse fator que não é visível, que não está no seu poder, que não está nos seus esquemas. Eis o uso do coração: pois, sem esse pedido, sem chegar a esse pedido nós não chegamos a tocar o ser, a plenitude do ser. (ALBERTO, 2006)

Se quisermos falar de caridade, será necessário descobrirmos, com base nesse movimento da razão, o que vem antes do percurso inteiro. Aquilo que vem antes do percurso inteiro, o que vem antes da realidade, é o Mistério. Eu e o jovem desejamos isso.

A educação é manter aberta essa relação. Isso é ser leal com o próprio coração.

Os dois riscos ao se fazer uma obra são a autocomplacência e a tristeza. Para vencer esse risco, é necessário que sejamos continuamente educados a manter aberta a relação com o Mistério. Ou nos mantemos abertos a esse ponto de fuga, ou é como se nos fechássemos para a realidade.

O que nos fere na tentativa de responder à realidade é o Mistério. Sem aceitar o desafio dessa ferida, resta a decepção,

ou uma espécie de delírio de onipotência (quando achamos que tudo caminha como queremos). Em ambos os casos, censuramos uma parte da realidade; e quando censuramos uma parte, no final, censuramos tudo.

### LIBERDADE E RESPONSABILIDADE

Para que a obra cumpra a sua finalidade, é preciso que quem a faz participe de uma companhia que ajude a manter aberta a dimensão do coração. Assim, a pessoa fica cheia de audácia, pois não tem medo de nada, porém não é presunçosa, está sempre pronta a obedecer à maneira como a realidade provoca. Sempre pronta a esperar os jovens, sem pretensão, com as mãos estendidas para eles. Quando se inicia esse caminho, não se sabe aonde ele vai levar.

Emília, que foi a fundadora da instituição que dirijo, disse que nunca podemos dizer “estou dentro até aqui, depois dou um jeito”.

Poder-se-ia dizer, resumindo, que no momento educativo da adolescência, “idade de verificação”, as grandes linhas metodológicas a serem consideradas são as seguintes: a proposta precisa de uma hipótese de sentido total da realidade (é a oferta da “tradição”), única condição de certeza para o adolescente; a presença de uma autoridade bem precisa e real, “lugar” dessa hipótese, condição única de coerência no fenômeno educativo; a solicitação do jovem a um empenho pessoal de verificação da hipótese em toda sua experiência, condição única para uma real convicção; a aceitação do crescente, equilibrado risco da comparação autônoma entre a hipótese e a realidade na consciência do adolescente, única condição para o amadurecimento da sua liberdade. (GIUSSANI, 2004, p. 74-75)

Um pouco antes Giussani tinha enfatizado que oferecer a hipótese de sentido da realidade equivale à “humanidade do mestre”. Por humanidade, devemos entender aquele traço fundamental do ser humano que é a solidariedade para com quem é menor:

A solidariedade é uma exigência estrutural da pessoa, que nas relações é espera, como um direito oriundo de uma condição existencial, não definida em última instância pela diferente sorte ou azar, mas por uma dignidade que torna, senão iguais, misteriosamente irmãos. A solidariedade não é apenas uma ajuda esperada, mas também um impulso ativo: normalmente é difícil um homem esquivar-se de ajudar uma criança que está caindo. O problema é a inconstância que se segue a esse impulso principalmente quando requer sacrifício. (CESANA, 2000, p. 153)

Até o homem aparentemente pior possui dentro de si, como característica, uma solidariedade instintiva. Não se trata, provavelmente, de comoção pelo outro, mas de uma instintiva compaixão. O problema é este: enquanto fica tudo na emoção, enquanto fica resposta reativa a uma emoção, não há possibilidade de construção; a emoção não constrói. Como é fácil que o ímpeto natural de solidariedade, a urgência de uma resposta à necessidade do outro, se traduza na imagem que fazemos daquela própria necessidade, ou então como é fácil reduzir, achatar a necessidade a esquemas, a procedimentos, a protocolos...

O que se torna necessário?

O caminho da educação descrito acima não é um problema só dos adolescentes. É de todo homem. A grande questão é que é o adulto que precisa continuamente fazer um caminho educativo, de conquista de sentido, pois sem certezas

sobre a vida não é possível educar ninguém. Educa quem é educado, gera quem é continuamente gerado. É o adulto que deve participar de um lugar no qual seu próprio eu seja sempre despertado. Quando fazemos a experiência de que os momentos mais bonitos da nossa vida são aqueles que tiveram origem em outra coisa e não em nós, aí, então, entendemos que a vida é mais vida na dependência.<sup>41</sup>

O que há de especial em dedicar-se à formação dos jovens?

Os jovens constituem a última oportunidade que nos é dada para despertar em nós a pergunta sobre o sentido da nossa existência, sobre no que vale realmente a pena investir o nosso tempo e as nossas energias, de modo que, olhando para eles, possamos dizer com Ada Negri (1995, p. 78):

Não te perdi. Permanecestes, no fundo  
do ser. És tu, mas uma outra és:  
sem folha nem flor, sem o brilhante  
riso que tinhas no tempo que não volta,  
sem aquele canto. Uma outra és, mais bela.  
Amas, e não pensas ser amada: a cada  
flor que desabrocha ou fruto que amadurece  
ou pássaro que nasce, ao Deus dos campos  
e das estirpes das graças no coração.

---

41 “A Deus, ao Mistério do Ser, àquela Medida que nos fez, que nos excede de todos os lados e que não é mensurável por nós, é a Este que o amor do educador deve confiar o espaço sempre maior das vias imprevisíveis que a liberdade do homem novo abre no diálogo com o universo. Também na obra educativa é necessário lembrar que quanto mais o empenho é humano, tanto mais a sua fisionomia deve ser uma tentativa humilde, iluminada pela esperança de um encontro gratuito com uma força e uma ordem que não estão em nosso poder?”. (GIUSSANI, 2004, p. 73)



## DIÁLOGO

*Na escola pública, existe muita rotatividade, por isso é muito difícil fazer esse trabalho de retomada como o que fiz pesquisando a história da instituição onde trabalho. Como enfrentar essa dificuldade? Como professor de escola pública, faço essa experiência de rotatividade.*

Duas coisas: a instituição está com dificuldades porque há muita rotatividade de professores ou incoerências. Nossa primeira preocupação deve ser: “o que é que marca a minha pessoa?” Posso lutar para que a instituição acolha e aceite aquilo que me marca, mas não espero da instituição a salvação, e, sim, daquilo que me tocou e me marcou. Não sejamos impermeáveis, pois se assim formos estaremos mortos. Não espero a salvação da política, mas dela eu peço tudo. Eu invisto a instituição com essa experiência, de modo que se a instituição não me responde eu não morro.

Procuro o outro, mas se o outro não me responde não deixo de me relacionar com ele. Não colocamos nossa esperança neste ou naquele presidente (agora, que estão próximas as eleições), mas lhe pedimos tudo. Cabe-nos manter aberta essa relação. Com essa abertura, de verdade, entramos em relação com todas as coisas.

*Às vezes sou criticada pelos colegas por ser amiga demais dos alunos; dizem que preciso ser mais educadora. O educador seria amigo de seus alunos? Como medir isso? Meu sentimento em relação a eles deve ter freios?*

Não devemos ser ambíguos. Não preciso pôr freios no amor aos meus alunos – justo; não preciso ser conivente – cúmplice. Ser amigo não significa descer ao nível deles.

O educador é, sim, amigo, companheiro de caminho; não desce ao nível deles.

Na realidade existe uma diversidade. A liberdade não atua em coisas iguais. Para que haja liberdade, deve haver o

mais e o menos. Por isso não é necessário haver nivelamento, mas os meninos devem ver que há um mais e um menos. Sou seu companheiro em qualquer circunstância.

### REFERÊNCIAS

ALBERTO, Stefano. *Il bisogno, passo verso l'infinito. Reagire com l'istinto, giudicare con il cuore*. Scuola d'Impresa per Opere di Carità, sessione inaugurale, Milano, 25/02/2006.

CESANA, Giancarlo. *Il ministero della salute: note introduttive alla medicina*. Firenze: Società Editrice Fiorentina, 2000.

GIUSSANI, Luigi. *Educar é um risco*. Tradução de Neófito Oliveira. Bauru: Edusc, 2004.

GIUSSANI, Luigi. *O senso religioso*. Tradução de Paulo Afonso E. Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

NEGRI, Ada. *Mia giovinezza: poesie*. Milano: Rizzoli, 1995.

ROVIGHI, Sofia Vanni. *Elementi di filosofia*. Brescia: La Scuola, 1975, v. I.

Capítulo 9  
**AS INSTITUIÇÕES E SUAS  
EXPERIÊNCIAS**

**AÇÃO FAÇA UMA FAMÍLIA SORRIR – AFFAS**

**Data da Fundação**

06 de Junho de 2001

**Nome dos Fundadores**

*Presidente:* Ezequiel Santos de Medeiros

*Vice-presidente:* Geraldo Fernandes de Souza

*Tesoureira:* Cléia Margarete Honorato

*Secretária:* Lenilde Mendes do Carmo Abreu

*Coordenação:* Graciela Freitas, Ricardo Antunes, Catia Sales

**Responsável Atual**

*Presidente:* Waldir Gomes da Silva

*Vice-presidente e Coordenador Geral:* Ricardo Antunes Gomes de Oliveira

*Coordenação:* Catia Regina de Sales Gomes

### **Origem e características da instituição**

A AFFAS é uma entidade filantrópica sem fins lucrativos. Nasceu no Bairro General Carneiro em 1998 a partir de simples ações comunitárias que buscavam um pouco de entretenimento para a comunidade local. Foi então criado o evento “Faça uma Família Sorrir neste Natal”, logo, foram desenvolvidos vários projetos, passando a instituição a ser denominada “Ação Faça uma Família Sorrir”.

A entidade tem como principal objetivo atender crianças, adolescentes, jovens e familiares por meio de ações socioeducativas, culturais, assistenciais, de complementação alimentar e profissionalização, buscando contribuir para a promoção dos preceitos do Estatuto da Criança e do Adolescente, inserção social e geração de emprego e renda.

### **Atividades oferecidas pela instituição**

- *Educação Digital* – Atendimento a 180 pessoas por trimestre, com faixa etária de 07 a 80 anos de idade (inclusão digital a partir de temas transversais). A Educação Digital viabiliza o acesso à internet, qualificação digital e conhecimento de Temas Transversais.
- *PETI* – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil. São oferecidas oficinas educativas: reforço escolar, dança, iniciação musical (Percussão), informática, atividades artísticas e esportivas – 130 beneficiados com faixa etária de 07 a 15 anos.
- *Cozinha Comunitária* – A Cozinha Comunitária fornece cerca de 200 refeições gratuitas todos os dias para colaboradores e usuários da instituição. São oferecidos também cursos de culinária para a comunidade.

- *Orquestra Popular Dona Ritinha* – Orquestra com 15 participantes com idade entre 11 e 18 anos, é composta por jovens da comunidade que, juntos, fazem uma combinação musical única e diferenciada.
- *Programa Agente Jovem* – São 50 jovens tendo a oportunidade de conhecer o mundo da Comunicação Comunitária, por meio de oficinas de Rádio, Vídeo, Fotografia, jornal e designer gráfico, abordando as diferentes formas de comunicar.
- *Iniciação Teatral/Dança* – 40 alunos na oficina. É um projeto no qual os envolvidos elaboraram uma peça teatral com muita dança e diversão.
- *Grupo Cultural Panela de Expressão* – 27 crianças desenvolvendo música a partir de instrumentos construídos com materiais reciclados e convencionais. O Grupo conta ainda com 9 dançarinos.
- *Iniciação musical* – 40 Crianças de 08 a 14 anos sendo musicalizados por integrantes da Orquestra Popular D. Ritinha, que trabalham também com os integrantes do Grupo Cultural Panela de Expressão.
- *Cursinho Popular* – 60 pessoas beneficiadas com o Pré-vestibular comunitário, parceria com o Movimento dos Sem Universidades, MSU.
- *Projeto Juventude Líder e Empreendedora* – 40 pessoas nos cursos profissionalizantes de Fotografia, Telemarketing e Vendas.
- *Oficina de Vídeo Eca* – 60 crianças e adolescentes de escolas públicas sendo capacitados para produzir e difundir vídeos voltados para o Estatuto da Criança e do Adolescente.
- *Sala de Cinema* – Em fase de implantação, a sala de cinema irá atender 180 pessoas por semana com sessões de cinema nacional e produção de ficção e realidade local.

- *Prestação de Serviços de Informática e Sala de Leitura* – Cerca de 150 pessoas por semana, consolidação da sala de leitura, com novos livros, e pesquisa via internet.

A entidade encaminha os jovens qualificados para o Mercado de Trabalho, por meio de parcerias com empresas, órgãos públicos e Ongs.

### **Nº de crianças, adolescentes/jovens atendidos**

- *Crianças* – Idade entre 07e 12 Anos: 300
- *Adolescentes* – Idade entre 12 e 18 Anos: 200
- *Jovens/Adultos* – Idade 18 Anos em diante: 250

### **Endereço Completo**

Rua Abaeté, 80 – General Carneiro – Sabará – MG

CEP.: 34585-570 – Tel: (31) 3671-0411

*Email:* affas1@yahoo.com.br

## **ASSOCIAÇÃO PROFISSIONALIZANTE DO MENOR – ASSPROM**

### **Data da Fundação**

04 de Dezembro de 1975

### **Nome dos Fundadores**

Mário Assad, Wilson de Oliveira, Paulo Ribeiro Rosa, Paulo Mendes Moreira, João Batista Ricci, Clever Novais, João Narciso, Onésimo Viana, Carmen Pinheiro de Carvalho, Afonso de Souza, Joaquim Brum de Almeida, Raimunda Lourdes Medeiros, Carlos Agnaldo de Castro e Oscar Lobo Pereira.

## **Responsável Atual**

Dr. Maurício Lourenço da Costa

### **Origem e características da instituição**

Sua criação resultou de esforços desenvolvidos, na época, pela Secretaria do Trabalho, pelo Juizado de Menores, pelo Ministério Público e alguns profissionais comprometidos com o social, como forma de atenuar o problema do menor oriundo de família de baixa renda em Belo Horizonte e região.

O objetivo inicial era apenas regularizar a situação de 200 jovens alocados em órgãos estaduais. Mas, inesperadamente, a associação passou a ser procurada por instituições e empresas interessadas em contratar menores para seu quadro de funcionários. Houve também intensa demanda dos próprios adolescentes por emprego.

A ASSPROM se caracteriza como entidade de fins não econômicos, beneficente de Assistência Social e Educação PROFISSIONAL. Sua missão é iniciar a formação dos adolescentes de família de baixa renda, inserindo-os no mercado de trabalho, acompanhando e promovendo seu desenvolvimento para o pleno exercício da cidadania.

A proposta da ASSPROM é a formação integral do adolescente por meio do trabalho. Com esse objetivo, há 32 anos, seleciona e capacita os jovens para a sua posterior admissão nas contratantes (Órgãos públicos e empresas privadas), que mantêm contrato com a instituição. O público alvo é o adolescente estudante, de família de baixa renda, com idade entre 15 e 24 anos.

### **Atividades oferecidas pela instituição**

Durante o percurso dos adolescentes na ASSPROM, a instituição se empenha, ao máximo, para oferecer orientação pessoal e profissional, apoio pedagógico e psicológico, cursos diversos, como: português instrumental, matemática

instrumental, excelência no atendimento ao cliente, secretariado básico, informática básica e avançada, círculo do novo emprego, etc., atividades de esporte, lazer e cultura, como passeios pedagógicos para Grutas, Ouro Preto, Mariana, São João Del Rei, etc., campeonatos de futebol masculino e feminino, entre outros. Palestras e campanhas educativas.

Também oferece cursos de idiomas: inglês, espanhol e francês, cursos profissionalizantes como: montagem de micro, mecânica de autos, operador de telemarketing, montagem de impressora, manutenção de celular, técnico de enfermagem, dentre outros, além dos cursos preparatórios para o ENEM e Pré-Vestibular.

### **Nº de crianças, adolescentes/jovens atendidos**

Aproximadamente 2400 adolescentes e jovens atendidos no ano de 2006 e 2007, nas modalidades Aprendiz e Adolescente Trabalhador.

### **Endereço Completo**

*Sede:* Rua Minas Novas, 233 – Cruzeiro – Belo Horizonte – MG

Tel: (31) 3263-1500

*Unidades: URJ:* Unidade Rio de Janeiro – Rua Rio de Janeiro, 243 – 4º andar – Centro – Belo Horizonte – MG

Tel: (31) 3213-0989

*NDRH:* Núcleo Desenvolvimento de Recursos Humanos – Rua Carijós, 150 – 4º andar – Centro – Belo Horizonte – MG

Tel: (31) 3270-2200

*E-mail:* [diset@assprom.com.br](mailto:diset@assprom.com.br)

*Site:* [www.assprom.com.br](http://www.assprom.com.br)



## **COOPERAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO E MORADA HUMANA - CDM**

### **Data da Fundação**

01 de Fevereiro de 1986

### **Nome dos Fundadores**

Marco Aurélio Cardoso de Souza, Lúcia de Fátima da Silveira, Maria das Graças Nunes, Carlos Moreira Franco, Márcia Alves Aleixo, Maria Fernandes de Araújo, Geraldino do Carmo Araújo, Silvânia Pereira Silva, Alípio Batista Rodrigues, Ângela Lobo Leite, Francisco Antônio Lobo Leite, Rosa Brambilla

### **Responsável Atual**

Alencastro Gonzaga da Silveira

### **Origem e características da instituição**

A CDM tem sua origem ligada à Fundação AVSI de quem é ainda hoje uma das principais parceiras. Nasceu para desenvolver em parceria com a AVSI um grande projeto de planejamento e requalificação de favelas em Belo Horizonte. Desse trabalho inicial, evidenciaram-se outras necessidades dos moradores dessas áreas e, em função disso, foram definidas as três principais linhas de atuação da CDM, ou seja: Projetos na linha de planejamento e desenvolvimento urbano/habitat, Projetos de desenvolvimento comunitário e socioeducativo, Geração de trabalho e renda. Sua missão é: Promover e sustentar o desenvolvimento humano e social de pessoas e realidades locais, dentro ou fora do país, com particular atenção à educação, à formação e à promoção da dignidade da pessoa humana em todas as suas expressões. A CDM atua sempre em áreas de vilas e favelas por meio de atividades cuja principal finalidade é a redução da pobreza numa perspectiva do desenvolvimento integral de pessoas e da comunidade como um todo.

### **Atividades oferecidas pela instituição**

- *Atividades socioeducativas*: Oficinas de esportes, música e percussão, dança, formação humana e relacional
- *Na geração de trabalho e renda atua em duas modalidades*: fortalecimento do empreendedorismo local, e sobretudo, fomento e apoio a cooperativas de produção que empregam jovens e familiares. Na outra modalidade, desenvolve cursos de qualificação profissional para jovens e adultos, dentre os vários cursos podem se destacar: curso de eletro-mecânica, técnicos em áudio e vídeo, eletricista de autos, soldagem, vários cursos da área de serviços e comércio: telemarketing, telefonista e recepcionista, camareira, técnicos em vendas, promotor e repositor, caixa, etc.

Outro trabalho intenso do setor de Geração de Renda acontece mediante o centro de serviço de apoio ao trabalhador. Por meio desse centro são oferecidos serviços de apoio à inserção no mercado de trabalho, palestra de requalificação, articulação de postos de trabalho junto a empresas, preparação de currículos e de entrevistas de emprego, além de outros atendimentos e apoios

Fazem parte ainda das atividades da CDM, como forma de complemento ao desenvolvimento integral de pessoas e de comunidade, atividades de apoio e curso de formação para familiares, educadores, gestores e lideranças comunitárias.

**Nº de crianças, adolescentes/jovens atendidos** – Valores 2006 e 2007

*Oficinas socioeducativas*: 2.225 crianças adolescentes e jovens

*Geração de Renda*: 600

*Empreendedorismo/cooperativismo*: 122

*Formação Educadores*: 204

*Formação Gestores e lideranças comunitárias: 75*

### **Endereço Completo**

Av. Cristiano Machado, 9883 – Heliópolis – Belo Horizonte – MG

CEP: 31760-000 – Tel: (31) 2103-2700

*E-mail:* belohorizonte@cdm.org.br

## **CEASAMINAS – CENTRAIS DE ABASTECIMENTO**

### **Data de Fundação:**

30 de Abril de 1971

### **Nome dos fundadores**

*Governador do Estado de Minas Gerais:* Rondon Pacheco.

*Ministro de Estado de Fazenda:* Luiz Fernando Cirne Lima.

*Pela Cobal:* Juarez Monteiro.

*Secretário de Estado de Agricultura:* Alysson Paulinelli.

*Titular do Cartório:* Abílio Machado Filho.

*Secretário de Estado de Fazenda:* Fernando Antônio Roquette Reis.

*Incorporador:* Victor Andrade Brito.

*Testemunhas:* Oswaldo Pieruccetti e Gentil Guilherme de Faria Souza.

**Responsável Atual:** João Alberto Paixão Lages

### **Origem e características da instituição**

A CeasaMinas é uma empresa de economia mista do Governo Federal, vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Fundada em 1971, por meio da lei nº 5.577/1970, a CeasaMinas entrou efetivamente

em operação em 1974. A empresa tem como missão promover soluções em abastecimento para o desenvolvimento equilibrado do sistema agroalimentar, exercendo papel estratégico na coordenação do sistema, operando na normatização, na oferta de infra-estrutura e de serviços. A empresa possui e administra diretamente seis entrepostos atacadistas de gêneros alimentícios, com a sede na unidade da região metropolitana de Belo Horizonte, e as demais unidades localizam-se nos municípios de Barbacena, Caratinga, Governador Valadares, Juiz de Fora e Uberlândia.

### **Atividades oferecidas pela instituição**

A empresa desenvolve projetos sociais nas seguintes áreas: Criança e Adolescente, Educação de Jovens e Adultos, Inclusão Digital, Segurança Alimentar, Meio ambiente e Cultura.

Ações permanentes: Combate ao Trabalho Infantil, Combate ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes no entreposto, Rede interinstitucional (comprometimento de um grupo de instituições): DRT, Polícia Militar, Prefeituras de Contagem e Ribeirão das Neves, Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social, Conselhos Tutelares, dentre outras. Campanhas educativas, abordagens para identificação de crianças e adolescentes, encaminhamentos para escola e programas sociais. Foi criado na empresa o Comitê de Responsabilidade social Empresarial, que busca promover ações voltadas ao desenvolvimento sustentável, preservando recursos ambientais e culturais para as gerações futuras, respeitando a diversidade e promovendo a redução das desigualdades.

### **Nº de crianças, adolescentes/jovens atendidos**

– *Adolescente Aprendiz*: 09 adolescentes de 15 a 17 anos e 11 meses

- *Pequeno Jardineiro*: 10 adolescentes de 16 a 17 anos e 11 meses
- *Juventude cidadã*: 90 jovens de 16 a 24 anos
- *Escola Ceasa Cidadã*: 90 adultos e jovens
- *Telecentro/ Inclusão Digital*: 210 crianças, adolescentes e adultos
- *Segurança Alimentar (Banco de Alimentos)*: 11.921 crianças, adolescentes /2007

### **Endereço completo**

Contato: Nadir Alvarenga Duque (Assistente Social)

Telefone: (31) 3399-2239/3399-2270

*E-mail*: nadir@ceasaminas.com.br

*Site*: www.ceasaminas.com.br

## **CENTRO DE EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO VIRGILIO RESI - CEDUC**

### **Data da Fundação**

Julho de 2005

### **Nome dos Fundadores**

Elenice de Oliveira Matos

Júlia Maria da Silva

Janice Luna

Cláudia Pedras

Marilene Rodrigues

Ana Paula Ferreira

## Responsável Atual

Elenice de Oliveira Matos

### Origem e características da instituição

A obra nasceu com o intuito de ser um lugar de educação e preparação do jovem para o trabalho, a partir de uma companhia que estimula e acompanha cada jovem na busca de sua realização humana. Quer ser um lugar de referência e um pólo irradiador de cultura para a juventude e um espaço de interlocução e construção educativa com as empresas.

### Atividades oferecidas pela instituição

- *Cursos de qualificação profissional*: Operador de Telemarketing, Operador de Caixa, Promotor de Vendas, Repositor, Atendente de Lanchonete e Padarias, Auxiliar Administrativo, Auxiliar de Contabilidade, Informática, Jardinagem. Fabricação de Cosméticos e Material de Limpeza. A entidade monta os cursos de acordo com a necessidade do mercado ou do cliente.
- *Encaminhamento ao Trabalho*: cadastro dos jovens qualificados no banco de dados, captação de vagas de trabalho, recrutamento e seleção de candidatos, entrevistas individuais.
- *Acompanhamento no trabalho*: visitas nas empresas, atendimentos individuais, oficinas “Ciclos do Trabalho” (encontros mensais para discussão e avaliação da experiência no trabalho ou da busca de trabalho).
- *Oficina de Teatro*: para adolescentes em preparação para ingressar nos cursos profissionalizantes ou no mundo do trabalho.
- *Encontros Culturais*: passeios nas cidades históricas; festas comemorativas, visitas a museus, etc.

### **Nº de crianças, adolescentes/jovens atendidos**

2006: 270 jovens em formação profissional e 12 nas oficinas de teatro, totalizando: 282 jovens.

Inseridos no mercado de trabalho: 130 jovens

2007: 314 jovens em formação profissional e 10 em oficinas de teatro, totalizando 324 jovens.

Inseridos no mercado de trabalho: 80 jovens.

### **Endereço Completo**

Av. Cristiano Machado, 9883 – Heliópolis – Belo Horizonte – MG.

CEP: 31760-000 – Tel: (31) 2103-2704

*E-mail:* elenice@ceducvirgilioresi.org.br

## **OBRAS EDUCATIVAS JARDIM FELICIDADE / CENTRO SOCIOCULTURAL ALVORADA**

### **Data da Fundação**

Dezembro de 1999

### **Nome dos Fundadores**

Rosa Brambilla

### **Responsável Atual**

Luciomar Antonio de Aquino

### **Origem e características da instituição**

A Instituição nasceu da necessidade de atender às mães da comunidade Jardim Felicidade, que não tinham onde deixar seus filhos, enquanto pudessem trabalhar. Esta necessidade,

unida ao desejo da fundadora de dar uma educação para a vida a essas crianças e famílias, motivou ainda mais essa origem.

A instituição tem por missão

- Tornar a criança e o adolescente capazes de compreender melhor a maravilhosa aventura para a qual são chamados a viver, propiciando-lhes encontros e experiências guiadas;
- Contribuir com o crescimento humano das crianças e adolescentes atendidos, tendo em vista o desenvolvimento de sua personalidade nos aspectos cognitivos, sócio-afetivos e humanitários.

### **Atividades oferecidas pela instituição**

As Obras Educativas Jardim Felicidade trabalham com 3 programas, a saber:

- Educação infantil (0-5 anos): são desenvolvidos aspectos de formação de hábitos de higiene, desenvolvimento psicomotor, desenvolvimento físico e humano, isto é, a criança na sua totalidade.
- Socialização infanto-juvenil (6-15 anos): desenvolvemos várias atividades, dentre as quais: apoio escolar, futebol, basquete, vôlei, vídeos, informática, capoeira, teatro, canto coral, arte em madeira, jogos e brincadeiras diversas, além de alimentação, atendimento odontológico e formação humana.
- Menor Aprendiz (15-18 anos): encaminhamento ao trabalho. Cursos de Educação profissional e Formação Humana e encaminhamento de adolescentes e jovens para práticas bancárias e de escritório.

### **Nº de crianças, adolescentes/jovens atendidos**

120 crianças de 0 a 5 anos

200 adolescentes de 6 a 15 anos



96 adolescentes de 15 a 18 anos

Total: 416

### **Endereço Completo**

Av. Professora Gabriela Varela, 580 – Conjunto Felicidade –  
Belo Horizonte – MG

CEP: 31060-170 – Tel: (31) 3408-4000

*E-mail:* [centroalvorada@obraseducativasbh.com.br](mailto:centroalvorada@obraseducativasbh.com.br)

*Site:* [www.obraseducativasbh.com.br](http://www.obraseducativasbh.com.br)

## **ISJB – INSPETORIA SÃO JOÃO BOSCO/UNIDADE: CENTRO JUVENIL DOM BOSCO**

### **Data da Fundação**

16 de Dezembro de 1988

### **Nome dos Fundadores**

Inspetoria São João Bosco

### **Responsável Atual**

Pe. Levy Ferreira das Neves

### **Origem e características da instituição**

O Centro Juvenil Dom Bosco é uma instituição sem fins lucrativos, criada e mantida pela Inspetoria São João Bosco, sociedade civil, da Congregação Salesiana, que há 60 anos desenvolve ações educativas voltadas para a promoção do ser humano na sua integralidade. Na Paróquia Cristo Luz dos Povos, situada no aglomerado Cabana, na Regional Oeste de Belo Horizonte/MG, um grupo de pessoas da comunidade, sensíveis à situação das crianças e adolescentes do bairro, com o apoio do Pároco, começou a se articular para a criação de um

espaço que acolhesse esse público. Por meio da reivindicação da comunidade local, surge então em 16 de dezembro de 1988, o Centro Juvenil Dom Bosco, que desenvolve atividades com as crianças e adolescentes da região em período para além da escola. No início, a entidade funcionava apenas com educadores voluntários e 31 educandos atendidos. Como a demanda da comunidade era maior, a mantenedora da obra, Inspetoria São João Bosco, decidiu ampliar o atendimento e, para isso, iniciou a busca de parceiros. Houve contratação de educadores e, em seguida, a construção de um Projeto Político-Pedagógico com base na Pedagogia Salesiana e no Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei 8069/90.

A missão da instituição é proporcionar aos jovens em situação de vulnerabilidade social formação integral e humana. Atende diariamente 300 crianças e adolescentes na faixa etária de 06 a 16 anos, moradores do aglomerado Cabana Pai Tomás e bairros circunvizinhos. O aglomerado possui uma população de mais de 70 mil habitantes. As famílias atendidas possuem renda per capita na faixa de um salário mínimo e contam com os benefícios dos programas governamentais (bolsa-família, bolsa-escola, outros). O Centro Juvenil Dom Bosco tornou-se um centro de referência para a comunidade local contribuindo para a melhoria da qualidade de vida dos educandos e suas famílias, mediante a garantia dos seus direitos e da possibilidade de acesso a uma educação integral e alternativa.

Mais que assistir crianças e adolescentes em suas necessidades básicas, o Centro Juvenil Dom Bosco é um espaço educativo voltado para fazer com que o público atendido tenha valores éticos para participarem da sociedade como cidadãos conscientes, responsáveis, solidários e capazes de enfrentar os desafios na construção do seu projeto de vida.

### **Atividades oferecidas pela instituição**

Por meio de atividades esportivas, de lazer, cultura e profissionalização, realizadas em período complementar à escola, a instituição elabora um trabalho educativo e preventivo, almejando que crianças e adolescentes desenvolvam um projeto de vida longe das drogas, do tráfico e da violência. Diversas atividades são realizadas nesse sentido: apoio pedagógico, psicológico, oficina de artesanato, iniciação à construção civil, pintura, desenho, música (violão, flauta doce, teclado e coral), capoeira, esporte, teatro, expressão corporal, informática, desenvolvimento profissional, acompanhamento e orientação sócio-familiar, dentre outras.

Outro projeto funciona como extensão das atividades, o Pré-Upset – Pré-Universitário Padre Sebastião Teixeira. O curso acontece em espaço cedido pelo Colégio Salesiano, em Belo Horizonte, e destina-se a jovens e adultos economicamente carentes, em especial oriundos das escolas públicas. Atualmente cerca de 110 jovens participam do curso.

### **Nº de crianças, adolescentes, jovens atendidos**

6 a 9 anos: 36

10 a 12 anos: 128

13 a 15 anos: 132

16 a 18 anos: 4

Total: 300

### **Endereço completo**

Rua São Carlos, 201 – Madre Gertrudes – Belo Horizonte – MG

CEP: 30512-740 – Tel: (31) 3386-3826

*E-mail:* [artcjob@salesiano.br](mailto:artcjob@salesiano.br) e [diroscept@salesiano.br](mailto:diroscept@salesiano.br)

Contato: Fabiana Rios – Articuladora Social

Cláudio Rosa Bastos – Vice-Diretor

## CENTRO JUVENIL SALESIANO

### **Data da Fundação**

2 de Julho de 1993

### **Registro no Cartório**

30 de Julho de 1993

### **Nome dos Fundadores**

Fundado e mantido pelo Fundo de Ação Salesiana e pela Inspeção São João Bosco. A criação dessa instituição se deu em reunião Extraordinária da Assembléia Geral Inspeccional em Cachoeira do Campo/MG, onde estavam presentes o Sr. Inspetor Alfredo Carrara de Melo.

### **Responsável Atual**

Pe. J3sus Henriques de Melo (Diretor)

### **Origem e caracteristicas da instituic3o**

*Miss3o da Instituic3o:* Contribuir para a educaç3o-evangelizaç3o da juventude, especialmente a mais pobre e necessitada.

*Apresentaç3o:* No ano de 1993, percebeu-se a incid3ncia de casos de viol3ncia envolvendo adolescentes e jovens, que viviam na regi3o do bairro Itatiaia, regi3o que historicamente foi marcada pela aus3ncia de espaços destinados à socializaç3o do p3blico infante-juvenil, ocasionando assim um quadro de ociosidade e de falta de perspectivas em relaç3o ao futuro para essa parcela da populaç3o local.

Visando minimizar os efeitos da falta de oportunidades, atrav3s do oferecimento de um espaç3o diferenciado que pudesse possibilitar aos adolescentes e jovens a viv3ncia educacional e social, criamos em 02 de Julho de 1993, o Orat3rio Festivo

Bartolomeu Garelli, fundado e mantido pelo Fundo de Ação Salesiana e pela Inspetoria São João Bosco. A partir de então, passamos a oferecer à comunidade do bairro Itatiaia e dos bairros localizados em seu entorno, um local de convivência para os adolescentes e jovens, proporcionando-lhes momentos de práticas esportivas, recreativas e de lazer, além de ações voltadas para a formação humana, cristã e cidadã.

A partir do envolvimento e do desejo da comunidade, as atividades ampliaram e, no segundo semestre do ano da fundação do Oratório Festivo Bartolomeu Garelli, constituiu-se o Centro Juvenil Salesiano. Passamos, então, a oferecer oficinas de informática, de corte e costura destinadas à iniciação profissional dos adolescentes, jovens e seus familiares; acesso às artes e à cultura através de oficinas de iniciação teatral; telecurso 2000 e curso pré-vestibular comunitário como forma de possibilitar-lhes formação educacional.

Hoje, o Centro Juvenil Salesiano atende à população do Bairro Itatiaia – regional Pampulha/BH - além dos bairros vizinhos Santa Terezinha, Paquetá, Serrano, Sarandi, Urca, Tijuca, São Mateus, Recanto da Pampulha, Arvoredo II e Confisco.

Nossa meta é proporcionar aos adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social desenvolvimento integral, orientando, motivando e estimulando a construção de projetos de vida consistentes e promissores, pautados pela solidariedade e pelo exercício da cidadania.

### **Atividades oferecidas pela instituição**

- Escola de Informática e Cidadania  
Nº Educandos/ano: 270
- Corte e Costura  
Nº Educandos/ano: 24
- Pré-Upset

Nº Educandos/ano: 90

- Telecurso 2000

Nº Educandos/ano: 300

- Iniciação Teatral

Nº Educandos/ano: 30

- Biblioteca Comunitária

Nº Usuários cadastrados: 601

- Oratório Festivo Bartolomeu Garelli

Realização das atividades: semanal (domingos)

Nº Envolvidos: 250 pessoas

### **Nº de crianças, adolescentes/jovens atendidos**

2006 – Total: 515

2007 – Total: 598

### **Endereço Completo**

Rua Carlos Campos Mota, 567 – Itatiaia – Belo Horizonte  
MG

CEP: 31360-660 – Tel: (31) 3476-1122

*Email:* [cjsbh@salesiano.br](mailto:cjsbh@salesiano.br)

*Site:* [www.centrojuvenilsalesiano.com.br](http://www.centrojuvenilsalesiano.com.br)

*Diretor:*

Pe. Jésus Henriques de Melo – [dircjsbh@salesiano.br](mailto:dircjsbh@salesiano.br)

*Coordenação Educativa e Pastoral:*

Rosilene Aparecida de Brito – [caepcjsbh@salesiano.br](mailto:caepcjsbh@salesiano.br)

## **CIRCO DE TODO MUNDO**

### **Data da Fundação**

Ano de 1993

### **Nome dos Fundadores**

Maria Eneide Teixeira

### **Responsável Atual**

Maria Eneide Teixeira

### **Origem e características da instituição**

O Circo de Todo Mundo surgiu do desejo de um grupo de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e pessoal. Eles escolheram este nome objetivando transformar em realidade o sonho de poder usufruir de um espaço artístico. E esta vontade consolidada pelo trabalho do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua/Projeto Recreação, acabou por integrar-se às estratégias de intervenção do Programa Infância Desfavorecida no Meio Urbano, da União Européia – PIDMU, fazendo nascer uma construtiva parceria rumo à concretização do sonho dessas crianças e adolescentes.

### **Atividades oferecidas pela instituição**

Oficinas artísticas e lúdico-recreativas de circo: Malabares, Equilibrismo, Acrobacia Aérea e de Solo

Sala do Saber Paulo Freire: um espaço com livros, contação de histórias, jogos de raciocínio, pesquisas a Internet e apoio às atividades escolares

Oficinas de formação humana

Oficinas de artesanatos às famílias das crianças e adolescentes.

**Nº de crianças, adolescentes/jovens atendidos**

600 crianças, adolescentes e jovens por mês

**Endereço Completo**

Rua Santo Agostinho, 1441 – Horto – Belo Horizonte – MG  
CEP: 31035-480

*Email:* [circodetodomundo@circodetodomundo.org.br](mailto:circodetodomundo@circodetodomundo.org.br)

**INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS/CENTRO  
MARISTA CIRCUITO JOVEM-BH****Data da Fundação**

Ano de 2001

**Nome dos Fundadores**

*Fundador da Instituição Marista:* Marcelino José Bento Champagnat

*Gerência Social da Província Marista do Brasil Centro Norte* representada pelo Ir. Vicente Falqueto e Dilma Alves

**Responsável Atual**

- *Superior Geral da Instituição Marista:* Irmão Seán Sammon
- *Superior da Província Marista Brasil Centro Norte:* Irmão Claudino Falcheto
- *Diretor do Centro Marista Circuito Jovem-BH:* José Maria Pinheiro de Oliveira

**Origem e características da instituição**

*Missão do Centro Marista Circuito Jovem – BH:*

Educar e evangelizar jovens, fundamentada em São Marcelino Champagnat, para formar cristãos e cidadãos



comprometidos na construção de uma sociedade sustentável, justa e solidária, promovendo o protagonismo juvenil.

O Centro Marista Circuito Jovem é uma unidade social da União Brasileira de Educação e Ensino-União Brasileira de Educação e Cultura (UBEE-UNBEC), localizada no Bairro Nova Vista, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Objetiva realizar a missão marista através de um trabalho contextualizado nesta realidade social e cultural, apoiando famílias em situação de vulnerabilidade, visando especialmente famílias com crianças, adolescentes e jovens através de atividades que promovam as seguranças de acolhida, renda e convivência familiar e comunitária, no nível de proteção social básica da assistência social.

### **Atividades oferecidas pela instituição**

#### *Formação Profissional:*

- Educação Digital com construção do jornal comunitário.
- Corte e costura
- Almojarifado
- Vendedor
- Operador de caixa

#### *Programa de Apoio Sociofamiliar:*

- *Prosa & Arte* – desenvolve atividades de âmbito comunitário, com o objetivo de ampliar o acesso dos indivíduos e das famílias à cultura, à informação e à reflexão, oferecendo espaços de participação e de construção de valores, bem como de fortalecimento das identidades culturais e dos vínculos familiares e comunitários. Atividades desenvolvidas: teatro, dança, semana da família, rodas de conversa, música, cinema, contos.

- *Oficinas de sociabilidade* – grupos com o objetivo de refletir sobre questões relacionadas aos vínculos familiares e comunitários, em duas modalidades: convivência e reflexão.
- *Encaminhamento à rede socioassistencial* – encaminhamento das demandas apresentadas pelas famílias no que se refere à segurança de acolhida.

### **Nº de crianças, adolescentes/jovens atendidos**

*Atendimentos realizados em 2007:*

- Oficinas de Formação Profissional: 189
- Programa de Apoio Sociofamiliar: 400
- Encaminhamentos à rede assistencial: 109
- Disponibilização do laboratório de informática para pesquisa: 200 atendimentos/mês.

### **Endereço Completo**

Rua Lunds Ferreira, 255 – Nova Vista – Belo Horizonte – MG

Tel.: (31) 3468-8287 – Telefax.: (31) 3468-8444

*Email:* [circuitojovem@marista.edu.br](mailto:circuitojovem@marista.edu.br)

## **CENTRO MARISTA CRERENDO**

### **Data da Fundação**

Março de 2000

### **Nome dos Fundadores**

Gerência Social da Província Marista do Brasil Centro Norte representada pelo Ir. Vicente Falqueto e Dilma Alves.

## **Responsável Atual**

Mariluce Gelais Filogônio

### **Origem e características da instituição**

O Centro Marista Crersendo traduz a proposta de Marcelino Champagnat, fundador da Instituição Marista – França, 1817, de oferecer aos adolescentes e jovens um espaço de promoção humana por meio da evangelização e educação.

Idealizado para atender adolescentes e jovens da Regional Oeste de Belo Horizonte, autores de atos infracionais, por meio do acompanhamento à Execução da Medida Socioeducativa de Prestação de Serviço à Comunidade, o Crersendo compreendeu desde sua fundação a necessidade de socialização e intercâmbio desses jovens, ampliando sua proposta de atendimento à comunidade por meio do apoio socioeducativo.

É missão do Crersendo:

- Educar e evangelizar adolescentes e jovens em situação de risco pessoal e social por meio de práticas socioeducativas que fomentem o protagonismo;
- Primar pela busca de parceiros para a viabilização dos programas e fortalecimento da rede de proteção e defesa dos direitos da criança e adolescente.

### **Atividades oferecidas pela instituição**

- Execução da Medida Socioeducativa de Prestação de Serviço à Comunidade
  - Acolhimento ao adolescente e sua família, criando espaço para que ele construa vínculos que favoreçam sua adesão ao Serviço; fale de sua circunstância de vida; do ato infracional e de suas conseqüências; compreenda e construa um significado para o cumprimento da Medida; elabore projeto de construção da medida.

- Encaminhamento para e acompanhamento do cumprimento da Medida Socioeducativa.
- Apoio Socioeducativo
  - Arte e Cultura: Capoeira, Artes Integradas (Artes plásticas e Teatro).
  - Imagem Pessoal: Cursos de qualificação profissional em Cabeleireiro, Manicure e Estética e Beleza (estética facial, corporal, depilação, tendências afro, noções de cosmetologia, maquiagem, cabeleireiro, manicure, gestão de pessoas, gestão de negócios, história da estética) e Reparo em Eletrodoméstico.
  - Cultura Criativa Digital: uso dos recursos tecnológicos no desenvolvimento de projetos.  
Informática: básico e avançado.
  - Geração de Renda: Oficina Criando Tramas (artesanato).
  - Educação Popular: Alfabetização de Adultos e Pré Vestibular Comunitário.
  - Preparação para o mercado de Trabalho: capacitação, orientação profissional, encaminhamento para o trabalho.
  - Esporte: Futsal

### **Nº de crianças, adolescentes/jovens atendidos**

*Beneficiários diretos em 2006*

1º semestre: 520 2º semestre: 620

*Beneficiários diretos em 2007*

1º semestre: 463 2º semestre (até setembro): 313

### **Endereço Completo**

Rua das Canoas, 630 – Betânia – Belo Horizonte – MG

CEP: 30580-040 – Tel: (31) 3383-1031

*E-mail:* [crsendo@marista.edu.br](mailto:crsendo@marista.edu.br)

## **PREFEITURAMUNICIPALDEBETIM–SECRETARIA MUNICIPALDE EDUCAÇÃO–SEMED–PROGRAMA PARCERIA ESCOLA & EMPRESA – PAE&E**

### **Data da Fundação**

Abril de 2001

### **Nome dos Fundadores**

*Prefeito:* Carlaile Pedrosa

*Secretário de Educação:* Mauro Silva Reis

*Coordenadora de Programas de Responsabilidade Social:* Mércia Aparecida Santana Antunes

### **Responsável Atual**

*Secretário de Educação:* Carlos Abdalla

*Coordenadora do Programa Parceria Escola & Empresa – PAE&E:* Mércia Aparecida Santana Antunes

### **Origem e características da instituição**

Formalizar parcerias com empresas a partir de sua responsabilidade social, através de projetos que privilegiem a qualidade da educação com prioridade para os alunos de maior carência socioeconômica, e benefício mútuo para os parceiros.

### **Atividades oferecidas pela instituição**

**EMPRESAS PARCEIRAS DA EDUCAÇÃO MAIS ATUANTES:**

– EMPRESA FIAT AUTOMÓVEIS:

- “Projeto Árvore da vida” (Cursos de formação para educadores e educandos; Musicalização; Dança; Geração de trabalho e renda.

- “Projeto ABC+ Alfabetização de Jovens e Adultos – EJA”
- EMPRESA REFRIGERANTES MINAS GERAIS LTDA – REMIL/COCA COLA
  - “Programa Coca cola de Valorização do Jovem-PCCVJ”
- EMPRESA COPASA
  - “Projeto Chuá”
- CENTRAIS ELÉTRICAS DE MINAS GERAIS – CEMIG
  - Cemig nas escolas;
  - PROCEL;
  - Campanha Educativa de Prevenção de Acidentes na População – CEPAP.
- EMPRESA FERROVIA CENTRO-ATLÂNTICA SA – FCA
  - “Programa Cidadania nos trilhos”
- EMPRESA /INSTITUIÇÃO – UNIVERSIDADE FEDERALDEMINASGERAIS –UFMG/ INSTITUTO AYRTON SENNA
  - “Projeto Guanabara”
- EMPRESA PETROBRAS
  - Projeto Plantando o Futuro”
- EMPRESA CNI INFORMÁTICA
- EMPRESA MICRONET
- EMPRESA/ INSTITUIÇÃO BANCO HSBC
- EMPRESA FOTO E STUDIO KAMARGOS
- EMPRESA ULTRAJATO
- EMPRESA KLABIN:

- “Programa KLABIN Jovens do Futuro”
- EMPRESA ATUAL
- EMPRESA COR & ARTE
- EMPRESA BETIM CALHAS
- INHOTIM – CENTRO DE ARTE CONTEMPORÂNEA
- PARQUE ECOLÓGICO VALE VERDE

**Nº de crianças, adolescentes/jovens atendidos**

Aproximadamente: 52.000 alunos

**Endereço Completo**

*Secretaria Municipal de Educação – SEMED:*

Rua Felipe dos Santos, 320 – Centro – Betim – MG

CEP 32510-170 – Tel: (31) 3539-2525 – (31) 3531-3589

Telefax: (31) 3531-3131

*Site:* [www.betim.mg.gov.br](http://www.betim.mg.gov.br)

*Setor Parceria Escola & Empresa-PAE&E:*

Av. Amazonas, 1577 – sala 301 – Centro – Betim – MG

CEP: 32560-190 – Tel: (31) 3532-2734

Telefax: (31) 3531-4411

*E-mail:* [parceriaescolaempresa@gmail.com](mailto:parceriaescolaempresa@gmail.com)

[merciasa@globo.com](mailto:merciasa@globo.com)

**ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DA VILA  
PRESIDENTE VARGAS – VIVA**

**Data da Fundação**

16 de Dezembro de 1984

**Nome dos Fundadores**

Sinval Pereira da Silva, Josefa Gomes, Maria de Lourdes de Freitas, Emídio Pimenta, Pedro Celestino, Geraldo Rodrigues

### **Responsável Atual**

Maria da Consolação Cotta Ponciano – Presidente em exercício da Associação Comunitária da Vila Presidente Vargas

### **Origem e características da instituição**

Vendo a necessidade de melhoria do bairro, os moradores e o líder comunitário Sinval Pereira da Silva se mobilizaram para a constituição de uma Associação Comunitária, já que o Bairro não contava com infra-estrutura adequada. No dia 16 de dezembro de 1984, por meio de uma Assembléia Geral, foi criada a Associação Comunitária da Vila Presidente Vargas, sob forma de pessoa jurídica de direito privado, filantrópica de caráter educacional, cultural, assistencial, de saúde, desportiva e outras. No final de 1988, a Associação Comunitária da Vila Presidente Vargas adquiriu sede própria na Rua Tucano, Beco Hum nº. 45 administrada por uma diretoria eleita pelos moradores da vila, processo esse que ainda se mantém. A entidade teve papel precursor na conquista de serviços públicos como água encanada e rede de esgoto, asfalto e Centro de Saúde. A Associação Comunitária que se originou com o caráter reivindicativo de uma associação de moradores foi aprimorando o trabalho desenvolvido em prol das famílias se tornando uma ONG que atualmente desenvolve atividades e projetos voltados para as crianças, adolescentes e suas famílias.

A Associação tem como missão resgatar a família como um todo e melhorar a qualidade de vida da comunidade, através da promoção da equidade, recuperação da cidadania, dignidade e valorização do voluntariado. A Associação Comunitária, com as parcerias e convênios estabelecidos, tem como proposta desenvolver projetos para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Por isso, um grande desafio que a entidade



tem hoje é contribuir para a formação da cidadania de crianças, adolescentes e suas famílias por meio dos projetos e atividades que desenvolve.

### **Atividades oferecidas pela instituição**

#### *Saúde:*

- Projeto: Promoção à saúde bucal
- Projeto: Horta - Comunitária

#### *Educação:*

- Projeto: Construindo o saber/Educação Infantil
- Projeto: Socialização Infanto-Juvenil
- Projeto: Casinha de Cultura/Brinquedoteca
- Projeto: Biblioteca Comunitária
- Projeto: Arte Favela
- Projeto: Juventude Animada

#### *Desenvolvimento comunitário:*

- Projeto: Agulha Ativa - curso de Artesanato
- Projeto: Clik viva-Inclusão digital

#### *Visitas domiciliares*

### **Nº de crianças, adolescentes/jovens atendidos**

A instituição atende um público de 897 crianças, adolescentes e jovens entre 0 a 19 que recebem atendimento direto, incluindo nesse atendimento 401 famílias. Além desse público, a instituição também atende outras famílias moradoras do Bairro Goiânia e adjacências

#### *Beneficiários diretos - crianças e adolescentes*

Ano 2006: 893

Ano 2007: 1193 (previsão)

**Endereço Completo**

Rua Tiziu, Beco Hum, nº45 – Goiânia – Belo Horizonte– MG  
CEP: 31950-142 – Tel.: (31) 3486-3049

Fax: (31) 3488-4439

*E-mail:* vivaass@terra.com.br

*Coordenação geral:* Rosemary dos Santos Rodrigues

*E-mail:* rosemarysocial@yahoo.com.br

:: :: :: ::

**RELATOS DE EXPERIÊNCIA**

O curso “Vida e trabalho: o risco de educar” foi muito precioso para o nosso trabalho. Os temas abordados foram de grande valia e suscitaram muitas provocações tanto a nível pessoal como profissional.

O tema da Tradição nos remeteu à importância de resgatar a origem da nossa instituição, nos mobilizando de forma a comunicarmos de maneira mais clara a nossa proposta para os jovens e para os educadores. Começamos inserindo em nosso ambiente de trabalho fotos e um painel que retratam a nossa origem; realizamos um encontro de dois dias com os educadores onde aprofundamos juntos o nosso método de trabalho e introduzimos logo no primeiro dia de aula a audição da música “Alvorada”, da autoria de padre Virgílio Resi e Arlete De Bellis, que elegemos como hino do CEDUC.

O curso nos ajudou a estar diante dos jovens de forma mais atenta, a entendermos que ser mestres é antes de tudo nos perguntar “de onde vem o desejo de nos envolvermos com cada um daqueles jovens?”. Estamos cada vez mais atentos ao

amor que temos pelo destino de cada pessoa que encontramos. Ao olharmos para este desejo que nos move, conseguimos estar diante dos jovens com uma postura de aceitá-los como eles são, mesmo quando colocamos limites, pois entendemos que estes limites são para um bem maior. Somos chamados a sermos para estes jovens um “lugar de perdão”, como nos dizia um amigo educador, onde eles são aceitos não pelo que fazem, mas por inteiro, com tudo aquilo que são.

Outro ponto marcante que passamos a ter diante dos olhos é trabalhar com o jovem buscando elevar o seu desejo. Precisamos suscitar neles um fascínio maior, para isso nos propusemos a convidar pessoas que lhes apresentem outras realidades, a promover encontros e passeios que ampliem seus horizontes e a ajudá-los a abraçar sempre mais a realidade, as propostas que surgem e que correspondem ao desejo do seu coração.

Trabalhar com educação é um desafio constante e o que tem nos ajudado nesse processo é a companhia da equipe, com a qual estamos sempre retomando o sentido do nosso trabalho.

*Janice Luna (Supervisora da Educação Profissional do CEDUC)*

:: :: :: ::

Após participar do curso “Vida e trabalho: o risco de educar”, fiquei mais atento ao que acontecia na escola onde trabalho. Essa atenção nasceu das provocações feitas pelos palestrantes e pela forma como o curso foi conduzido, pois nele era favorecido o espaço para relatar a experiência vivida por cada pessoa em sua instituição, o que possibilitou um espaço

de troca e de relacionamento, além do aprofundamento teórico para nos movermos mais diante do desafio que é educar.

Tendo “um lugar onde é possível colocar as próprias perguntas” e percebendo que “a natureza do ser é uma relação”, como nos disse Stefano Giorgi, sem considerar tudo como óbvio, não pude evitar olhar atentamente para a realidade da minha escola, das pessoas que vivem lá comigo e enfrentam esse desafio.

Dessa atenção aconteceu algo inesperado: um grupo de alunos começou um trabalho comigo a partir de uma atividade pedida pela instituição, o Grupo do Jornal. A história do grupo teve origem pelo desejo de tornar a escola um espaço de conhecimento ativo. Isso ficou mais claro para nós quando surgiu a oportunidade de participação no jornal VCTB (Você Também – jornal dos estudantes da rede municipal FUNEC, em Contagem). Cada unidade da Funec teria um participante e foi-nos pedido que fizéssemos, no final de 2006, um concurso para selecionar quem gostaria de ser o representante no editorial desse jornal. Foi perguntado livremente quem gostaria e o grupo que participou do teste percebeu que não terminaria ali aquela história. A partir de um convite meu para ficarmos juntos e sermos companhia para o aluno que seria o representante da nossa unidade no editorial do jornal VCTB, seríamos protagonistas da nossa história e colaboradores daquela escola.

O concurso de charge “Cada um tem o dom de ser capaz de ser feliz” foi a primeira ação deste ano do grupo. Nessa ação, percebi que valorizar a pessoa deles, a partir do desejo que eles e eu temos, doar um tempo para isso (encontramo-nos voluntariamente toda semana por ao menos uma hora), não se tornou mais uma tarefa a ser realizada por mim, mas um momento que ajuda a ressignificar o meu trabalho, a não tornar óbvio meu papel como professor.

Hoje, esse trabalho está se tornando um projeto da escola e aproximou esses alunos e eu das pedagogas, do diretor e de alguns colegas professores. Às vezes, vejo-os passando pelos corredores sem saber o que fazem. Depois descubro que estão realizando uma atividade definida pelo grupo junto com o diretor ou a pedagoga. Antes, poderia pensar que não estavam agindo certo pois não me comunicaram; hoje, porém, percebo que esse acontecimento não me pertence e isso não me faz menos nem me desanima. Pelo contrário, o desejo meu e desses alunos dilatou-se e, para responder a ele, é necessário mais companhia.

*Marcelo Belga (Professor de Língua Portuguesa, Ensino Médio, da Funec Novo Progresso)*

:: :: :: ::

Trabalhar com educação para o primeiro emprego é uma provocação constante. São 113 adolescentes de 15 a 17 anos que desenvolvem aprendizagem no Banco do Brasil e INFRAERO. É um cotidiano repleto de tarefas e solicitações pessoais dos adolescentes, suas famílias, seus coordenadores.

A beleza e o desafio maior é que tudo o que desejo e preciso ensinar aos adolescentes tem de passar pela minha experiência, sobretudo, ter claro o objetivo e o sentido do que faço.

A grande provocação que percebo para mim é querer o bem, o melhor para o adolescente e ter de respeitar a liberdade dele. Muitas vezes tenho que travar uma luta contra as minhas pretensões, mas o fato de ter para quem olhar e pedir ajuda é a arma principal nesse combate. A coisa mais bela que aprendi e

tenho experimentado é o enfrentamento da realidade tal como ela é, levando em conta todos os fatores que a compõem.

Um desses instrumentos de ajuda, que muito me ensinou no modo de enfrentar a realidade, foi o curso Vida e trabalho: o risco de educar, assim como a continuidade de encontros e troca de experiências que se seguiram ao curso.

A beleza de ser educadora está na constante necessidade de ser educada, acolhida e amada. É um contínuo educar-se para educar. Pois é assim que tenho segurança e certeza de ser possível educar a liberdade do jovem sem deixar que a pretensão se sobreponha ao empenho. Muitas vezes, em determinadas circunstâncias, frente a um adolescente eu penso: como agiriam meus amigos diante dessa situação? Numa das aulas do curso, Stefano Giorgi falou-nos sobre a instituição que ele dirige, na Itália (a In-presa), dizendo que “uma obra não nasce de um projeto, mas da necessidade da pessoa”. Isto me permite respirar, olhar para o menino que aprontou de tudo e, no lugar de uma bronca, solicitá-lo com uma pergunta: “você deseja o quê?” Assim nasce um relacionamento, uma responsabilidade, uma liberdade e a certeza de que não sou eu, sozinha, quem faz..

*Lúcia de Fátima Silveira (Coordenadora do Programa Menor Aprendiz  
– Centro Sociocultural Alvorada)*

:: :: :: ::

O curso Vida e Trabalho: o risco de educar proporcionou-me aprendizado, maior compreensão de como educar o jovem, indagação, reflexão, resgate da tradição, coerência, clareza na proposta de educar, credibilidade naquilo

que realizo, risco em educar, pois não somos seres prontos, acabados, mas sim pessoas em construção, em evolução.

O adolescente é um ser em formação psíquica, física e espiritual, e a educação deve apresentar proposta sólida, intensa e motivadora. É necessário apresentar-lhes o significado das coisas, do mundo e de si mesmos, pois a mudança cultural apresentada pela mídia coloca os seres humanos como repetitivos, robotizados, contradizendo a proposta e a resposta educativa. A mídia propõe uma hipótese cética sem fundamentação.

O adolescente precisa de projeto que supere o chamamento ao tráfico e às propostas negativas que trazem destruição para si e para os outros. O jovem carrega um grande desejo em tudo o que quer realizar, quer resposta imediata, às vezes, por uma necessidade do próprio meio em que vive de extrema pobreza ou por ser mesmo uma de suas características. Usa mal o seu corpo, seu tempo, enfim sua vida. Quanto mais inquieto, maior é seu desejo e busca de realização. O educador precisa ser educado a entender que crescer exige desafios, sofrimentos, responsabilidades. Ainda que apresentemos uma proposta e uma resposta, a decepção é uma experiência que sempre vai existir no relacionamento, pois, educar é também risco.

A solicitação do jovem diante do adulto é que este seja uma referência, mesmo nas diversidades, desigualdades em seus aspectos sociais, culturais e políticos que marcam o nosso país.

O conteúdo do curso proporcionou-me uma nova visão na realização do meu trabalho, na maneira como eu via o jovem, e isto me permitiu resgatar a pessoa que existe no adolescente em situação de risco social, pessoal ou em conflito com a lei.

*Nadir Alwarenga Duque (Assistente Social – CeasaMinas)*





## APÊNDICE

### VISITA GUIADA AO MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS

*Marcela Bertelli*<sup>42</sup>

O Museu de Artes e Ofícios (MAO) ocupa o edifício-sede da Estação Central do Brasil, na Praça Rui Barbosa, em Belo Horizonte, com um acervo que conta parte da história do trabalho no Brasil desde a época pré-industrial. O acervo exposto possui, aproximadamente, 2.200 peças confeccionadas em madeira, ferro, couro e cerâmica, datadas do século XVIII ao XX e organizadas por áreas temáticas.

Nosso objetivo ao realizar uma visita guiada ao Museu foi ajudar na compreensão sobre a tradição, do ponto de vista do trabalho. Pensando na realidade dos jovens, as perguntas que nos nortearam a propor uma forma de conhecer o MAO foram relativas a essas questões: Como podemos descrever/

---

<sup>42</sup> Cientista social com ênfase em Antropologia, gestora cultural, diretora da DUO Informação e Cultura, empresa que atua em planejamento e gestão, formação e informação aplicadas a profissionais da área cultural.

fazer transparecer nos jovens uma tradição? Como a tradição acontece, hoje, no trabalho?

Como a visita não tinha o propósito de dar entendimento aos ofícios, mas de abrir caminhos, novos olhares e percepções sobre os gestos, saberes e fazeres humanos numa ótica de tradição, sugeriu-se a cada visitante que não se detivesse nos objetos em si, mas em seus contextos, na forma como estavam organizados entre outros objetos do mesmo ofício, quem os utilizava e como eram operados. Os objetos, portanto, não são historicamente determinados, mas contêm em si um jogo de relações culturais que os caracterizam e os “transportam” para a contemporaneidade, dando-lhes sentido atual e vivo.

A preocupação inicial era despertar interesse pelo acervo. Não com base em idéias preconcebidas de cada um, mas com relação à amplitude de olhares possíveis; partir de experiências pessoais, mas não perder de vista a infinitude de percepções que uma exposição desse tipo pode despertar.

Se observarmos o trabalho e as tradições dos pontos de vista dialético e processual, a tentativa de categorizar as relações de trabalho e o próprio trabalhador apenas como destinatário e receptor da produção dominante leva-nos a considerar o povo como puramente passivo, e essa é uma perspectiva que ignora qualquer capacidade de consciência dos sujeitos envolvidos, além de limitar a cultura às suas formas descritivas e não aos seus processos constantes de recriação. As formas culturais, portanto, não podem ser entendidas como algo inteiro e coerente; ou como inteiramente corrompidas ou inteiramente autênticas, uma vez que são profundamente contraditórias.

Assim, o segundo ponto de método foi apresentar o acervo partindo da humanidade impressa nos objetos. O homem se realiza no trabalho e, portanto, nele lança suas necessidades, seus desejos de verdade, de beleza, de justiça e de companhia. Olhar o Museu partindo desse pressuposto significa uma abrangência maior do que a visão restrita de

que o trabalho signifique exploração de si mesmo e/ou dos outros. Desenhos, rendas, talhas e apliques eram usados para adornar peças que seriam utilizadas por apenas uma pessoa, ou seja, não seriam vistas por outros. A preocupação das pessoas que produziram cada artefato ou peça para que não fossem somente funcionais, mas que tivessem um quê de beleza é evidente. Sobretudo com os objetos da “casa”, ou seja, aqueles usados para “servir”, como fôrmas de pão, de queijo, toalhas, gamelas e mesmo os móveis.

O acervo do Museu representa um “recorte” de tradição. Esse também é um ponto importante a ser considerado. Ele não é uma “conclusão” da vida de trabalhadores. Não representa uma totalidade de ofícios de uma época, tampouco um período restrito na história brasileira. Toda tentativa de colocar em relevo a expressão de vida peculiar da coletividade implica o risco de compreender fatores individuais como coletivos, excluindo as experiências de cada pessoa. É justo que o acervo não tenha condições de tratar com clareza as particularidades de cada objeto, mas as encontraremos, se procurarmos bem: marcas de mãos em objetos de cerâmica, um macacão usado provavelmente por uma única pessoa durante toda a vida e que, por isso, ganhou a forma de seu corpo, um corpo também moldado no trabalho. Objetos que falam de quem os usou e que nos remetem às experiências pessoais de vida.

Convidar os alunos a não serem apenas espectadores no Museu, mas a carregar nos olhos suas próprias experiências de vida, torna possível a compreensão dos objetos (signos) como sinais de histórias vivas, quebrando a noção de tradição como coisa morta, antiga, apenas estética e sobretudo estática, mas, ao contrário, como terreno sobre o qual as transformações acontecem. Assim é possível, hoje, reconhecer a importância histórica de cada objeto, com base nos próprios fatores externos que poderiam homogeneizá-los.

Nosso olhar é que dá sentido. Um olhar carregado de histórias próprias de vida, de experiências possíveis no presente. Como ver uma roda d'água pela primeira vez e “re-conhecer” seus usos por meio de analogias com o que já conhecemos. A água que bate na roda, que faz girar a pedra, que mói o grão. Mesmo que o moinho seja “novo” para um olhar jovem, seu funcionamento é entendido por experiências anteriores de cada um. Perceber tais nexos é reconhecer que todos nós temos tradição.

:: :: :: ::

## UMA EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO

*Alessandra Lara Lima*<sup>43</sup>

Início este texto contando a história de uma menina que sonhava ser professora. No momento das aulas ela tinha imensa fascinação pela professora regente. Anos mais tarde, no início no curso de magistério, determinado pelo pai à garota, ela iniciou sua trajetória, que veio com o convite para trabalhar em uma pequena escola. Vieram a angústia no primeiro momento pela inexperiência e a satisfação no final do ano com elogios dos pais e carinho das crianças.

Daí nasceu a proposta de abrir uma escola. Iniciou-se então o processo de criação dessa escola, da qual fui a autora. A proposta nasceu com base na minha experiência como professora em uma escola infantil e na parte teórica que tinha no magistério. Houve momentos difíceis, alegres, angustiantes

---

<sup>43</sup> Pedagoga e pós-graduada em Psicopedagogia. Recentemente diretora de uma escola particular e professora em escola pública e instrutora de cursos na área de educação. Estudante, fazendo matérias isoladas na UFMG para o mestrado.

e marcantes. Mas a origem daquele processo foi um grande amor pela educação. Um amor baseado no desenvolvimento, no crescimento, na autonomia, na criatividade, no respeito, na liberdade, no senso de justiça, na verdade, na beleza, na descoberta, na evolução da consciência da qual a educação é determinante para o homem.

A identidade da instituição era passada para o educador que se propunha a trabalhar nela por meio de uma reunião, na qual se contava a história daquela escola, que se iniciou do grande desafio em construir um espaço e uma metodologia adequada, criativa e envolvente para criança de Educação Infantil e, posteriormente, para o Ensino fundamental até a 4ª série. À medida que os anos iam passando, o espaço físico da escola aumentava. Então, mais uma vez foi lançado um desafio que se tornou um projeto de vida: a construção de uma nova sede. Mas para a comunidade escolar era tão clara a origem daquele projeto que todos não mediram esforços em ajudar. Foram dez anos de desafios até a finalização da construção da nova sede.

Durante todo esse movimento ficou ainda mais óbvia a riqueza de uma tradição, de uma instituição possuir uma origem, pois sem ela pode-se perder o fio inicial de um projeto.

Visto que o homem se desenvolve por meio de relacionamento, pelo contato com um outro, para que se realize e se torne cada vez mais ele mesmo, as portas da escola foram abertas para cursos sobre o trabalho da escola para professoras de outras instituições. Iniciaram-se, também, aulas para crianças da própria escola e de outras com dificuldades na aprendizagem. Hoje há um espaço para os alunos e a comunidade com aulas de dança e judô. Os pais estão na escola fazendo culinária, participando de aulas e jogos com os filhos.

A cada recrutamento de educadores é passada toda a tradição dessa instituição de maneira formal e informal, por meio de entrevistas, prova escrita e reunião. É feito um

acompanhamento desse educador na escola durante as reuniões com a coordenação, mediante a avaliação do trabalho, visita à sala de aula com o objetivo de orientá-lo em suas dificuldades. Há um grupo de estudos por meio do qual são realizadas discussões de textos, cursos com tema voltado para dificuldades encontradas pelos educadores, além da distribuição aos educadores, mensalmente, de um texto informativo sobre educação. Paralelamente a esse trabalho, fui para a escola pública vivenciar o outro lado da moeda, com o que sempre me propus a fazer: uma educação com amor, com desejo de liberdade e evolução da consciência. Trabalhei em uma escola sem dinamismo, sem recurso, com alto índice de insatisfação. Então, propus ao grupo que criássemos uma equipe de trabalho com grupos de estudo, grupo de teatro com os alunos, sala interativa com jogos, escrita de livros pelos alunos, criação de um mini-supermercado, trabalhos em grupos nas salas, etc.

Imbuída do sentimento de que educação é seguimento dos mestres, veio o trabalho com formação de educadores, no curso de magistério, no qual ministrei aulas e fui coordenadora de estágio por sete anos. E aqui um manifesto “de como meu crescimento foi grandioso”, pois, mais uma vez, a clareza de que não há como ser mestre sem ser discípulo. Devemos estar sempre desbravando conhecimentos com desejo de sempre aprender mais.

Tive a honra de ter como educadora na minha equipe de trabalho uma ex-aluna do curso de formação e pude perceber o brilho que ela tinha no olhar, perante os alunos, seu envolvimento e seu amor ao trabalho. Pude perceber, também, a clareza que ela tinha do que era a educação, sua ética, responsabilidade, sua compreensão e sua busca de crescimento quando diante do desafio. Foi muita felicidade ver o fruto da semente, da educação que fui semeando no coração daquela aluna durante as aulas.

Para refletir sobre a educação, vieram os encontros pedagógicos pela rede Pitágoras, da qual sou instrutora de curso que acontece em diversas cidades do Brasil.

Por último, o trabalho novamente em escola pública, onde há alto índice de alunos infratores, e aí surge a importância dos valores passados pela minha família. A partir disso, venho tentando construir um ambiente educativo sintonizado entre toda a comunidade escolar e mostrar que naquela instituição há pessoas com propostas.

Eis o risco de educar, pois a proposta flui da experiência do educador e a nós é dado amar, sem a pretensão de uma obediência. Portanto, devemos propor continuamente, aproveitando oportunidades para mostrar a razão daquilo que foi passado. Continuar sempre. É preciso superar o desconforto.

Então, durante minha vida fui sendo proposta em alguns momentos e resposta em outros, mas afirmando os valores que carrego e dos quais não abro mão. Em tudo o que foi ministrado havia clareza na proposta pedagógica, por ter um objetivo e, conseqüentemente, um planejamento.

Quando se fala em proposta educativa, é fundamental ter claros os objetivos, a meta, como irá desenvolvê-la e a avaliação.

A escola mencionada é o Colégio Passus, que possui Educação Infantil (2 a 5 anos) e Ensino Fundamental (6 a 10 anos) e se localiza em Santa Luzia.

É importante ressaltar que a escola foi crescendo à medida que fui me desafiando, arriscando e sempre persistindo em busca de realizar o que me propunha a fazer.

Enfim, a todo instante sinto-me provocada a crescer, mudar, criar, desenvolver, o que me impulsiona a ser sempre um discípulo.







